



**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação**

PPGEDU

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

MARTHA LUCI MARIA SOZO

**EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE
UM ESTUDO DE CASO RESSIGNIFICANDO LIDERANÇAS**

**PORTO ALEGRE
2014**

MARTHA LUCI MARIA SOZO

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE
Um Estudo de Caso Resignificando Lideranças

**Tese apresentada ao Programa de Doutorado em
Educação da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção de Grau de Doutor(a) em Educação.**

PROF. DRA. LEDA LISIA FRANCIOSI PORTAL
Orientadora

PORTO ALEGRE
2014

MARTHA LUCI MARIA SOZO

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE
Um Estudo de Caso Ressignificando Lideranças

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção de Grau de Doutor(a) em Educação.

Banca Examinadora:

Profª Drª Leda Lisia Franciosi Portal
Orientadora

Profª Drª Ana Paula Silva (Universidade Lusófona – Lisboa)
Examinadora

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera (Prof. Convidado)
Examinador

Profª Drª Leunice Martins de Oliveira (PUCRS)
Examinadora

Profª Drª Miriam Pires Corrêa de Lacerda (PUCRS)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus pelas ideias inovadoras e pensamentos intrigantes, manifestando-se na força que aqueceu minha fé, enquanto os desafios deixavam transparecer ainda mais sua presença em meu viver. Obrigada, por esse olhar que me iluminou por meio dos raios solares que se aconchegavam na minha sala de estudos, pelos pássaros que cantavam animadamente dizendo que: "tudo vale a pena se a alma não for pequena". (Fernando Pessoa) Estavas também nas árvores que embalavam minha impaciência, nos animais que demonstravam muito afeto, mesmo sem falar. Na estrela cadente que me permitiu continuar sonhando... Eu sei, estavas ali e mediante meus inúmeros pedidos, mas também, abraços de gratidão, só me pedistes: *Leva-me contigo por todos os lugares que já predestinei deverás passar, para sempre aprender e ensinar.*

À orientadora Prof^a Dr^a Leda Lisia - Se o líder deve ser aquele que inspira, a orientadora deve ser aquela que vê a cor da alma, que sente e percebe na voz e no olhar, o estado de espírito de quem está a orientar. Traduzo em palavras o que senti nas vezes que nos sentamos lado a lado, enquanto orientanda e orientadora. Tu me ensinastes a ser forte, sem perder de vista minhas fragilidades. Gratidão pelos momentos iluminados...

Aos Professores do PPGE da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Especialmente ao prof. Dr. Juan Murilo Mosquera. Fiz o que pensei ser o jeito mais científico e afetivo possível para absorver e solidificar saberes: permiti que na competência de cada um de vocês, o conhecimento legado se transformasse em argamassa para minha tese e energia para meu espírito.

À Prof^a Dr^a Ana Paula Silva - Pela acolhida na Universidade Lusófona em Lisboa, pelo afeto e pela grande competência na coorientação da tese. Pois, no curto espaço de tempo que lá permaneci, foi possível comungar do exemplo de líder que inspira. E me inspirastes a tudo fazer com amor, conhecimento e alegria.

Ao Prof. Roque Antunes - (Universidade Lusófona) "Como não existe nada mais precioso que o tempo, também não existe maior generosidade que o perdermos ajudando os outros". Marcel Jouhandeau.

À Prof^a Dr^a Maria Elvira Callapez e João Amaral- O que consagra a diferença entre os seres humanos é a maneira singular, como nos acolhem. Sou grata por tanta humanidade e gentilezas ao me hospedar em vossa casa em Lisboa. "Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho". Mahatma Gandhi.
Obrigada, por estarem no caminho onde eu deveria passar...

Aos Professores da Brahma Kumaris - Pela generosa atenção e receptividade a mim e ao tema proposto na construção da tese, pelo testemunho da filosofia desta ONG transparecendo nas falas, nos projetos e nas atitudes.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) da qual fui bolsista. Meu reconhecimento pela oportunidade impar de dar continuidade à minha formação como educadora. Sinto-me responsável como cidadã e agora Dr^a em Educação, a trilhar um caminho que valorize todos os seres humanos e eleve os conceitos éticos e culturais do nosso país.

Aos meus pais José e Ignez - Vocês foram os primeiros a ouvir minha voz emocionada por mais uma conquista. - Fui selecionada para o doutorado e com uma ótima classificação: Fiquei em 2^o lugar na minha linha de pesquisa... - Que boa notícia, você merece! E à noite meus alunos também comemoravam e um deles me questiona: professora, mas você não vai ficar daquelas pessoas "cheias" porque tem um doutorado. Ao qual respondo: Não! Porque eu já nasci "cheia". Cheia de alegria, de amor pela terra e pelas pessoas, cheia de coragem, de certeza que viemos a esse mundo para ajudarmos uns aos outros. Agora é só ir me aprimorando e penso que educar é mostrar que esse é um caminho possível. - Mas de onde vem tudo isso? -Do primeiro passo da educação - dos meus pais, dos meus avós, dessa genética Italiana e Suíça, de que trabalhar e fazer o bem, "está no sangue". Se terei "outras vidas" eu os escolho para serem novamente meus pais...

À Tia Maria - Gratidão sempre pelas tuas preces, pelo teu exemplo de fé, por nos ensinar a voar, na condição de quem não pode caminhar. Pelos gestos de amor sem medidas, que viestes ao mundo para nos ensinar. "Accenditi come una lâmpada nel tuo cammino dovrai essere luce". (Tagore)

Aos meus irmãos Marco e Moacir - Irmanados por laços consanguíneos, Deus foi muito generoso ao fazer-nos também amigos. Não há melhor presente do que o tempo que passamos

juntos. Hoje temos muito... Mas como foi maravilhosa a nossa infância que transformava cada gesto em Sacramento, desde acender a lanterna às 5h da manhã, a tomar água na caneca do nono Antonio, jogar peteca com o pai no final da tarde, esperar a mãe descascar laranjas para nós, e correr atrás da sombra para chegar mais rápido na escola. E a nona chamando para rezar e a Tia Maria fazendo nossos pratos preferidos. Nossa praia foi o rio, nosso shopping foi o campo, nossa viagem preferida, ir de bicicleta com o pai e a mãe na casa do Vô Ino e da Vó Olinda... Agora não tem mais jeito, Deus só tem uma saída: Continuar nos abençoando!

Luana Sozo - Você foi o primeiro, mais rico e nobre presente da minha vida... Dentre todas as buscas, entre caminhos e atalhos desejo que "tenhas a luz e o poder do conhecimento espiritual". Se Deus escolheu Maria para trazer Cristo ao mundo, te escolheu para trazer a Carolina para o nosso convívio. Creio que ele ainda tem muitas bênçãos para te surpreender nessa grandiosa caminhada.

Carolina Helena - Riqueza amada da dindavó! Você é luz, é terapia, é alegria e mesmo tão pequena, traz sabedoria no olhar de cumplicidade e nas atitudes que a todos encanta. Lembra o dia que te mostrei a estrela grande lá no céu em Maximiliano e você chama a todos para fechar os olhos, juntar as mãos e fazer um pedido? Nós adultos fizemos pedidos de saúde, paz e proteção. Você bem concentrada, pede uma bola de basquete. Então me ensinastes a rezar de um jeito mais confiante e descontraído...

Itacir Perin - Gratidão pelo apoio imensurável, desde os livros para enriquecer a investigação, à lenha para aquecer meus recantos, pois a energia que o fogo traz quando a chama parece tecer uma longa e sábia conversa, enaltece a solidão serena e necessária de quem se propõe a escrever uma tese.

Eliane - Biologicamente não tenho irmãs, por isso tenho o privilégio de escolher apenas grandes mulheres para partilhar afeto, amizade, e prazer pela convivência. Sou grata pela tua presença em nossa família, pelo teu coração generoso que fez seu ninho junto ao meu irmão Marco.

Aos meus tios e primos Sozo, Cavaletti, Fante e Bondan: "A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo. Y en nuestras dudas viven nuestras certezas. porque es preciso perderse para volver a encontrarse". *Eduardo Galean*

Sonia e Lucidio (Quinta da Estancia - Viamão) Na vida, temos momentos gloriosos e outros que vem para reafirmar a grandeza da nossa alma e a persistência em nossos propósitos. Amigos são aqueles que permanecem conosco com as mesmas intenções, com o mesmo amor, nos dois momentos. Então, "O valor das coisas não está no tempo que duram, mas na eternidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis." Fernando Pessoa

Maria Tereza Petrini - Teu jeito de ser amiga me ensinou serenidade e perseverança. "Não ande atrás de mim, talvez eu não saiba liderá-lo. Por favor, nem ande em minha frente, talvez eu não saiba segui-lo. Ande ao meu lado para que juntos possamos crescer e galgar os degraus da elevação da consciência." (Provérbio Sioux)

Arlete Holtz - Uma terapeuta doce, firme, ética e por isso amiga, que nos momentos mais desafiadores me ajudou a manter o foco nos presentes Divinos do meu viver.

Cecilia Belotto - Algumas pessoas carregam títulos de nobreza, outras já nascem com a alma nobre; conseqüentemente só praticam atos de grandeza. Que as mais puras energias do universo estejam sempre contigo e tua família.

Marlene Backes - O corpo é o templo da alma e a nossa casa é onde cuidamos desse templo. Gratidão pelo carinho com que cuidastes de mim e da minha casa, não por obrigação, mas por amor. Que muitas bênçãos ainda se façam presentes em teu viver.

Milena Ferreira (pela revisão do texto) e **Elza Pauletto** (pela versão do abstract) O que sacramenta uma amizade é o jeito singelo como os caminhos se aproximam, por isso: "Existem pessoas que lutam um dia e são boas. Existem outras que lutam muitos anos e são melhores. Porém, existem aquelas que lutam por toda vida... estas são as imprescindíveis." Bertold Brecht.

**Dedico essa tese ao meu melhor amigo (Itacir) que partiu como uma luz que atravessa a ponte, deixando seu rastro luminoso para ir deslumbrar-se em outros horizontes.
Na amizade, o amor se mostra sem máscaras...**

Un` ami ne meurt pás (Velcy Sautier)

Um amigo não morre nunca

Il part seulement

Ele somente parte

Pour un autre univers,

Para um outro universo

Pour gagner d`autres rêves

Para apoderar-se de outros sonhos.

Un ami ne meurt pas...

Um amigo não morre nunca

Il suit le vent,

Ele segue o vento

Sous un azur ravissant,

Sobre um céu encantador

Pour chercher l`infini,

Para descobrir o infinito

Pour trouver la sagesse.

Para encontrar a sabedoria.

Il se promène dans les champs

Ele passeia pelos campos

Sous un rayon de soleil,

Debaixo dos raios do sol,

Pour atteindre l`horizon

Para atingir o horizonte

Pour la vérité découvrir...

Para descobrir a verdade...

Il va partager la beauté,

Ele vai partilhar a beleza,

Sur le chemin du destin,

Sobre o caminho do destino

En laissant à chaque pás

Deixando em cada passo

Un geste d`amour et d`espoir...

Um gesto de amor e de esperança

Un ami ne meurt pas...

Um amigo não morre nunca

Il fait comme le papillon:

Ele faz como as borboletas

Change de forme, gagne des ailes,

Troca de forma, ganha asas,

Monte l`espace et voit sur la terre

Eleva-se no espaço e voa sobre a terra

Ceux qui aiment, qu`il aime aussi.

Amando aqueles que também o amam.

RESUMO

Essa Tese, Educação e Espiritualidade – um estudo de caso ressignificando as lideranças, conceitua e revela nas leituras e constatações da práxis, uma alternativa que encaminha para pensamento e construção de um paradigma que contemple as necessidades de humanização para o século XXI. Na tríade que se conjuga, apresento sem estabelecer uma ordem de importância, os conceitos e significados que a educação tem para a sociedade. Na emergência para encontrar significados para o nosso viver, o estudo deixou perceber na literatura e na busca cotidiana um caminho que propõe uma vivência para a inteireza, um encontro com a espiritualidade do ser humano e o reconhecimento da inteligência espiritual, sem estar atrelada a alguma crença ou religião. A educação rebuscada em seus conceitos e práticas fundamenta, com a razão do seu status na escola e na sociedade, um ancoradouro no qual podemos alicerçar o comprometimento do ser humano, que almeja o encontro com a constante busca do saber e com a evolução espiritual.

Nessa linha de pensamento e convicção, a pesquisa propõe um ressignificado às características e à função dos líderes como sujeitos inspiradores de sábias virtudes, por meio da conduta e da convivência com seus colaboradores, inspirados pela prática da meditação.

A abordagem metodológica foi um estudo de caso simples, de cunho qualitativo, que estuda o fenômeno no local onde esse ocorre, ONG Brahma Kumaris, conceituada internacionalmente por seus cursos e projetos que personifica, com sua prática, esperança e certeza, a construção de um mundo mais pacífico, contribuindo para a formação de líderes que estejam dispostos a trabalhar pelas causas mais emergentes desse terceiro milênio.

Utilizou-se como instrumentos a participação da pesquisadora no curso de Meditação Raja Yoga e entrevista com a coordenadora dessa ONG e professores ministrantes do referido curso, tendo como categorias emergentes: Razões e Significados na Vida dos Professores da BK, Filosofia e Valores da BK alicerçados pela Meditação e

Experiências e Expectativas no Exercício da Liderança, construídas com as orientações básicas dos autores Jager, Cambi e Libâneo para Educação, Zohar, Solomon e Wilber para Espiritualidade e Robinson, Lück e Gilley para Liderança.

Tais resultados permitiram construir a tese de que é emergente e possível o entrelaçamento entre Educação e Espiritualidade, tendo como alternativa o exercício da meditação Raja Yoga na prática de uma liderança que encaminhe para ressignificação do nosso viver na busca da inteireza do Ser Humano.

Palavras – chave: Educação, Espiritualidade e Liderança.

ABSTRACT

This thesis, Education and Spirituality – one case study re-signifying the leads, concepts and reveals in the readings and in the find out of the praxis, an alternative that leads to the thinking and the building of a paradigm which attends XXI Century necessities of humanization. In the trilogy that is conjugated, it is presented, without established importance order, the concepts and meanings that the education has to society. In the emergency to find meanings to our lifetime, the study let to perceive in the literature and in the daily search, a way that proposes a living for the completeness, a meeting with the human being spirituality and spiritual intelligence recognition, no attached to a belief or religion. The education school and in the society, an anchorage in which it may be founded the engagement of the human being that desires the meeting with the constant knowledge search and with the spiritual evolution.

At this thinking line and conviction, the research proposes a re-signifying to the leaders' characteristics and functions as subjects that inspire wise virtues by means of the conduct and the acquaintance with their collaborators, inspired by the meditation practice.

The methodological approach was a simple case study, of qualitative feature, which studies the phenomenon at the place in which it occurs, ONG Brahma Kumaris, internationally respected by its courses and projects, that personifies, with its practice, hope and certainty, the building of a more pacific world, contributing to the formation of leaders that are ready to work for the most emergent causes of this third millennium.

The instrument used for this research was the participation of the researcher in Meditation Raja Yoga Course and an interview with this ONG coordinator and teachers that minister the referred course, having as emergent categories: Reasons and Meanings in the BK teachers' life , Philosophy and Values of the BK founded by Meditation and Experiences and Expectations in the Lead Exercise, building with the

basic orientations of the authors Jager, Cambi and Libaneo for Education, Zohar, Solomon and Wilber for Spirituality and Robinson, Lück and Gilley for lead.

Such results let to construct the thesis of that is emergent and possible the interlace between Education and Spirituality having as alternative the meditation Raja Yoga exercise in the practice of a lead that conduct to the re-signification of our lifetime in the search of the Human Being completeness.

Key words: Education, spirituality, lead

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 EDUCAÇÃO: História e Desafios	26
1.1 Perspectiva diacrônica	29
1.2 Pedagogia – o conhecimento sistematizado da educação.....	40
2 - ESPIRITUALIDADE: entre a ciência e o transcendente	46
2.1 Inteligência Espiritual.....	53
2.2 O entrelaçar da Educação, Espiritualidade e Liderança.....	61
3 LIDERANÇA – A influência que inspira.....	67
3.1 Líderes e Liderança.....	68
3.2 Espiritualidade e Ciência na pratica da Liderança.....	74
3.3 Liderança e Gestão Escolar	77
4 HISTÓRICO E FUNDAMENTAÇÃO DA FILOSOFIA DE TRABALHO DA ONG BRAHMA KUMARIS.....	85
5 ABORDAGEM METODOLÓGICA	95
Uma trilha para investigar um Estudo de Caso com Observação Participante	95
5.1 O emergir da essência da BK - Meditação Raja Yoga	102
5.2 Historia e significados na Liderança da Coordenadora da BK	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
ANEXOS	167
GLOSSÁRIO	171

INTRODUÇÃO

“Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, somos seres espirituais vivendo uma experiência humana”.

Teilhard de Chardin

Na experiência humana em que somos submetidos a viver quando aportamos nesse planeta, somos também impelidos, seja pelas culturas ou pelas necessidades essenciais de convivência e sobrevivência, a incluir em nossa condição humana e social a Educação como meio alternativo de um processo emancipatório, embasada em ideias e princípios dos primeiros pensadores da humanidade até os educadores da contemporaneidade. Amparados por essa necessidade de evoluir, de tornarmo-nos melhores como pessoas, de estarmos sempre investigando e aprendendo; vislumbramos a necessidade do bem viver, buscado por meio de diferentes propósitos individuais de cada ser humano, mas que convergem para um mesmo significado, encontrar satisfação no que realizamos, descobrindo nos pensamentos e nas ações cotidianas onde está a felicidade. Se quase automaticamente sabemos que precisamos alimentar nosso corpo físico, necessário se faz desenvolvermos nossa consciência do quanto também se faz imprescindível alimentar nosso espírito.

Consciência, segundo Humphrey (2012) é a capacidade de experimentar sensações formadas por uma representação mental. Assim a consciência, enquanto estado de espírito, “é o estado cognitivo com que as representações funcionam como alimento para influenciar o que se pensa e o que se faz” (p.20). Reconhecendo os

propósitos da Educação e percorrendo os caminhos da espiritualidade, percebe-se abarcarem pensamentos e experiências que se consolidaram em três décadas de uma vida de professora educadora, exercidos nos princípios e na responsabilidade que compete aos líderes. Essas contingências me conduziram para uma investigação como Tese de Doutorado, tendo como tema: Educação e Espiritualidade – ressignificando as lideranças. Direcionar o enfoque da pesquisa para os líderes, parte da minha crença que se alicerça no poder inspirador deles emanados. Com isso, pretendo mostrar a importância dessa temática para o momento em que a humanidade preparada ou não, se depara com situações inusitadas nesse 3º milênio.

Há transformações evidentes em nosso entorno, trazendo-nos, às vezes surpresas, por outras perplexidades quando nos dispomos a relacionar e interpretar fatos. Seria o apocalíptico fim dos tempos? Estamos vivenciando inúmeras e significativas conquistas e descobertas no campo da ciência, porém os relógios continuam a marcar o mesmo tempo de 60 minutos por hora. Vivemos com a impressão de um tempo que passa rápido demais, que nos escapa e que, portanto, nos dificulta vencermos a meta de atingirmos os projetos idealizados, consciente ou inconscientemente. Nas constantes buscas que nos remetem à conquista da felicidade, cada vez mais produtos quase milagrosos trazem a juventude à tona. Tecnologias e instrumentos são aprimorados quase que diariamente e nos conectam com qualquer parte do mundo em poucos minutos. Em contrapartida, grande parte da população enfrenta horas na espera por vaga nas escolas e até meses por atendimentos de saúde.

Os temas abordados nessa tese me fazem pensar sobre a possibilidade de aproximação entre o que já estudamos e deduzimos e entre o que realmente acontece nas práticas sociais. Observo muitas situações que se contrapõem entre o necessário e o supérfluo e a distância entre o ser e o ter anuncia estarmos muito distanciados de um ponto de equilíbrio que possa nos trazer harmonia, que conjugue o conhecimento e o bom senso, que amplie nossa consciência sobre os valores a serem ressignificados como a honestidade, a paz e a cooperação. Essas questões me causam angústia, pois vivemos entre a paz que desejamos e as ofertas de uma compra simbólica e ilusória de coisas que momentaneamente poderiam preencher nossos vazios

existenciais. Como isso interfere nas questões pertinentes à educação e à espiritualidade? Como os líderes podem contribuir para a difusão da necessidade de constituir-se um ser humano de inteireza alicerçando seu poder inspirador de influência?

Posso dizer, pela experiência e pelas leituras realizadas, que educação e espiritualidade envolvem todos os seres humanos, e é com elas que aprendemos os princípios básicos para o cuidado conosco e a convivência em grupos. Ao incluir a liderança nessa tese, aceno para a viabilidade de um comprometimento junto aos que exercem, de alguma forma, o papel de líder inspirador que os impele culturalmente a serem vistos como referência.

Nessa perspectiva, essa tese apresenta como grande objetivo:

Fundamentar e subsidiar por meio da pesquisa a importância que a espiritualidade traz como uma das bases para obter-se qualidade de vida em sua estreita relação com a educação e a responsabilidade com que os líderes pretendem responder a questão problema:

Como educação e espiritualidade podem influenciar no exercício de uma liderança que inspire a efetiva busca dos seres humanos - um sentido para a vida?

O tema escolhido é relevante para o nosso tempo, a começar pela educação, pois em cada espaço de convivência ela se faz possível e necessária, seja na família, na escola ou na sociedade. Nosso olhar e nossa expectativa estão voltados para os valores que se expressam nas atitudes contextualizadas na educação, visíveis desde a fila no banco, às normas do trânsito, ao atendimento em hospitais ou lojas comerciais, acenando para os direitos e deveres de todos os cidadãos.

Já passamos muito tempo apegados e encantados com as múltiplas possibilidades das conquistas materiais. A entrada do século XXI chegou manifestando aos seres humanos sede e fome daquilo que possa suprir também as necessidades do espírito, trazidas aqui como a busca constante de um sentido para o nosso viver. Segundo Victor Frankl: *“o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir”* (2009, p. 135).

Por essa razão, também enfatizo nessa pesquisa as questões pertinentes à espiritualidade, entrelaçada com uma educação contextualizada em seu aspecto Holístico.

“O Holistic Education Network do ACSA descreveu a educação holística como um conjunto de visões da educação que procuram educar completamente a pessoa. Isso inclui estudos de visões interconectadas do mundo, tais como as de relações corpo/mente, de inteligências múltiplas, de análise de conceitos de espiritualidade e de prática em sala de aula, além de estudos que abordam, a partir de visões holísticas, as pessoas, as culturas... o estudante é visto como uma pessoa global com corpo, mente, emoções e espírito.” (Yus, 2002, p.16).

Ao refletir sobre esse conceito, que transcende a educação formal a qual apresenta uma formação voltada para o mundo do trabalho e deixa uma lacuna na formação do ser humano, dou-me conta do quanto estamos distantes dessa prática que olha para o aprendente como um ser de corpo, mente, emoções e espírito e que por certo são poucos os que olham para si mesmos com esse olhar, que ousa interpretar, ser um olhar de amor.

Há uma preocupação justa para se afirmar ou autoafirmar sobre o que é científico para validar pesquisas, viabilizar oportunidades no meio acadêmico e tratar da educação como uma ciência, fundamentando as teorias da aprendizagem e atribuindo ao conhecimento o caráter científico, sem reduzir os espaços e oportunidades que manifestam também nossos sentimentos e emoções, revelando uma educação numa perspectiva mais humanista. À educação compete não só a informação, mas ajudar a pensar estabelecendo coerência entre teoria e prática, proporcionando ao aluno tornar-se um sujeito autônomo, bem como um sujeito melhor nas suas atitudes para com o mundo. Nesse sentido, Rousseau, um dos grandes pensadores do século XVIII, escreve um verdadeiro tratado sobre educação quando diz:

“Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Quem entre nós melhor sabe suportar os bens e os males desta vida é, a meu ver, o mais bem educado; daí decorre que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a instruir-nos em começando a viver; nossa educação começa conosco; nosso primeiro preceptor é nossa alma. Por isso, esta palavra *educação* tinha, entre os antigos, sentido diferente do que lhe damos hoje: significava alimento.” (1979, p. 16).

O autor segue tecendo seus comentários para dizer que educar é ensinar a viver e que o viver não se conta pelo número de anos, mas pela maneira como sentimos a vida. Assim, percebo que os conceitos trazidos entre o século XVIII e o

século XXI traduzem, cada um deles na linguagem de sua época, ideias semelhantes para se compreender e vivenciar o ato de educar.

A expressão: “precisamos alimentar o corpo e o espírito” é contemporânea e parece dar continuidade a um chamado que poucos conseguiram ouvir. Educar traz em si um processo contínuo de sempre educar-se. É um caminhar que envolve cumplicidade entre educador e educando e que assim se traduz na linguagem de Gusdorf (1995) “*Ser mestre é ser verdadeiramente discípulo. O ensino começa quando o mestre aprende com o discípulo, quando o mestre se situa no que o discípulo compreendeu.*” (p. 140, 141). Esse processo desencadeia um aprender com significado, pois vai constantemente apresentando uma interação entre o que se ensina e a capacidade de perceber se aconteceu a aprendizagem, bem como se aprender gerou satisfação para o aprendiz.

É oportuno pensar que estamos em plena era tecnológica em que as máquinas substituíram muito do fazer humano; máquinas essas, inventadas pelo próprio homem que agora as percebe como não podendo acessar a paz, a solidariedade, o afeto, a saúde física e mental, imprescindíveis para a busca constante do ser humano: a felicidade. Percebo especialmente, por meio das vivências e dos embasamentos teóricos que venho estudando, quanto os seres humanos estão buscando, cada vez mais, respostas para seus questionamentos sobre o sentido da vida, bem como força necessária para os desafios do cotidiano, passando a encontrar sustentação quando se permitem alimentar-se física e espiritualmente.

Nessa linha de pensamento, percebo quanto ainda fragmentamos e determinamos o que pertence a cada área do próprio conhecimento, quando deveríamos vislumbrar onde os pontos se encontram e convergem para a integralidade do ser. Acredito que pensar, discutir e traçar novos conceitos e significativas vivências para uma tomada de consciência de quem somos nós, os outros e o universo é imprescindível para compreender e vivenciar essa integralidade.

Essa competência também diz respeito aos líderes, pois acredito que buscamos inspiração naqueles que empreendem seus conhecimentos e práticas, bem como posições e cargos, para atribuírem significado à busca comum entre os seres humanos, o bem viver.

Gilley (2003) apresenta em seu livro *Liderança com o Coração Aberto*, significativas reflexões sobre qualidades que um líder precisa cultivar em si. Dentre elas, pontua o significado do respeito para com os seus liderados:

“Para compreender o tipo de respeito que um líder defende tenazmente, temos de nos voltar para o significado original da palavra. A palavra respeitar vem do latim, e que significa ‘olhar muitas vezes para trás’. Quando respeitamos as pessoas damos a elas o benefício da dúvida. Estamos dispostos a dirigir nossa atenção para novas considerações ou olhar novamente para as antigas e notar que devia haver inicialmente ali algo que deixamos de perceber. Desafiamos nossas pressuposições iniciais. Enxergamos as possibilidades positivas. Vemos perspectivas que tínhamos deixado de perceber.” (p. 62).

Ao compactuar com essa ideia, acredito que o líder ensina pelo exemplo frente às pessoas com as quais convive. Nessa perspectiva, um líder instiga as pessoas a aprenderem pelas ações que motivam o crescimento tanto pessoal quanto profissional, promovendo o bem-estar e uma convivência coerente entre o dizer e o fazer.

Gilley reitera esse propósito, afirmando que a grande qualidade de um líder é a integridade, desenvolvida na coerência do seu pensar, falar, sentir e no significar suas ações. Trata também da questão do conhecimento fazendo parte dessa integridade, para que o líder possa “falar com o coração aberto”, revelando segurança e despertando confiabilidade entre eles inspirada e compartilhada, remetendo-nos para uma atitude que requer capacidade e vontade quando sugere que os líderes em seus locais de trabalho “devem conhecer o coração e o espírito”(p.63) dos funcionários, traduzindo numa maneira de respeitar o outro e de oportunizar a vivência da espiritualidade.

A autora faz uma espécie de convocação para que os líderes tenham muito presente o cuidado para consigo próprios, o equilíbrio e a harmonia trazidos pela reserva de tempo para si, como elementos imprescindíveis para a defesa e a manutenção de um ser espiritualizado, inspirador de espiritualidade.

Sugere ainda aos líderes que pratiquem diariamente algum exercício espiritual, dentre eles: a oração, a leitura de um livro, a prática de meditação, tocar um instrumento musical, a arte de pintar ou fazer esculturas; bem como o cultivo de encontros informais com amigos a fim de compartilhar os propósitos de suas vidas...

Na sequência desse argumento, penso nos líderes que por sua maneira de ser, quer em posições hierárquicas ou não, influenciam em seus grupos de convivência, sendo vistos e tidos como referência a serem seguidos. Para tanto, reforço a questão nos relacionamentos que primeiro devem incluir o respeito para consigo, para que depois possam se estender na relação com os outros. É o líder que faz frente às decisões e que precisará mais do que nunca olhar para as pessoas sem confundi-las como apenas um número de funcionários ou com a produtividade das máquinas.

O respeito entre líderes e liderados não poderá ser confundido com paternalismo, prevalecendo o espírito de cooperação, de trocas, de partilhas. Compreendo o líder como alguém que inspira pela capacidade de influenciar, seguida do investimento e de um olhar humanizador para com as pessoas do grupo no qual deve ser visto como referência.

Com esse intuito, procurei um grupo que tem por objetivos proporcionar, na prática, essas vivências e aproximei-me da Organização Brahma Kumaris (BK). Essa Organização Não governamental trabalha em 135 países no mundo, apenas com voluntários que designam parte do seu tempo, oferecendo cursos e apoio para escolas e organizações por meio dos seus projetos, que visam oportunizar um viver mais equilibrado por meio do exercício da meditação.

Considerando o momento histórico da humanidade, a chegada do 3º Milênio, percebo que, em tudo e por tudo, precisamos constantemente buscar o equilíbrio. Esse equilíbrio diz respeito ao corpo e a mente, à busca de compreensão perante as atitudes do cotidiano, bem como tempo para o trabalho e o lazer. Estando o corpo e a mente em sintonia, em harmonia, não permitindo que pensamentos destrutivos que incluem raivas, mágoas, competições acirradas, tomem conta das melhores horas de cada dia do nosso viver, pois o corpo físico carrega e sente todos esses sentimentos e sensações, passamos a delinear espaços em nosso conviver que carecem do entendimento: o que é viver nossa espiritualidade. Esses questionamentos integram a filosofia da BK que responde a muitos deles, por meio da prática de Meditação Raja Yoga e de outros projetos que serão mais evidenciados no capítulo quatro.

Essa temática, envolvendo educação e espiritualidade que hoje reacende e ganha espaço na mídia e nos meios acadêmicos, sempre esteve impregnada nas

minhas práticas de vivência tanto pessoal quanto profissional. Acredito que a temática em debate deve antes de qualquer outro propósito, encantar e apaixonar o próprio pesquisador. Não pode, portanto, ser realizada apenas pela necessidade ou exigência de um programa, ou porque se encontra no auge das discussões em determinado momento da história.

Questiono-me como os fatos, os valores, o espaço onde vivemos/convivemos, alimentados por uma cultura, influenciam a construção de uma identidade e determinam valores sobre os quais pautamos nossa vida. Sempre tive como preocupação observar as consequências trazidas por uma educação mais rígida, desde os conceitos que podem se transformar em preconceitos e que muitas vezes contribuem para um viver que carrega em seus dias tristeza, desafetos e doenças, ou que contribuem para que tenhamos alegria, bondade, capacidade de resiliência, constituindo-nos seres mais equilibrados e saudáveis.

Trago para reflexão o fato de que a intenção que colocamos em cada ato praticado traz consequências com as quais somos comprometidos e responsáveis.

Quando a natureza sente que a valorizamos, ela amplia este amor que lhe dedicamos, fazendo-o retornar a nós. A consciência de que todos somos um se eleva em toda forma de vida que se sente respeitada; todos os reinos começam a se integrar quando nos comunicamos com eles através do coração. Em essência, nós sempre fomos parte uns dos outros. (HAPPÉ, 1997, p.31).

Nas minhas concepções, uma pessoa que age em muitos momentos de sua vida com arrogância, com atitudes que denotam necessidade de autoafirmação, que menosprezam alguns para supervalorizar outros, denota desequilíbrio, falta de sincronicidade entre seu corpo, mente e espírito. Para isso, todos nós, seres humanos, precisamos de cuidados. Um dos caminhos para atingir esse cuidado é o que nos possibilita ampliar nossa consciência sobre os cuidados tanto com o nosso próprio aspecto físico que inclui alimentação, exercícios, trabalho e lazer, como no aspecto espiritual e emocional que inclui desde o amor a si ao amor para com os outros e para com o planeta que habitamos. E, para o exercício desse cuidado, necessário se faz considerar o ser humano na sua inteireza.

Portal (2006) define a inteireza do ser:

“... como uma proposta de autoconstrução do ser humano, voltada para a interioridade de seu próprio Eu, redescobrimo-se em suas dimensões constitutivas: social, emocional, espiritual e racional, que desenvolvidas de forma equilibrada são essenciais para a ressignificação de sua dignidade.” (2006, p.77).

Educação e espiritualidade, interagindo com o conceito e com a vivência de liderança, formam uma tríade que se integra e complementa as necessidades do ser humano e sua felicidade. Notícias, cursos, palestras e vivências informam que a humanidade rebusca desde as práticas mais antigas às mais contemporâneas, um viver mais verdadeiro e coerente entre o que dizemos, pensamos, sentimos, significamos e fazemos, conseqüentemente, um viver mais saudável. Meu viver pessoal e profissional me faz pensar, interagir e estudar continuamente sobre essa tríade na qual cultivo um viver pautado entre verdades relativas e contínuas indagações, como ser social e educadora, assim evidencio e sustento em minhas palavras e atitudes.

A educação, indispensável para todos os povos, merece esse investimento, pois precisamos educar nossa sensibilidade, nosso modo de viver, rompendo paradigmas já estabelecidos de que “ter” se sobreporia ao “ser”. Ser mais compreensivo, por exemplo, pressupõe um exercício desde o conhecer o desenvolvimento do ser humano, suas relações com o mundo que nos traz informações, conceitos, desafios, bem como surpresas e encantamentos. Esse exercício, a educação, poderá ensinar para que líderes e liderados não se sobreponham hierarquicamente, mas aprendam um caminho em que juntos possam crescer, desenvolvendo talentos, ampliando consciência sobre suas buscas e necessidades e assim revelar harmonia nas práticas do cotidiano.

A espiritualidade, trazida como ponto de equilíbrio para se alcançar essa prática harmoniosa por um viver mais saudável e coerente, ressurge desde as buscas individuais às práticas coletivas nas organizações que, de uma maneira ainda discreta, passam a investir em momentos de vivências que contemporizam o entrelaçar do trabalho com lazer e meditação. Eis a relevância social para o tema proposto: investir num eu saudável. Se cada partícula está bem, o conjunto será mais inteiro, mais saudável. Humberto Maturana nos traz um pensamento essencial e aparentemente simples: “De fato, ficamos enfermos quando nos é negado o amor como modo de convivência.” (2008, p.15).

É tempo de entendermos e aceitarmos que podemos ser melhores do que somos, que podemos criar hábitos mais saudáveis e dentre eles, ressaltar, aprender a conviver. E entenda-se neste aprender uma convivência entre os humanos e o universo.

A busca do conhecimento, o acesso à Universidade tornou-se mais comum no final do século XX e início do século XXI. Os meios de comunicação nos trouxeram possibilidades de acessar o mundo. Porém, o nosso mundo interior está em defasagem, pois toda a mídia também se encarregou de uma supervalorização da aparência exterior, e entramos em desequilíbrio.

Há uma convicção para os educadores holísticos, “*da existência de uma fragmentação de todas as esferas da vida humana.*” (YUS, 2002, p. 13), seja no aspecto da vida econômica, social, pessoal e cultural. E a escola, por sua vez, continua a reproduzir essa fragmentação por meio das disciplinas, por mais que se fale em processos interdisciplinares, multi e transdisciplinares.

É preciso conhecer, buscar pesquisar, para que nosso pensamento esteja ativo, porém o conhecimento deve servir para humanizar, para ser compartilhado, para que as práticas do nosso viver sejam melhoradas. De que adiantariam os títulos, a inteligência e mesmo a riqueza material, se não tivermos a menor noção de solidariedade e de que estamos neste mundo para nos ajudarmos uns aos outros? O que nos falta nesse mundo pós-moderno, senão uma busca e um encontro com o real sentido para o nosso existir? Um compromisso pela vida que nos torne mais sensíveis para encontrar um significado maior, para este viver?

O século XX deixou uma visão fragmentada de ser humano. Teremos a tarefa para este século XXI de resgatar uma visão e uma vivência de um ser que vive por inteiro, sem deixar de contemplar sua individualidade e de ver no outro um irmão e não apenas como um concorrente, o que sinaliza um sentido da vivência de seres mais espiritualizados. Solomon corrobora nesse sentido ao dizer que:

“Há espiritualidade, também em nosso senso de humanidade e camaradagem, em nosso senso de família. Há admiração e espiritualidade no sentimento de que não estamos no completo controle de nossas vidas, de que há forças que determinam o nosso curso, que não compreendemos, mas que ainda assim parecem ter algum propósito.” (2003, p. 25).

Diante disto, essa pesquisa vem com o sentido de esclarecer e divulgar o estudo dessa busca de equilíbrio do ser humano, numa época propícia para tal e que comece pela educação, pois aí se dá o primeiro ensaio do viver em sociedade.

A educação pode também apresentar e propor a vivência dos princípios básicos de fortalecer nossa espiritualidade, desde alimentar-se corretamente a criar hábitos que proporcionem práticas para ampliação de nossa consciência.

Para tal, acredito nas lideranças, na instância em que se encontrem, como figuras motivadoras de práticas mais saudáveis em relação aos cuidados que precisamos ter para conosco e para com os pares com os quais convivemos.

Assim esse relatório de tese está composto por cinco capítulos, dos quais o primeiro versará sobre uma breve retrospectiva da história da educação e sobre os conceitos e concepções que temos até os dias de hoje, contemplando questões teóricas e práticas para alicerçar a necessidade que a enlaça com as questões da espiritualidade e da liderança. No segundo capítulo, apresento a Espiritualidade como componente desvelador dos princípios e das necessidades humanas, interligada ao ato de educar e à extensão que a torna imprescindível para o exercício da liderança.

O terceiro capítulo contempla a importância e o desdobramento dos significados atribuídos aos líderes e ao exercício da liderança, considerando aspectos teóricos, desmistificando a figura do líder como sendo aquele que está no comando e que aos seus liderados apenas compete à prática da obediência e do medo. Acena uma liderança impregnada dos sentidos da educação e da espiritualidade com a intenção de rever valores outrora atribuídos e que hoje almeja um reinventar o que realmente queremos de um líder, para entrarmos em harmonia com as buscas do nosso tempo, que se revelam em palavras como solidariedade, amorosidade, sem deixar de lado o progresso, mas desvinculando-o apenas do crescimento material. Desenvolver habilidades e competências que nos tornem mais humanos, mais conscientes do que estamos por fazer nesse planeta, também caracteriza uma forma de progresso, talvez até agora conceituada, apenas numa estreita relação com o mundo da matéria.

No quarto capítulo congrego as questões históricas e algumas das atividades propostas pela BK, que tem seus fundamentos embasados na prática de valores como

a cultura da paz, da solidariedade e das vivências da espiritualidade, versando sobre sua filosofia e a Meditação Raja Yoga. Na sequência, o quinto capítulo integra a metodologia dessa pesquisa de cunho qualitativo, com a abordagem de Estudo de Caso – Único, com as temáticas já citadas, permitindo fazer uma análise detalhada do tema proposto, situando a participação dos professores e da coordenadora da BK em suas respectivas entrevistas. Optei também pela inclusão de um glossário, com a intenção de esclarecer termos que foram utilizados durante o processo de escrita. As definições que apresento são as que mais convergem e sintonizam com o meu pensamento e com as teorias que alicerçaram a tese construída.

Por último, nas considerações finais, deixo transparecer minhas reflexões e aprendizados, teorias e práticas, enquanto justifico algumas escolhas para tecer a tese, em um movimento que avançou sem responder todas as minhas dúvidas e crenças, mas instigando mais e mais interrogações, que se fazem necessárias para manter vivo o espírito investigativo.

1 EDUCAÇÃO: História e Desafios

“O homem é a medida de todas as coisas”

Protágoras (A Paidéia, p. 326).

A Educação e sua história trazem um conjunto de teorias e práticas envolvendo saberes que atribuem significados sobre o que nós educadores almejamos ensinar, conjuntamente com as metodologias que favorecem a capacidade de aprender. Evoluímos na ciência e na tecnologia, buscamos na formação continuada afirmação sobre o nosso saber que consolida a construção do conhecimento que será partilhado com nossos alunos e eles, hoje mais questionadores, nos interpelam com suas buscas, tornando-nos, nós e eles, sempre aprendizes em construção. Educar mesmo que repetidas vezes tenhamos acessado o significado etimológico da palavra educação, cabe-nos agora retomar a sua origem. Com isso, a educação se traduz com a lucidez da sua origem proveniente do latim: *educare* traduzida por alimentar, cuidar, e *educere* se traduz pelo significado de: tirar para fora de, conduzir para algum lugar.

Podemos evoluir na perspectiva de ampliar esse primeiro ensaio para definir educação, mas sua raiz será sempre mantida para que adaptemos a prática conforme os avanços e descobertas de cada época, porém mantendo seu significado original. Assim, a educação traz como propósito moldar ou adaptar o comportamento conforme a sociedade propõe, determina e espera que seja refletido na prática.

A educação começa por inspirar, desde a infância, valores, princípios, regras sociais que se transformam em comportamento, pois vamos, nos ajustando e naturalmente correspondendo à prática de atitudes convencionais que se integram à sociedade e nos instrumentalizam para que dela façamos parte.

Libâneo (2010) reporta-se a algumas concepções para abranger as definições de educação. A concepção naturalista, que atribui uma importância aos fatores biológicos do desenvolvimento, ao afirmar que a influência externa age como reguladora dos processos internos, apresentando como finalidade da educação o significado acima referido: *“tirar para fora o que já existe na natureza do indivíduo”*. (p.74) A concepção pragmática concebe a educação como um processo de desenvolvimento do ser humano que é provocado pelas necessidades tanto físicas quanto sociais. Fundamenta seu pensamento em Dewey, quando esse afirma: *“A educação é uma constante reconstrução ou reorganização da nossa experiência”* (p.75) trazendo um sentido esclarecedor para a experiência, aumenta nossa aptidão para as experiências seguintes. Segue para as concepções espiritualistas que concebem a educação por um processo interior, pelo qual a pessoa vai se aperfeiçoando, ou seja, há uma busca para atingir um ideal de perfeição. Para a concepção culturalista a transmissão dos bens culturais se transformam em forças espirituais internas.

O processo educativo realiza o encontro de duas realidades: a liberdade individual, cuja fonte é a vida interior, e as condições externas da vida real, o mundo objetivo da cultura. Apropriando-se dos valores culturais, o indivíduo forma sua vida interior, sua personalidade e com isso pode criar mais cultura. (LIBÂNEO, 2010, p. 76)

A seguir, as concepções ambientalistas atribuem ao ambiente externo à força que configura a conduta, conforme as exigências da sociedade. Durkheim, citado por Cambi, concebe a sociedade como a propiciadora de valores aos quais os educandos devem se submeter, afirmando que: *“A educação é um aprendizado social por parte do indivíduo e um meio para conformar os indivíduos às normas e valores coletivos por parte da sociedade.”* (Cambi, 1999, p.469) Também nessa concepção, **os behavioristas** definem o homem como um ser moldável e que aprende e desenvolve características conforme o ambiente externo.

Para as concepções interacionistas, o ser humano se desenvolve biológica e psicologicamente na interação com o ambiente. Piaget, Wallon e Vygotski apresentam uma definição comum sobre aprendizagem, ao revelar que é um processo interativo em que os sujeitos constroem seus conhecimentos interagindo com o meio, numa inter-relação constante entre fatores internos e externos. A aprendizagem traz mudanças para o comportamento do indivíduo, mas quem amplia e garante o ato de aprender é a educação. Para Vygotski (1998), aprender concebe o desenvolvimento de várias capacidades, dentre elas a de focalizar a atenção em várias coisas. O processo de aprender “*incorpora uma ordem intelectual*” (p. 109) que estabelece bases para novas aprendizagens. Aliada ao processo da aprendizagem, a educação, terá sempre um caráter socialmente determinado conforme “*a época e os lugares, as normas sociais, os valores, os modelos de vida, de trabalho e de relações entre as pessoas e que correspondem a modelos socialmente dominantes*” (Libâneo, 2010, p.80).

Com isso, Libâneo confere um amplo sentido para a educação, designando-a como conjunto dos processos formativos que acontecem no meio social e que promove o desenvolvimento individual, configurando a existência humana. Reafirma assim que a educação visa ao desenvolvimento e à formação dos seres humanos que se traduz em conhecimentos, valores e habilidades. Esses, por sua vez, tornam-se viáveis pela prática educativa, preconizada pela Pedagogia que revela as teorias e as práticas da educação e que executa um movimento dinâmico ao apresentar transformações conforme a realidade dos processos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Portanto, objetivos e conteúdos são alterados conforme as mudanças e as carências sociais, permitindo que a Pedagogia na atividade educativa “*seja ciência sobre a atividade transformadora*” (Libâneo, 2010, p.96), passando a considerar o conhecimento como impulsionador de transformações, contribuindo para o processo de humanização e socialização do conhecimento. Assim, a educação é constituinte e constitutiva das relações sociais.

Cambi (1999) aponta para o surgimento da sociologia da educação com Durkheim, afirmando que essa estuda “*as relações entre os diversos componentes de*

um sistema educativo como a ideologia que o orienta e os fins pedagógicos que propõe os conteúdos, a formação docente” (p. 499). Para melhor compreendermos tanto as definições como a função da educação, apresentamos um pouco da sua história, bem como a constatação de algumas influências que permanecem até nossos dias.

1.1 Perspectiva diacrônica

A História da Educação nessa tese tem como propósito rebuscar teorias e ensinamentos desde os primeiros pensadores, os filósofos e que até os dias de hoje citamos e estudamos a sabedoria dos questionamentos e da busca da verdade, trazendo desafios sobre o conhecimento, a ética, a justiça; percorrendo caminhos que instigam melhor convivência entre os seres humanos. De forma sucinta, ao resgatar um pouco da história da educação queremos pontuar alguns aspectos que nos remetem a um pensar questionador sobre algumas características que permanecem arraigadas ao nosso tempo e às nossas concepções de educação.

Sócrates (470-399 a.C) encanta, mas também incomoda as pessoas do seu tempo, ao estabelecer diálogo filosófico com os jovens daquele tempo com a intenção de despertar as consciências, ao exercitar a célebre frase “conhece-te a ti mesmo”. É conhecido como o Pai da Maiêutica, sendo ele filho de uma parteira, considerava que o papel do filósofo assemelhava-se ao da parteira, essa, ajudava as mães a darem a luz aos filhos e o filósofo ajudava a dar à luz às ideias, primando pela busca da sabedoria por meio do diálogo. Assim, estabelecia conversas com as pessoas em praça pública para discutir o que eram as coisas, nomeadamente os conceitos de virtude, o bem, a verdade. Era sempre pela busca da verdade, nunca encontrada e como não poderia ser encontrada, não poderia ser ensinada.

Os sofistas atribuíam duas modalidades para a educação do espírito, um pelo conhecimento já escrito e outro pelas ações práticas. Protágoras representa a formação do espírito atribuindo para a poesia e a música as forças que modelavam a alma, juntamente com a gramática, a retórica e a dialética. Foi com os sofistas que *“a Paidéia, no sentido de uma ideia e de uma teoria consciente da educação, entra no mundo e*

recebe um fundamento racional”. (Jaeger 1979, p. 322). Também foram considerados os fundadores da ciência da educação, apresentando como fundamento do humanismo a educação humana sobrepondo-se à educação técnica e profissional.

Para os Sofistas, a *Arete* devia estar baseada no saber, cuja intenção inicial não era a educação do povo, mas dos chefes. Os que desejavam ser políticos ou chefes deviam basear-se nessa educação voltada para as virtudes e o saber.

O objetivo da educação sofista era a formação do espírito, e isso encerra uma extraordinária multiplicidade de processos e de métodos. Sem embargo, podemos encarar esta diversidade pelo ponto de vista unitário da formação do espírito. Basta para tanto que nos figuremos o conceito de espírito na multiplicidade dos seus aspectos possíveis. Por um lado, o espírito é o órgão através do qual o Homem apreende o mundo das coisas e se refere a ele. (JAEGER, 1979, p. 317)

Foram os Sofistas que ministraram seus ensinamentos por dinheiro e trabalhavam para um público seleto de cidadãos mais abastados. Sócrates, no entanto, é um cidadão simples que conversa com espontaneidade sobre qualquer tema e em qualquer ocasião, tornando-se para a juventude ateniense uma referência, pelo entusiasmo com que explanava suas ideias, começando por designar seus ensinamentos, por Filosofia, traduzida por: amigos da sabedoria.

Outro nome que configura na história é Platão, (427-347 a.C.) que foi discípulo de Sócrates e que dentre outras ideias traz no “Mito da Caverna”, contribuições para se pensar na educação até hoje. A ciência do conhecimento (episteme) é que faz com que vejamos a luz, retratada no Mito da Caverna como sujeitos que vivem acorrentados e sem ver a luz do conhecimento. Essa por sua vez é uma realidade que está fora da caverna; assim é necessário que alguém a veja e motive os outros a retirarem as próprias correntes e caminhar em direção à luz, que por metáfora significa buscar o conhecimento. Segundo Cambi (1999), Platão defende dois tipos de Paidéia: uma mais ligada à formação da alma e outra aos papéis sociais dos indivíduos.

“A alma se eleva através da beleza (que parte dos corpos belos para chegar à beleza em si, à sua ideia) e assim se espiritualiza por meio de uma ascese ao mesmo tempo ética e cognitiva, atribuída à dialética. Já nesse

primeiro modelo de formação, ligado à condição do homem `aprisionado na caverna´ do corpo e da doxa (opinião) sublinha-se o forte acento individual e dramático da Paideia, cujo objetivo é o reconhecimento da espiritualidade da alma e da sua identidade contemplativa.” (p.89).

Nesse pensamento, entendemos que a alma retrata nossa identidade, e a beleza traduz o que há de essencial em cada indivíduo, o que o caracteriza e diferencia dos outros seres. O aprisionamento refere-se ao fato de a alma precisar de um corpo físico para manifestar sua existência. Enquanto vivemos, nossa alma está aprisionada em nosso corpo.

Seguimos para Aristóteles (384-322 a.C) que foi discípulo de Platão e conceituou virtude como um hábito adquirido entre a moral e a intelectualidade. Segundo Reboul (1984) para Aristóteles, “A educação não transforma o caráter, que tampouco produz, pois o caráter é inato, imutável e escapa a qualquer mudança.” (p.108).

Para Aristóteles, a virtude era um meio que se apresentava entre as virtudes morais e intelectuais. Para os estoicos, “a essência da virtude estava em viver em harmonia com a natureza”. (Peters, 1974, p, 39) Era entendida como um atributo próprio da nobreza, por apresentar um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais tais como a bravura, a coragem, a força, a destreza, a eloquência, a capacidade de persuasão, traduzidas em heroicidade. Os atributos que se tinha como propósitos a serem desenvolvidos eram alcançar a excelência física e moral.

No século III, Período Romano, a educação enfatizava a formação moral e física. Estava baseada no texto das Doze Tábuas, fixada em 451 a.C. publicamente para que todos pudessem vê-lo. Nele configurava os valores do espírito, os costumes, e a disciplina dos pais. Ficavam assim estabelecidos como modelos para a educação aprender valores tais como: dignidade e coragem.

A mulher em Roma era valorizada como ´mater famílias´, portanto reconhecida como sujeito educativo, que controlava a educação dos filhos, confiando-os a pedagogos e mestres. Diferente, entretanto, é o papel do pai, cuja auctoritas, destinada a formar o futuro cidadão, é colocada no centro da vida familiar e por ele exercida com dureza, abarcando cada aspecto da vida do filho (desde a moral até os estudos, as letras, a vida social).(CAMBI,2008, p 106)

Os Sofistas apresentaram uma ideia de educação, englobando experiências físicas e espirituais na formação do ser humano. E assim os Gregos visualizaram a educação como uma integralização político pedagógica.

“Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a ideia da educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação de homens, e a pôs ao serviço desta tarefa”. (JAEGER, 1979, p. 313) A importância cultural da comunidade tem que ser assimilada, para que as novas gerações assumam a sociedade.

Os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles conferem à Educação atribuições e significados que permanecem até os dias de hoje. Naquela época surgem as primeiras intenções para a educação, partindo do princípio que educar era segundo Sócrates, desenvolver a “Arete”, ou seja, a virtude para fazer aquilo que a cada um se destina. Trazendo para cada pessoa um plano de realização da própria essência e com isso encaminhá-los ao conhecimento do que era ser “cidadão da polis”. O conhecimento do bem faria com que praticassem o bem. Esse conhecimento e a prática do bem consistem numa das dimensões da educação.

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana, que, pela sua própria evidencia, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é simultaneamente, moral e prático. Da educação, neste sentido, se distingue a formação do Homem por meio da criação dum tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser. (JAGER, 1979, p. 21)

Há uma distinção entre educação e cultura, sendo que a cultura se apresenta de uma forma integral na conduta e comportamento, vista como um bem universal. E a educação é definida como as normas que conduzem a um comportamento que possa despertar o sentimento do dever. Nesse sentido, Plutarco (46 – 119 d.C) fez uma comparação entre a educação e a agricultura, ao dizer que a boa agricultura requer um terreno fértil, um lavrador competente e uma semente de boa qualidade. No comparativo atribui para a educação, o terreno como sendo a natureza do homem, o lavrador é o educador e a semente são os conceitos e práticas transmitidos.

Na Idade Média é concedido à educação o caminho para se alcançar as aspirações humanas, alcançar a sabedoria que conseqüentemente leva à felicidade, considerado o bem mais perfeito. O ato de educar se fundamentava no ser, estando à reflexão pedagógica ligada à natureza filosófica e empírica, visando preparar para a vida. A educação nesse período era responsabilidade da Igreja e as escolas se estabeleciam anexas a catedrais e mosteiros, cujo currículo versava sobre: gramática, retórica, lógica, aritmética, geografia, astronomia e música. Os educadores acreditavam que o conhecimento era inato, portanto educar – educere tratava da ideia de fazer sair, trazer para fora. A educação era tratada como um ato saboroso para o intelecto, portanto a palavra saber provém do “sabor”. Nessa perspectiva, estudar também significava desenvolver a vida do espírito para chegar numa elevação espiritual. (Bravo, 2000, p.312)

Segundo Cambi (1999) a Idade Média – que se desenvolve entre ano 476 com o fim do Império Romano e 1492 com a descoberta da América; foi marcada pelo cristianismo e por um forte espírito comunitário, imprimindo no povo *“uma unidade ideal de fé, de cultura e ritos”*. (p.144). A educação se desenvolveu em estreita simbiose com a igreja que compactuava com a práxis disciplinar da época: prêmios e castigos. Os educadores são pregadores que educam pela palavra profética e moralista evocando sobre o pecado e o arrependimento.

No Período Moderno – A sociedade autoritária entra em crise separando o mundano do religioso. O sistema feudal acaba e nasce o sistema capitalista. Nasce o Estado *Moderno “controlado por um soberano, um estado nação ancorado numa visão social da figura do rei; o exercício do poder se distribui pela sociedade através de um sistema de controle, inclusive da escola.”* (Cambi, 1999, p.197) A primeira transformação ideológica cultural que se dá é a laicização, emancipando a sociedade da visão religiosa do mundo, trazendo legitimidade ao livre uso da razão.

A educação volta-se para um indivíduo ativo na sociedade e todas as instituições atuam como um meio educativo: não só a escola, mas também o exército, hospitais e prisões.

“Com a Modernidade nasce a Pedagogia como ciência: como saber da formação humana que tende a controlar racionalmente as complexas e

inúmeras variáveis que ativam esse processo. Mas nasce também uma pedagogia social que se reconhece como parte orgânica do processo da sociedade em seu conjunto, na qual desempenha uma função insubstituível: formar o homem cidadão e formar o produtor, chegando depois até o dirigente.” (CAMBI, 1999, p.199).

A pedagogia como ciência pretende formar um homem mais útil para a sociedade adequando o saber empírico para a cientificidade. A infância passa a ser valorizada e a escola reafirma sua tarefa de preparar para a vida. A família e a escola assumem mais responsabilidade sobre o ensino/aprendizagem. A disciplina era buscada como condição necessária na escola, mas também como meio de aperfeiçoamento moral e espiritual.

O humanismo coloca o homem no centro da civilização e conforme Cambi (1999): *“Abre-se um dissídio entre liberdade e autoridade, entre cultura e poder, entre indivíduo e sociedade, que permanecerá no centro da educação e que agirá em todas as aventuras da pedagogia, até o nosso século.”* (p.242).

Liberdade, autonomia e emancipação, estão presentes nos discursos, porém, Rousseau (1712-1778) adverte para a relação entre o pedagogo e o aluno, que continua sendo de dominação, representando um processo dicotômico da pedagogia moderna. Rousseau elabora para a infância uma imagem *“vista como próxima do homem por natureza, bom e animado pela piedade, sociável, mas também autônomo”* (Cambi, 1999, p. 343). Essa proximidade com a natureza refere-se a um distanciamento das influências do ambiente social em que a educação deveria ocorrer e acompanhada pela presença do pedagogo que orienta o processo formativo das crianças.

Pestalozzi (1746 – 1827), um dos precursores dessa pedagogia traz como objetivo final da educação, o *“preparar para a vida”*.

“Devemos nos convencer de que o objetivo final da educação não é o de aperfeiçoar as noções escolares, mas sim o de preparar para a vida; não de dar o hábito da obediência cega e da diligência comandada, mas de preparar para o agir autônomo.” (Incontri, 1996, p.96) Dentro desse princípio, evidenciava a formação integral do homem com o objetivo de aflorar todas as potencialidades, sendo isso possível através da capacidade de amor dos educadores, manifestada em forma de entusiasmo, benevolência e compreensão. A criança que assim era educada ancorava-se num vínculo saudável e afetivo, propício ao desenvolvimento moral e intelectual que

lhe proporcionava equilíbrio, segurança e espontaneidade, características essenciais para se conquistar a autorrealização.

A época contemporânea nasce com a revolução francesa (1789), iniciando um processo de inquietação e de abertura para o futuro onde povos e culturas rompem com tradições, adentram na era da industrialização e da democracia.

“A contemporaneidade é também a” época da educação e de uma educação social que dá substância ao político (enquanto a política é governo dos e sobre os cidadãos), mas que também se reelabora segundo um novo modelo teórico, que integra ciência e filosofia, experimentação e reflexão crítica, num jogo complexo e sutil. (CAMBI, 1999, p. 381)

A educação apresentava-se como mediadora dos processos sociais e ideológicos e como transmissora de conhecimentos e comportamentos, como o respeito às hierarquias, fazendo com que a pedagogia vivesse uma estreita simbiose com a política, com o dever de administrar e controlar. A educação foi vista como fator chave para o desenvolvimento social e responsável pela construção do homem cidadão, autônomo e socializado, um projeto que se estende até os dias de hoje numa formação mais genuína, mais livre, democrática e libertária.

Cambi (1999) refere-se a uma Pedagogia, nesse período, delineada por um novo horizonte no saber pedagógico, centralizada na ciência, mas ainda fragmentada nos aspectos da filosofia, sociologia, psicologia e antropologia. Porém, pode-se dizer que desde os anos 60, a pedagogia torna-se “pesquisa educativa” que se desenvolve dentro das ciências da educação, para a qual incumbiu-se “a tarefa de fixar modelos e estratégias da formação” (p.403). À filosofia foi “delegada à reflexão em torno do rigor epistêmico da pedagogia” bem como a escolha de valores que deveriam caracterizar a pedagogia teórica e prática, como ciência da educação.

O século XX inicia com a ideia do “homem novo” que procura maior igualdade, que se impõe aos modelos culturais e a prática educativa voltou-se para esse sujeito, interpretando e fundamentando práticas inovadoras.

Em consequência:

“A vida da escola deve sofrer profundas mudanças: deve ser, se possível, afastada do ambiente artificial e construtivo da cidade; a aprendizagem deve ocorrer em contato com o ambiente externo, em cuja descoberta a criança está espontaneamente interessada, e

mediante atividades não exclusivamente intelectuais, mas também de manipulação, respeitando desse modo a natureza global da criança, que não tende jamais a separar conhecimento e ação, atividade intelectual e atividade prática.” (CAMBI, 1999, p. 515)

Essas práticas inovadoras pretendiam conseguir “um desenvolvimento harmônico de todas as faculdades humanas” para assegurar a formação moral, social e profissional. Métodos são criados para protagonizar as práticas. Freinet (1896-1966) desenvolve um método baseado na cooperação, onde o trabalho deve ser realizado num clima de empenho e colaboração. A escrita era livre conforme o assunto inspirasse o aluno e a troca de experiências era realizada por conversações e pela “tipografia”, onde criavam um jornal da classe e a comunicação se estendia para a família e para outras escolas.

Jean Piaget (1896-1980) consagra-se como precursor dos processos cognitivos, quando em 1955 fundou em Genebra o Centro Internacional de Epistemologia Genética, estudando as etapas da evolução e maturação cognitiva, atribuindo à inteligência da criança a capacidade de descobrir e adaptar-se aos conceitos através dos princípios biológicos da “assimilação e acomodação”. Para Piaget, a pedagogia é nutrida por um espírito experimental que se torna possível numa escola ativa (sendo a escola tradicional considerada passiva). *“A escola deve ter em vista ensinar a todas as crianças um método que lhes servirá para toda vida, alimentando sua mente e seu desenvolvimento cultural.”* (CAMBI, 1999, p. 610).

A educação, a partir dos anos 80, passa por novas exigências para acompanhar as mudanças sociais e políticas, dentre elas uma chamada para que as teorias tomem acento junto às práticas pedagógicas. Nesse contexto uma das temáticas que se tornou emergente foi a ecologia, colocando em destaque novos valores antropológicos e culturais, *“exaltando uma relação entre homem e ambiente”* (Cambi, p. 639) favorecendo os valores da compreensão, do respeito e do intercâmbio com a intenção de construir um sujeito mais sensível ao planeta que habita.

Até o ano 2000, a educação desponta e interage de forma mais efetiva com a sociedade, a política e a cultura, fazendo-se valer por meio da pedagogia como um

saber em transformação, revendo a própria identidade para efetivar a emancipação do sujeito através do conhecimento.

Cabe à educação, em seu contexto, interligar-se aos conceitos e à vivência que a temática da espiritualidade integra-se aos conceitos e práticas educativas, encorajadas por líderes que inspiram um viver mais coerente com as necessidades do século XXI. Há que se legar certa liberdade para criar o encorajamento próprio do espírito do líder, que deveria habitar em cada educador, alimentando-se com a autonomia e os propósitos da emancipação; um “deixar vir a ser” quem somos, onde queremos estar e o que desejamos construir. E qual é a tarefa da escola, além de ser fonte inspiradora para que se efetive o processo de educar? E educar observando uma educação integral que implica conhecimento teórico e possível na prática das experiências que evidenciam e oferecem consistência à práxis pedagógica.

A escola, na grande maioria das vezes tolhe a criatividade dos seus alunos ao designar um fazer por igual, facilitando compreensões e correções. Com esse procedimento, a criatividade e o talento de cada aluno concorrem para um rumo em que ficam atrofiados, e se não desenvolvermos nossos talentos, tão pouco saberemos quem somos e do que somos capazes.

Haverá a educação de traduzir-se com os seus educadores, sedimentando a capacidade de trazer à tona as possibilidades para se chegar a esse conhecimento e que, possamos nos perguntar o que nos torna felizes. Mediante nossa vida pessoal e profissional deveríamos saber responder: o que há de fascinante nas minhas realizações? Onde está o diferencial e qual o olhar que direcionamos sobre nossos talentos? Pois como eu me vejo e o que penso de mim, refletirá no espelho do mundo que me acolhe ou me rejeita.

Robinson (2011) utiliza o termo “elemento” para designar o talento de cada um, a paixão que precisamos ter em relação ao que somos e ao que fazemos.

Temos de reavaliar a importância de alimentarmos o talento e de compreender a forma como esse talento se exprime de modo diferente em cada indivíduo. Temos de criar ambientes – nas nossas escolas, nos

nossos locais de trabalho, nos serviços públicos – onde cada um se sinta inspirado a crescer criativamente. Temos de garantir que todas as pessoas tenham oportunidade de fazer o que deveriam fazer, de descobrir o seu Elemento à sua maneira. (p.13)

Essas atitudes sugeridas por Robinson perpassam no sentido multidisciplinar, o grandioso trabalho que nos propomos e que designamos como nosso elemento: educar. Portanto, a escola como um dos principais espaços em que a educação acontece, precisa de uma nova arquitetura e nós professores precisamos estar num constante aprender para concebermos nos espaços de aprendizagem, o carisma de quem investiga e estimula seus discípulos na “arte de reaprender a ver o mundo”.

Por que não conseguimos romper o modelo da sala de aula com classes dispostas em filas e alunos sentados um atrás do outro? Por que estudar ainda está fortemente arraigado a decorar respostas, ou fórmulas, que nos esforçamos para mantê-las acesas em nossa mente até a hora das provas e depois se apagam e para nada servem?

É nesse momento que os líderes de uma escola, precisam estar mais atentos aos talentos dos seus alunos. É preciso ver, mas também, sentir e quem sabe até pressentir o que precisa aflorar na individualidade de cada ser. É nessa capacidade sensível de perceber o outro que encontro a espiritualidade entrelaçando-se com a educação e à competência dos líderes; não para traçar caminhos, ou indicar atalhos, mas para permitir a cada um sair fortalecido com as próprias experiências, com a convivência, para edificar o caráter, fazendo valer para o mundo quem realmente é, externando a essência do ser, quando o potencial é desvelado e pode manifestar-se ao realizarmos nossos feitos com paixão.

Para compreender como essas capacidades se integram, carecemos de uma visão que nos permita ver o conjunto: corpo, mente e espírito que trabalham em sintonia, que consolidam a integralidade do ser. Pergunto-me agora, quando foi que a educação, por meio das escolas e dos professores, tidos aqui como líderes que ensinam, compreenderam e permitiram a efetivação dessas necessidades e inquietudes em seus alunos?

Creio haver um equilíbrio necessário entre a educação definida em conceitos, mas praticada também em seus mais diversos ambientes para que se conceba o entrelaçar da espiritualidade como capacidade inerente dos educadores ao vislumbrar o aluno, não apenas na condição de um número para a escola, ou dos dados estatísticos de quantos reprovaram ou abandonaram a escola, mas de quantos conseguem descobrir e abraçar o seu “elemento”, ou de entregar-se aos seus talentos e à descoberta de que o primeiro exercício da liderança acontece a partir das nossas atitudes e dizer sim: essa escola ensinou-me para a vida.

É importante reconhecer que todo trabalho em educação, dada sua natureza formadora, implica ação de liderança, que se constitui na capacidade de influenciar positivamente pessoas, para que em conjunto, aprendam, construam conhecimento, desenvolvam competências, realizem projetos, promovam melhoria em alguma condição, e até mesmo divirtam-se juntas de modo construtivo, desenvolvendo as inteligências social e emocional. (LÜCK, 2010, p.17)

A educação, mediante sua natureza formadora, ainda carece de coragem para romper um paradigma que favorece a presença do medo em suas atividades, bem como apresentar metodologias que envolvam o trabalho diversificado com oficinas, por exemplo, com saídas da escola, que incluam pesquisa, vivências e um largo espaço para o diálogo, a socialização de experiências entre alunos e entre alunos e professores da própria escola e com outras escolas favoreceria o intercâmbio cultural, como também o afetivo e espiritual. Porém, o medo antes referido diz respeito à falta de capacidade de ousar dos professores mediante as exigências do currículo e os objetivos propostos em cada gestão. Sair das quatro paredes da sala de aula, ainda está vinculado a um preconceito de que “não tiveram aula”, ou foram “passear”.

Faz-se necessário incorporar outros conceitos sobre as condições nas quais aprendemos, e se aprendemos para a vida, esta não se resume a ambientes fechados e com programas pré-determinados. Brandão (2002) assinala que “a educação muda às pessoas e as pessoas podem mudar o mundo”. (p.310). Cabe a nós educadores, no encargo elevado da nossa profissão, pensarmos na representatividade legal, responsável e ética que temos como líderes mediante os alunos, que propostas criativas e competentes serão responsáveis pela dinâmica que equilibra teorias e práticas na busca dos saberes.

1.2 Pedagogia – o conhecimento sistematizado da educação

A Pedagogia é a herança de toda história da educação, é a prática educativa, herança de toda a história anterior e da ciência, definida por Libâneo (2010) como um campo do conhecimento, ocupando-se do estudo que sistematiza a educação que se configura na sociedade como um dos ingredientes básicos da atividade humana. Hoje um conhecimento sistematizado apresenta-se como um conjunto de ações, processos e influências com a capacidade de intervir no desenvolvimento humano, tanto individual como de grupos, pois constrói uma relação ativa com o meio natural e social. Em todas as instâncias sociais, a começar pela família e estendendo-se nas ruas, no trabalho e nos espaços, nos quais o convívio se faz necessário. Para Libâneo (2010) a Pedagogia é:

Uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos as características de “ser humano”. Numa sociedade em que as relações sociais se baseiam em relações de antagonismo, em relações de exploração de uns sobre os outros, a educação só pode ter cunho emancipatório, pois a humanização plena implica a transformação dessas relações. (p. 30)

A educação acolhe as características de cada indivíduo e na escola trabalha o aspecto da socialização, no qual está envolvido o ato educativo de formar e desenvolver as potencialidades de cada um, que serão novamente devolvidas e integradas nos ambientes sociais. Quem se ocupa do estudo e da aplicação dessa categoria da educação é a Pedagogia, que tem como meta estar em constante investigação da realidade educacional em constante transformação para dar conta das mudanças sociais.

Investigar os fatores que contribuem para a construção do ser humano cabe à Pedagogia, cujos resultados dessa investigação servem para orientar a ação educativa

estabelecendo um sentido para as atividades de educar. A educação é constituída como meio para desenvolver o pensamento crítico e criativo, contributos significativos para estabelecer coerência entre o que pensamos e o que fazemos norteados pela convivência em grupo.

Se vivemos em comunidade, o que deveria ser comum nessa convivência, senão a necessidade de cuidarmos uns dos outros? E a primeira comunidade para convivermos é a família, mesmo que hoje com padrões diferenciados de algumas décadas anteriores. Mesmo assim, é o primeiro espaço onde vamos exercitar regras de convivência, respeito uns pelos outros, troca de afeto e oportunidade de diálogo. A Pedagogia investiga a realidade educacional, que se concretiza pela aderência dos professores a uma constante busca de conhecimento e à construção do saber, bem como instiga os alunos para que também exercitem a capacidade de investigação, e isso atribui sentido ao trabalho pedagógico.

Uma das ideias de Schön (2000) reforça a importância do professor como referência para seus alunos, mas para tanto se torna necessário o diálogo para que ambos tenham crescimento dentro dos objetivos a que se propõe.

“Quando dizer/ouvir e demonstrar/imitar são combinados, como geralmente o são, oferecem uma grande variedade de objetos e modos de reflexão possíveis que podem ser combinados os espaços inerentes em cada processo. Perguntar, responder, aconselhar, demonstrar, observar, imitar, criticar - estão todos conectados de forma que uma intervenção ou resposta possa desencadear ou construir outra.” (p.94, 95).

Se nós, educadores, somos, como diz o autor, responsáveis pela formação do cidadão e não é apenas o lado profissional que estamos formando, mas o seu conjunto como pessoa contextualizada na dinâmica transmutação da sociedade pelos meios de comunicação e por fundamentações de um conjunto global que provavelmente sem percebermos, se instala entre os seres humanos, então, a “cartilha” dos professores apresenta conteúdos que nem sempre abarcam a demanda rápida das mudanças sociais. O trabalho Pedagógico vem para acionar a competência dos educadores e dos educandos, contribuindo para que o pensar seja um processo catalisador da compreensão de que *“a aprendizagem ocorre na mente e na alma dos indivíduos”* (Robinson, 2010, p. 235) e que para agregar valores inerentes ao ser humano e à sua

capacidade de viver em grupos, é necessário conhecer e respeitar esse aprender que se constituirá de maneira personalizada, pois a mente e a alma abarcam a individualidade de cada ser.

Os estudos sobre a Pedagogia no Brasil, apresentados por Libâneo (2010) fazem referência à primeira regulamentação do curso em 1939, quando formavam-se bacharéis e eram conhecidos como “técnicos em Educação”. Com o parecer do CFE (Conselho Federal de Educação) 252/69 deixa de existir o bacharelado e surge a formação dos especialistas e aos formados em Pedagogia atribui-se o título de licenciado. A partir dos anos 80, a Pedagogia passa a ser apenas licenciatura, sendo que as especializações poderiam ser buscadas posteriormente nas áreas de Orientação Educacional, Supervisão e Administração Escolar. Essa determinação contribuiu “para descaracterizar a formação do pedagogo stricto sensu.”.

A justificativa para essa medida foi que, ao instituir as habilitações, estariam se reproduzindo as ideologias que alimentam a “*divisão do trabalho e o controle segundo o modelo da administração capitalista*”, (p.46) contribuindo para que houvesse uma fragmentação da prática.

Entre os estudiosos de hoje as ideias são análogas quando se trata do entendimento sobre as práticas educativas, as quais se estendem para as mais diversas instâncias da vida em sociedade e que, portanto, não está restrita à escola, nem à docência. Assim sendo: “*O campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma Pedagogia*”. (Libâneo, 2010, p. 51). Essa Pedagogia é entendida como uma área do conhecimento que investiga a realidade educativa, no geral e no particular.

É a Pedagogia que faz intervenções metodológicas nas atividades educativas que implica transmissão dos saberes. Essa expressão, “*transmissão de saberes*” é contextualizada por Libâneo ao defender que a humanidade produz, cria, transforma e isso vai constituindo os saberes e formam um patrimônio cultural, também chamado de “*experiência humana culturalmente organizada*”. As atividades promovidas pela Pedagogia envolvem relações entre pessoas e grupos sociais, carregando consigo a intencionalidade do contributo para a formação dos sujeitos, porque a atividade dos

pedagogos hoje está se fundamentando no conhecimento e na prática que envolve competência e compromisso ético. A assimilação dos saberes e a intencionalidade educativa terá que se manifestar na prática social, evidenciando os anseios de justiça, esperança, paz, alegria e qualidade de vida.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e igualmente resistir aos obstáculos da nossa alegria. Na verdade do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. (FREIRE, 2008, p.720)

Por isso, Freire afirma que para educar é preciso ter alegria e esperança, bem como bom senso e criticidade. Essas virtudes, porém não estão numa escala de mais ou menos valia que o rigor necessário ao campo científico, à pesquisa e à práxis. Refletindo sobre a Pedagogia da contemporaneidade e repensando a Educação Grega, é possível pensar na Arete expressa pela coragem e pela virtude que os gregos primavam em sua cultura, retomando algumas atividades daquele tempo, e estabelecendo um grau comparativo com a educação que queremos hoje, pois o processo educativo recaia inicialmente sobre dois aspectos: a ginástica para o corpo e a música para a alma; reportamo-nos à educação como um meio, em sua práxis, com o qual poderemos chegar à alma das pessoas, integrando razão e emoção nos conceitos de aprendizagem. Assimilando que também a espiritualidade permeia o ato de educar, fazendo-se necessária como suporte para a grande demanda do trabalho que vamos assumindo, ampliando espaços que nos proporcionam o equilíbrio, a necessidade de bem viver e conquistar um estágio de harmonia, capaz de fortalecer nossa saúde e de iluminar nossa busca de felicidade.

Estudos científicos sobre a felicidade circulam nos meios acadêmicos e apontam para alguns conceitos, que sugerem uma mudança muito particular. A felicidade parece ter uma identidade íntima, assim como temos as impressões digitais. Cada ser busca a seu modo como melhorar-se enquanto pessoa na realidade em que está inserido. Essa é a regra comum, mas que exige a formação de costumes. Para alguns, meditar poderá ser um dos caminhos para chegar à serenidade, tomar decisões com mais sabedoria e conviver com os outros de forma mais harmoniosa. Mas porque inserir a felicidade no

contexto da educação? Porque até hoje tomamos conhecimento de conceitos e preconceitos sobre o que nos faz felizes, nas propagandas da mídia e em algumas ideias já estabelecidas pela cultura e pela sociedade onde vivemos. Cabe sim à educação, fazer pensar sobre esses conceitos e como Robinson (2010) atribui à educação a competência de propiciar mudanças nas culturas e mentalidades a partir do encontro de cada um com o seu “elemento”. Traduzido como a verdade particular de cada um, a paixão com que buscamos e realizamos nossos sonhos. *“A felicidade pessoal procede tanto da realização emocional e espiritual inerentes às nossas paixões, como das necessidades materiais que possamos satisfazer com as mesmas”.* (p.212)

O autor afirma que a orientação e aconselhamentos são úteis para toda gente e que os grandes professores sabem que a verdadeira função, não se restringe apenas a ensinar uma matéria, mas educar; e isso é verdadeiramente o *“coração de um sistema educativo”* (p.236) O futuro da educação que estudamos e almejamos terá que ser cultivado na profundidade e dinamismo das habilidades humanas. E a educação se faz pelo conhecimento que segundo Gowin, citado por Valadares (2009) é construído com base em dois componentes, um conceitual e outro metodológico-experimental, ou seja, entre o pensamento e a ação atento às questões que abrangem a filosofia e como vemos o mundo, que juízos temos acerca da capacidade de construir significados.

Prossegue o autor com ideias que se integram com a propósito dessa tese, quando afirma que o objetivo do ensino deve ser o que ampara uma aprendizagem harmoniosa e transdisciplinar voltada para a educação global do ser humano e que *“deve ir modificando e acrescentando novos significados acerca do mundo e das experiências de vida de modo a provocar a desejada integração harmoniosa.”* (p.27).

Essa integração harmoniosa contempla o aprender significativo de uma educação capaz de desenvolver nos alunos a competência e a motivação para que sintam-se motivados a buscar informação e conhecimento de forma autônoma. Para isso o educador exerce o papel de orientador da evolução cognitiva do educando e também lhe apresentando situações que provoquem novas experiências, desenvolvendo com isso a oportunidade de construir significados sobre o que aprende. Nessa perspectiva caminha a Educação do século XXI, atenta a todas as

potencialidades humanas, que nomeadamente poderá ser traduzida por uma “educação holística”.

Essa afirmação está fundamentada nas características que Yus (2001) apresenta:

A pessoa não é apenas mente, mas também é corpo e espírito, e estes são elementos que estão estreitamente relacionados com um todo. A educação holística está interessada no crescimento de todas as potencialidades humanas: intelectual, emocional, social, física, artística/estética, criativa/intuitiva e espiritual... pois aos aspectos indissociáveis das pessoas e fundamentais para conhecer, interpretar criticamente e atuar no mundo com autonomia. (p.21,22)

Todas as ideias aqui contextualizadas com seus respectivos autores, pensadores que contribuíram na construção da História da Educação e da Pedagogia, perpassam no significado e na práxis que se fez possível, uma interligação do ato de educar com as características e propósitos que os estudos sobre espiritualidade remontam para o nosso tempo.

É possível visualizar um perfil no qual transparecem os conceitos sobre um cuidado com o ser humano no sentido de educar, para que o conhecimento traga a chave de acesso para uma formação que contemple equilíbrio e harmonia entre a cultura e o bem viver. Estes, por sua vez, alicerçados sobre a busca de aperfeiçoamento de uma natureza que contempla autonomia, preparo para a vida, respeito pelas diversas inteligências; respaldando a formação de um sujeito integral, que se constitui numa ampliação de consciência e numa atenção para a espiritualidade, assunto que será tratado no próximo capítulo, com a intenção de consolidar teorias e vivências nas quais a educação e a espiritualidade se complementam.

2 - ESPIRITUALIDADE: entre a ciência e o transcendente

Espiritualidade é uma maneira de experimentar o mundo, de viver, de interagir com outras pessoas e com o mundo, envolvendo um conjunto de práticas ou rituais, acolhendo muitas maneiras, individuais ou coletivas de pensar, olhar, falar, sentir-se, mover-se e agir (Solomon, 2003, p.44).

A espiritualidade retratada nessa tese tem início com o olhar que se voltou para um viver fundamentado na base cristã, a princípio numa infância vivida sob os preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana. Com o passar do tempo é evidente que passamos a ter nossos próprios pensamentos e elaboramos nossas convicções e nem sempre o que tínhamos como verdades, ou aquilo que fomos direcionados para acreditar, prossegue com a mesma intensidade. A base cristã continua, pois ensinamentos recebidos na infância não se esvaziaram, apenas foram enriquecidos pela vivência, pelo conhecimento e pelas constatações de uma realidade que traz sempre à sua frente uma pergunta, um querer que não se esgota, de saber o porquê dos acontecimentos, seja em minha vida, seja no contexto sócio-cultural.

O termo espiritualidade retoma significados e torna-se tema para debate desde o final do século XX, alargando seu espaço nesse início de século XXI; quando pronunciado, deixa ouvidos em alerta e olhares suspensos à espera do que será dito. Portanto, qual seria a melhor definição para esclarecer que não está vinculado a nenhum credo, ou religião, ou filosofia, mas está presente nos seres humanos, em suas

buscas, desde que percebemos com certo nível de consciência, que algo nos falta, que há lacunas em nosso viver, que precisam de algo substancial que as preencha e que, mesmo possuidores de um bom vocabulário, às vezes não sabemos como expressar essa carência? Evidenciamos que assim como nosso corpo físico precisa de cuidados como higiene, alimentação e movimento, percebemos que há outro aspecto do nosso viver que carece de cuidados semelhantes. Há um sentimento em nós de algo que nos falta, ou nos foge, ou nos complementa.

Portanto, referendamos a espiritualidade como necessária para a educação, com a intenção de ajudar os seres humanos a conhecerem e desenvolverem uma elevada consciência de si próprios e de perceberem e vivenciarem essa dimensão da experiência humana – o eu que pode ser transcendente, que pode se transportar para além da fadiga de um dia de rotina e integralizar-se com a suavidade e a beleza de um por de sol.

Buscando nas Reuniões da ANPED, no Portal da CAPES, verifiquei que a temática da Educação vem sendo pesquisada sob outros enfoques: Educação para a Paz, Educação Holística e muito timidamente aparecem os primeiros títulos inserindo a espiritualidade nos campos da educação e da saúde no início desse século XXI, bem como a ainda pouco expressiva a pesquisa sobre a figura dos líderes, mais especificamente do líder educador. Para tanto, percebi com mais intensidade, como se fosse para mim um dever ético, pesquisar sobre essa tríade: educação e espiritualidade voltada para as lideranças.

Para a formação de um ser integral, há que se ensinar de tudo um pouco, inclusive como podemos e precisamos viver nossa espiritualidade. Espiritualidade não no sentido da religiosidade, mas na busca de harmonização, equilíbrio, reconhecimento que somos unos com o universo todo e que podemos aprender grandes lições com a mãe natureza. Wolman (2002) transcreve uma definição de espiritual apontada por Parker Palmer, membro Sênior da Associação Americana de Educação Superior, ao dizer que a consciência espiritual está nas mentes de muitos educadores, num currículo oculto, mas que começa a revelar-se abertamente nas salas de aula.

Por espiritual, quero dizer a busca secular e permanente pela capacidade de conexão com algo maior e mais confiável do que

nossos egos – com nossas próprias almas, uns com os outros, com os mundos da história e da natureza, com os meandros invisíveis do espírito, com o mistério de estarmos vivos. (p.43)

A História da Espiritualidade versa sobre as buscas dos seres humanos, desde que o homem tem consciência da transcendência e questiona a própria finitude, vem traduzindo-se por momentos de contemplação, meditação, ou estudos que contribuam para a ampliação de consciência, que contribuem para o conhecimento a compreensão das relações entre os humanos e sua estreita ligação com as coisas do universo. Mesmo sem demonstrar uma conotação explícita e sem fazer referência à religiosidade, apresenta-se num contexto traduzida entre a energia que captamos de algum lugar, à fé que nos faz acreditar no invisível.

“A espiritualidade é apoiada e moldada pela ciência. Quanto mais sabemos sobre o mundo, mais podemos apreciá-lo. Essa foi a concepção de praticamente todo grande cientista e de todos os melhores estudantes de ciência, desde os cientistas medievais que se viam como compreendendo o plano de Deus até os físicos da atualidade que investigam o mundo do big bang e as próprias origens do universo.” (SOLOMON, 2003, p. 149).

Assim conceituamos a espiritualidade para nos amparar nessa busca e certamente fortalecer nossos propósitos mais elevados, de viver em harmonia e equilíbrio entre corpo, mente e espírito. A propósito, Peter Russel (2010) apresenta em suas reflexões, que a ciência durante muito tempo manteve distância da espiritualidade e inicia uma aproximação com René Descartes (1596-1650) quando divide o cosmos em dois reinos: o mundo das coisas e o mundo dos pensamentos. Nesse último destaca-se “*a mente profunda*”, ou seja, a essência da consciência, que a psicologia também chama de “*o verdadeiro eu*” (Jung, 1981, p.202) Essa essência é acessada pelo silêncio interior, cujo caminho para lá chegar torna-se acessível pelo processo da meditação, ou de outras práticas que nos ajudem a silenciar. Esse silêncio nos reporta ao encontro com outras virtudes, como o amor que integra as experiências contempladas no viver da espiritualidade.

Outra de las cualidades que habitan em esse silêncio interior es el amor. Pero no estamos hablando ahora Del amor característico de nuestra vida cotidiana, es decir, de um amor que se centra em uma persona o em uma circunstancia concreta, sino de um amor incondicional, de um amor cuya aparición no depende de circunstancia externa alguna. (RUSSEL, 2010, p. 19)

O autor refere-se ao amor incondicional, retrata a espiritualidade, sem conferir-lhe vínculos com alguma crença ou religião, mas a apresenta como uma das conquistas trazidas por esse silêncio que se define por um caminho que conduz ao nosso próprio interior, e lá nos deparamos com nossas condições e capacidades de ver e compreender nossa própria identidade. O amor incondicional a meu ver, não é uma atitude que começa quando nos lançamos em ajudar os outros sem olhar a quem, mas quando conseguimos ver a nós mesmos e educamos nossos hábitos para a conquista do equilíbrio.

É o espírito, ou a essência que marca nossa individualidade, ou nossa identidade e que concede ampliação à nossa consciência, quando nos desprendemos das rédeas de fazer o que já está determinado, seja pelo status quo, seja pelas tradições de uma família ou da sociedade. É também o espírito que nos impulsiona para a realização de atos corajosos, de sair de si mesmo e ir ao encontro do inusitado do desconhecido e a despertar o líder que habita em cada um de nós.

Mas o que temos potencializado em nós que abarca em nosso espírito e está delegado à educação para reinventar o processo da Maiêutica, ou seja, trazer à luz toda nossa capacidade de inventar, de fazer o bem, de praticar solidariedade?

Todos nós nascemos com poderes extraordinários ao nível da imaginação, da inteligência, da sensibilidade, da intuição, da espiritualidade e do conhecimento físico e sensorial. A maioria dos seres humanos utiliza apenas uma fração desses poderes e alguns não os utilizam de todo. Muitos não encontram o seu Elemento porque não compreendem os seus próprios poderes. (ROBINSON, 2011, p.22)

Compreendemos os poderes como a capacidade intelectual, o potencial que temos para acionar a resolução de um problema, bem como as habilidades para e a consciência para perceber mudanças tanto em nós como nos outros e o que precisamos praticar para persistir no caminho da evolução, tanto humana quanto espiritual. E não estamos aqui dividindo em partes ou em potências a evolução humana e espiritual, mas congregando valores e oportunidades que permitem estruturar nossos pensamentos e nossas ações para que alimentem e concretizem esse poder, essencial e próprio dos seres humanos.

A ciência se aproxima dessas experiências, quando detecta e confirma modificações em nosso cérebro, como nos momentos de meditação que oportunizam encontros com a paz, a serenidade, bem como renovar o significado que damos à nossa vida, liberando-nos dos estados de sofrimento e aumentando o bem-estar.

Candace Perth é farmacóloga e escreve um dos capítulos do livro: *La Espiritualidad a debate*, onde relata uma experiência realizada em seu laboratório, para dizer que durante anos os neurocientistas pesquisaram para descobrir que o cérebro era a sede das emoções. Há receptores para as nossas emoções, que chamaram “moléculas de La emoción” (p.29), mas que o mais surpreendente foi descobrir que estas células estavam no corpo todo, formando um sistema de comunicação, ao qual chamaram de rede psicossomática.

Es por esto por lo que digo que las moléculas de la emoción son las de la conciencia. Son sustancias físicas que podemos ver y pesar en un gel en el laboratorio y partículas que vibran con una carga eléctrica en el animal vivo, pero, al mismo tiempo, también son una especie de onda que transmite información de una persona a otra. Son simultáneamente físicas y psicológicas, y conectan el cerebro con el cuerpo en una amplia red que engloba y coordina la totalidad del cuerpo-mente. (PERTH, 2010, p. 31)

Diante de tais afirmações que convergem para confirmar a sintonia existente entre o corpo e a mente, bem como entre uma pessoa e outra, reporto-me às primeiras ideias que sustentam essa tese, não mais pressupondo, mas afirmando que somos seres integralizados conosco mesmos, com os outros seres e com as coisas do mundo em que habitamos.

Quando estabeleci como objetivo geral dessa tese: fundamentar e subsidiar por meio da pesquisa a importância que a espiritualidade traz como uma das bases para obter-se qualidade de vida, em sua estreita relação com a educação e a liderança; constitui como uma aprendizagem a ser rebuscada na responsabilidade dos educadores e líderes, oportunizando espaços, diálogos e vivências para que de uma maneira ética, sensível e comprometida com as necessidades mais emergentes do nosso tempo, possamos contribuir com efetiva qualidade, melhor formação daqueles que passam a ser nossos discípulos, seja numa sala de aula, seja na convivência da comunidade escolar.

Afirmo isso porque temos nos preocupado demasiadamente em subsidiar nossos alunos com os conteúdos exigidos para vencer um ano de estudos, ou no preparo que os levará a ter sucesso para ingressarem na universidade, e muito pouco temos lhes proporcionado vivências e até mesmo questionamentos sobre a natureza do ser que transcende o humano, que elevam nosso espírito, que nos congregam na vivência de valores como a hospitalidade, as gentilezas, a gratidão e a bondade. Podemos ter muito conhecimento, seja de cunho científico, matemático, das mais diversas culturas e seus significados, mas falhamos como seres humanos quando olhamos para o outro, não como semelhante, mas como um concorrente.

Capra e Dalai Lama contribuem para essa pesquisa; do primeiro, a afirmação de uma ideia que tenho há bastante tempo: que somos unos com o universo e por isso devemos viver procurando o bem de todos. E no pensamento do próprio Dalai Lama, de que:

A espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano - tais como amor, compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia - que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros." (2000, p. 32,33).

Há na descoberta da espiritualidade um encontro com nossas capacidades e dentre elas, a capacidade de aprender e de compreender. Podemos aprender a exercitar nossa tolerância, bem como nossa capacidade de vivenciar compaixão e a gratidão, quesitos necessários para conviver com mais harmonia e prazer, num tempo em que muitos caminhos nos impulsionam para viver o individualismo. Na escola esse exercício é possível e poderá ser mostrado pela reflexão sobre fatos do cotidiano. Aprendemos a ser melhores quando nos conscientizamos da potência de nossas atitudes e do quanto elas interferem nas relações que construímos com os outros. A gratidão, por exemplo, é um sentimento de bondade e reconhecimento, a princípio mediante as coisas agradáveis que sucedem em nossa vida. Robert Emmons (2010) traz o significado espiritual e transcendente sobre a gratidão, assim explicitado:

Desde hace mucho tiempo, las filosofías y las teologías han considerado a la gratitud como un aspecto fundamental de la relación humana con lo divino. Todas las personas que han creído y en un Ser Supremo han buscado formas de expresar su gratitud y dar las gracias a este Ser generoso y último. (p. 103)

Investigações experimentais se ocuparam de estudar os benefícios da gratidão. Pessoas foram escolhidas aleatoriamente para realizar uma pesquisa cujo objetivo foi observar os efeitos e resultados na vida de quem pratica essa virtude. Essas pessoas deveriam anotar semanalmente as experiências nas quais a gratidão foi exercitada. O exercício consistia em lembrar-se de situações da vida, anotá-las e descrever como se sentiam gratos por aquilo ter-lhe acontecido e apresentaram os seguintes resultados: redução de sintomas físicos, maior bem-estar geral, mais otimismo. Outro grupo de adultos jovens revelou também “estados positivos de alerta, entusiasmo, determinación, atención y energía que quienes se centraron em las molestias e se dedicaron sencillamente a comparar-se com lós demás”. (EMMONS, 2010, p.106)

Os estudos concluem que as pessoas que são mais agradecidas, também são mais amorosas e entusiasmadas e as pessoas com as quais convivem também relataram serem essas pessoas mais agradáveis e felizes e, como consequência, apresentam bem-estar físico, psicológico, espiritual e relacional, bem como maior grau de satisfação com o que têm, são menos suscetíveis a desilusões e suas frustrações são entendidas como aprendizagens, com isso vivem num estado maior de segurança.

Nuestro deseo innato de pertenencia se vê fortalecido cuando sentimos y expresamos sinceramente nuestro agradecimiento. Em este sentido, la gratitud nos permite ver más allá de nosotros mismos e advertir la red mayor y más compleja de relaciones que nos protege. (EMMONS, 2010, p. 110)

Referencia também o mesmo autor que as pessoas naturalmente agradecidas são menos propensas a entrar em depressão. Relata que a ciência confirma ser a gratidão um meio de sustentar nossas experiências emocionais e que propiciam e aumentam o reconhecimento e a conexão das bênçãos em nossa vida.

Como se interligam essas questões teóricas, mesmo que trazendo seu cunho de pesquisa científica, com a prática vivenciada no cotidiano? Como tornar possível uma ampliação de consciência das pessoas que exercem liderança, nos mais variados setores da sociedade internalizando a virtude da gratidão? Poderia escrever muitas teorias com a intenção de responder minhas próprias perguntas, porém vou deter-me no aprofundamento de uma das inteligências que a princípio não configurava entre as

inteligências múltiplas, tratadas por Howard Gardner, consideradas essenciais para o processo da aprendizagem; a inteligência espiritual.

Apenas para situar do que tratam as respectivas inteligências, chamadas de habilidades cognitivas humanas: Inteligência lógico matemática – habilidade de raciocínio dedutivo; linguística – o gosto por idiomas e palavras; musical habilidade para compor e tocar instrumentos musicais; espacial – compreende o mundo visual com capacidade para transformá-lo; corporal sinestésica – controla os movimentos do corpo (jogos e dança); intrapessoal – capacidade de conhecer; interpessoal – entender por intuição a si e aos outros; naturalista - sensibilidade para compreender e classificar fenômenos da natureza e a Existencial – capacidade de refletir questões existenciais, tida como características de filósofos e líderes. Também Daniel Goleman estudou mais especificamente a inteligência emocional, definindo-a como uma capacidade de identificar nossos próprios sentimentos e nossos relacionamentos.

2.1 Inteligência Espiritual

A inteligência é uma faculdade do ser humano que lhe confere a capacidade de discernir entre determinadas alternativas, direcionando para uma escolha, que passa a ser considerada a mais oportuna para aquele momento ou para determinada situação. Uma das definições que foi assinada por cinquenta e dois pesquisadores em inteligência, em 1994 (mainstream Science on Intelligence), traz a seguinte definição:

"uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária, uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta - 'pegar no ar', 'pegar' o sentido das coisas ou 'perceber' uma coisa." (pt. wikipedia.org/wiki/inteligencia – pesquisado no dia 28/08/2013).

A educação já teceu longas discussões sobre “*ser inteligente*”, vinculada à capacidade de aprender, até concluir que a inteligência é uma capacidade que pode ser

desenvolvida, ou seja, quanto mais oferecemos oportunidades às pessoas para pensarem e resolverem situações, mais sua capacidade intelectual tem condições de se desenvolver e de se adaptar conforme as necessidades exigem.

A chegada do século XXI acenou para muitos avanços seja nas questões da ciência, das tecnologias, da medicina, mostrando-se promissor também para um novo paradigma, que diz respeito à compreensão do ser humano e que isso resulta da ampliação de consciência. Dentre os autores que se destacam Zohar e Marshall (2000) afirmam que a inteligência espiritual complementa a inteligência emocional, ajudando a encontrar sentido para os nossos atos. Sendo eles pesquisadores da Universidade de Oxford (Danah Zohar) e de Londres (Ian Marshall) afirmam que ao executar alguma prática espiritual que traga sentido para a vida de quem a pratica, ondas eletromagnéticas oscilam e percorrem o cérebro. O benefício posterior é que estas pessoas enfrentam as adversidades estabelecendo um valor, um aprendizado.

Segundo Robert Emmons (2000, in Torralba p.47) a inteligência espiritual dá poder para transcender o mundo físico e cotidiano, para ter uma percepção mais elevada de si e do mundo circundante, facultando um estado iluminado de consciência que ajuda a significar as atividades e os acontecimentos, com uma capacidade de conexão com tudo o que existe. *“La vida espiritual no es una vida paralela a la vida corporal; está intimamente unida a ella. Quien la cultiva, vive más intensamente cada sensación, cada contacto, cada experiencia, cada relación interpersonal”.* (TORRALBA, 2010, p. 53)

Prossegue o autor ao reafirmar as características da inteligência espiritual quando argumenta que esta, nos impulsiona a viver experiências que transcendem os limites habituais de todos os sentidos, que se conectam com o fim último da realidade que nos conduz ao descobrimento do verdadeiro potencial de cada um. Trata-se de um dinamismo que nos move a buscar a plenitude, a profundidade do sentido de tudo o que fazemos. Contudo, requer uma educação para que seja compreendida e manifestada no ser humano, porque nenhum ser humano pode viver sem esta dimensão, visto que é inerente à pessoa, à corporeidade, à sociabilidade, ou à sua natureza emocional.

A inteligência espiritual abarca uma dimensão que interage com todas as outras necessidades do ser humano, sejam físicas ou sociais. Não há necessidade de uma

religião ou de uma crença para acionar a sensibilidade que acusa as lacunas ou vazios, que parecem estar sempre à espera de uma resposta. Quando procuro sentido para as minhas buscas, ou identifico a necessidade de ficar em silêncio, ou de contemplar um fenômeno da natureza, sei e sinto que estou alimentando meu espírito. Se estou com fome e vou à procura do meu prato favorito, então sacio uma necessidade do meu corpo físico; bem como se vou caminhar e me alongar e sinto estar ativando a energia do corpo físico, constato o bem-estar daquela prática. Há certa semelhança com as buscas do espírito, mas que não acontecem de uma forma fragmentada, ou separada, pois junto ao ato de caminhar posso estar lincada à percepção que o vento me traz, à direção que deixo meus pensamentos seguirem. Percebo assim, a inteligência espiritual se fazendo necessária e marcando presença no cotidiano do meu viver, porque me proporcionou bem-estar, sensação de leveza, ou de pensamentos mais serenos.

Se a inteligência matemática, por exemplo, me faz aprimorar e acrescentar conhecimentos é porque faço nela um investimento com leituras, pesquisas, diálogos com outros que tem a mesma busca. Na inteligência espiritual há um processo semelhante se me dedico à meditação, por exemplo. Ao ampliar o conhecimento e a capacidade de atingir outros níveis de consciência e com eles adentrar num estado de harmonia, que se refletirá numa vivência de maior compreensão sobre a vida e seus significados, incorporamos essa experiência como válida e possível de continuar trazendo-nos benefícios, tanto físicos, como mentais e espirituais.

Torralba (2010) aponta para uma ideia do corpo, que não é apenas uma realidade material, mas sim um instrumento de que nos valem para atuar e criar. Muitas profissões requerem a força e a mobilidade do corpo, e esse é a expressão da inteligência. Sua contribuição prossegue ao dizer que uma pessoa espiritualmente forte, obtém do corpo físico, o quanto necessita para realizar suas tarefas e consegue seguir o caminho para chegar ao destino, mesmo que esteja cansada, cumpre as tarefas como quem está fazendo um jogo.

Edith Stein (hoje Santa Tereza Benedita da Cruz), expressa seu pensamento sobre a força corporal e espiritual, ao dizer que nosso corpo físico quando está cansado busca forças no corpo espiritual. Porém, não somos como uma máquina que se dá corda, mas a potência espiritual dispõe de força e pode impulsionar a atividade

corporal, assinalando sua crença nessa íntima relação entre inteligência corporal e inteligência espiritual, que podem ser vinculadas pela prática da meditação.

Prossegue Torralba a nos dizer que é em virtude da inteligência espiritual que o ser humano interroga-se pelo sentido da existência e qual é o significado na nossa estada nesse mundo, bem como procurar respostas plausíveis para tal. O ser humano é chamado a dar sentido à sua existência, porém esse sentido estará ligado à inteligência espiritual de cada um, das suas interações e da sua bagagem educativa e cultural. “Cuando se supera el nivel de las aparências accesibles y se llega a las raíces se desata uma intensa vida espiritual”. (p.80) Nesse pensamento, para mim, Torralba deixa muito claro que a espiritualidade é inerente ao ser humano e que não está ligada a princípio a nenhuma religião, ou crença, mas se desenvolve juntamente com a bagagem educativa que temos acesso. Então, reafirmo a responsabilidade dos pais, da família, da escola e com certeza dos meios de comunicação para que invistam na prática dos valores, das virtudes e assim desencadeiem a criação de oportunidades para compreender e assimilar a importância da inteligência espiritual, como meio para descobrir e ancorar sentido e significado para a nossa existência.

Continuamos na linha de pensamento de Torralba com suas considerações sobre os avanços da tecnologia e da ciência, os quais não acompanham a crescimento da convivência social, nem do desenvolvimento harmônico da vida emocional. Esses fatos causam uma “anemia *espiritual*” (p.90) O autor refere-se ao escritor francês Jacques Maritain, que já em 1947 escreveu sobre a necessidade de uma educação espiritual, definindo-a como essência da educação com a finalidade de despertar o interior dos seres humanos, ajudando-os a compreender que a vida é um projeto particular de cada um.

A inteligência espiritual é nossa inteligência moral com a qual exercitamos a bondade, a verdade, a beleza e a compaixão em nossa vida. É a inteligência da alma extraindo as mais profundas e ricas dimensões da imaginação e do espírito. (ZOHAR, 2004, p.16)

Para compreender esse processo a inteligência espiritual proporciona a capacidade de transcender, caracterizada como busca de todo ser humano, a aspiração

por superar um limite, e nessa superação é possível deparar-se com a criatividade, cuja chama da transcendência é a sua consciência.

Em nossa cultura dizemos que essas pessoas tem uma sensibilidade “à flor da pele”, e também preconceituosamente circula um pensamento de que viver essa experiência sensível ou ter essas características contribuem muito pouco para o mundo da ciência e da tecnologia. Porém, ao deparar-me com os pensamentos de Torralba compreendo e reafirmo por experiências vivenciadas, que essa inteligência, agora traduzida por espiritual, é responsável em grande parte pela busca de todo ser humano: uma busca de felicidade. A capacidade de transcender referenciada em parágrafos anteriores, inclui na inteligência espiritual a visão para também se ascender nos progressos da ciência e da tecnologia, sem excluir o prazer sensível de captar a beleza de uma folha ou de deixar o som de um instrumento impregnar-se ao nosso ser. A natureza em si contém seus mistérios, perguntar-se sobre eles e desejar descortiná-los, compreendo que articula e amplia os movimentos que ativam a inteligência espiritual.

La persona espiritualmente inteligente capta El fondo, lo que emana e los más sencillos elementos Del mundo que se presentan a los sentidos: colores, sonidos y formas. Percibe algo más universal y significativo en las cosas que lo que conocemos vulgarmente... Este tipo de experiencias, por las que la persona se funde, de alguna manera, con ese valor universal de lo bello en lo concreto, son estados de plenitud vital, de verdadera felicidad en El mundo. (TORRALBA, 2010, p.34)

Mediante esses pensamentos trazidos pelo pensar que se debruçou sobre a inteligência espiritual, detenho-me agora a pensar sobre a sabedoria. A sabedoria está voltada para o bom senso, o equilíbrio entre o que dizemos e o que fazemos e grande capacidade de pensar e de agir permeadas pelo componente da serenidade. Esses propósitos, a meu ver, estão estreitamente ligados à inteligência espiritual. Torralba fundamenta esse pensar quando diz que o sábio sabe degustar as coisas, desde as mais vitais as mais insignificantes e para tanto nos faculta uma tomada de consciência da relação que temos com tudo e com todos, e “quien cultiva la inteligencia espiritual, es capaz de sentirse miembro del gran todo, estrechamente unido a cualquier entidad física, biológica, vegetal o irracional.” (p. 151).

Compreendo a ideia do autor quando falamos em fragmentação, quando dividimos o conhecimento em disciplinas, a sociedade em classes, e não faz muito tempo as crianças eram divididas na sala de aula conforme o grau de conhecimento. Agora me questiono como vamos aprender, como vamos evoluir se estamos presos num espaço ou num conceito que parece determinar ser tão somente aquele o nosso lugar? Surge então a necessidade de transcender, de ir além da realidade que está visível. É o espírito que transcende, que aprende, evolui e desenvolve a consciência de estar ligado ao todo; que capta pela intuição e desvela as buscas incessantes que o ser humano apresenta em seu viver. Penso também que a força que buscamos para superar os desafios, para compreender e responder nossos questionamentos, encontra um viés de respostas quando assimilamos essa conexão, esse sentimento de que somos membros de um grande todo e só atinge essa dimensão, esse conhecimento quem aprende a transcender.

Entre pensamentos, teorias e vivências é bem-vinda a pergunta, mas como é possível aprender a transcender? Zohar (2004) contribui para a resposta quando assim o define:

...é aquilo que nos leva mais além do momento presente, da nossa alegria ou do nosso sofrimento, mais além dos nossos Eus presentes. Leva-nos para além dos limites do nosso conhecimento e experiência e coloca-nos num contexto mais amplo. O transcendente dá-nos um vislumbre do extraordinário, do infinito, dentro de nós mesmos ou no mundo à nossa volta. (p.84,85)

Transcender torna-se possível por meio de fatos aparentemente simples. A semente que plantamos e aguardamos vê-la nascer, e ficamos a observar se carece de mais água, ou de algum adubo, o seu crescimento e o despertar do primeiro botão, o exalar do perfume e as recordações que nos traz, pode levar-nos a transcender, bem como simplesmente observar as cores que se juntam ao final da tarde num por de sol; ao me conectar com esses fenômenos da natureza. Também penso que essa transcendência não acontece só na beleza e no silêncio da natureza, pois quando ouço uma pessoa que fala com sabedoria e suas palavras elevam o meu espírito e a coerência entre o que essa pessoa fala e o que pratica são visíveis, também me fazem transcender, quem sabe dos meus pensamentos de fadiga, ou da vontade de desistir de

alguns sonhos, e as palavras que ouço me alimentam, me passam a energia necessária para prosseguir, então é possível transcender.

Nessa perspectiva, a inteligência espiritual amplia nossa consciência de ligação que temos com o todo. Contribui para essa afirmação, Torralba (2010) quando diz que quem cultiva a inteligência espiritual “Tiene La facultad de transcender su marco inmediato de pertinencia y se capta a si mismo como uma entidad que forma parte Del gran Todo.” (p. 151). Prossegue ao dizer que sentir esse pertencimento com o Todo, também chamado de consciência cósmica, é atributo da inteligência espiritual. Sentindo-nos como parte desse todo, considero haver um maior sentimento de solidariedade e de comprometimento com o mundo das pessoas e da natureza onde vivemos. Onde importar-se com a pessoa do outro e com o meio em que habitamos torna-nos mais sensíveis com o cuidado, bem como o olhar que envolve e nos torna mais fraternos. Então, a discriminação, o preconceito perdem força e significado, visto que estão de certo modo arraigados à nossa cultura.

O autor menciona um pensamento de Albert Einstein ao dizer que o espírito competitivo, que predomina nas escolas e nas universidades destrói todos os sentimentos de cooperação e fraternidade, e concebe alternativamente o êxito como resultado do amor ao trabalho bem realizado e útil. A ambição pessoal retrata o medo de não triunfar. (p.158) Atribuo muito significado a esse pensar trazido por Einstein, porque percebo na educação bem como em outras situações da vida, como o medo se faz presente. Crescemos ouvindo conceitos e normas para as condutas sociais e com elas o medo marca presença. Temos medo do que os outros pensam de nós, e não raras vezes nossa prática está vinculada a um olhar estranho e quem sabe até imperceptível de como estamos sendo vistos, avaliados. No período em que trabalhei com crianças e adotei um novo método de alfabetização, os pais me perguntavam muito se os filhos iam passar de ano, se as notas seriam boas, como estavam se comportando. Um dia já incomodada com esse medo dos pais, apresentei a seguinte questão para eles: por que vocês nunca me perguntam se os filhos de vocês estão felizes, se eles fazem as tarefas de casa com entusiasmo? Ao mesmo tempo em que concordaram que os filhos se mostravam mais ativos e curiosos para realizar as tarefas propostas, tinham medo da maneira diferente com que se alfabetizavam.

Ao me referir à palavra entusiasmo, considero importante o significado da palavra que provém do grego e significa “*ter um Deus dentro de nós*”. (TORRALBA, 2010, p. 169) E esse Deus pode ser hoje traduzido por outros nomes, bem como uma energia especial, que ao meu ver se reporta à inteligência espiritual. O entusiasmo para mim é uma força natural que transborda nas pessoas sem necessidade de ingerir alguma coisa para que ele se manifeste. Transparece numa vontade e certeza que podemos modificar, que é possível a humanidade evoluir, que nada está pré-determinado e que nosso livre arbítrio nos permite transformar, reconstruir, conceber novas alternativas. Referindo-me ainda ao tempo em que fui alfabetizadora, onde minhas turmas tinham um alto índice de aprovação, e me perguntavam qual era a metodologia aplicada para obter tal resultado. Simples, quando recebo a chamada dos meus alunos eu penso que serão capazes, eu acredito neles e irresistivelmente já no período de férias começava a inventar jogos diversos para encantar as crianças e despertar nelas o mesmo entusiasmo que eu tinha como professora. Isso, não foi diferente na Universidade quando muitas vezes os alunos chegavam com defasagem de conhecimentos e cansados por um dia de trabalho, para estudarem à noite. O início das aulas sempre foi algo que aproximava os alunos entre si, como também para junto de mim, do meu entusiasmo e da minha crença de que eles poderiam e deveriam sair dali melhores do que ao chegar. Uns minutos de reflexão, ou um tempo para que alguns alunos dissessem o que de melhor tinha acontecido naquele dia, ou os convidava para olhar o céu. Isso não passava de dez minutos e criava um clima mais harmônico e propício para as leituras, os debates que se fazia posteriormente. Em muitas avaliações no final do semestre os alunos escreviam: não sei como, mas chegava cansado à aula e saía bem.

Sem denominar que essas experiências me reportavam a uma inteligência espiritual, pois nem conhecia tal denominação, mas sentindo que algo fazia a diferença no ato de ensinar-educar, e esse resultado alimentava o entusiasmo para prosseguir, tanto para mim como para os meus alunos. Wolman (2002) define a inteligência espiritual como “*uma capacidade humana de fazer as perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar simultaneamente a conexão perfeita entre cada um de nós e o mundo em que vivemos.*” (p. 15). Refere-se à espiritualidade como um

mundo subjetivo, ou seja, possível de ser interpretado conforme o pensamento e a cultura de cada ser que nele está inserido, e o mundo objetivo - aquilo que a inteligência busca compreender.

A inteligência espiritual sugere uma percepção, uma conexão transcendente com um universo de significado maior. Começa com a habilidade comum em todos nós, de sentir – ver, ouvir, tocar, provar, cheirar e reflexivamente reagir àquilo que é uma extensão de nós e do qual somos uma extensão; que nós chamamos de nosso mundo. (WOLMAN, 2002, p. 124)

Nesse mundo onde experimentamos e as experiências concedem significados ao nosso existir, a inteligência espiritual influencia nossa vida, como uma energia que proporciona um conhecimento sobre nossa maneira de ser e como interagimos com os nossos semelhantes e com os fenômenos transcendentais da nossa própria existência. Ao fazermos nossas escolhas, o que mais valorizamos e com quem vamos conviver, como moldamos nossos relacionamentos e como ressignificamos nossa vivência, são fatores que alimentam e contribuem para enriquecer nossa espiritualidade.

2.2 O entrelaçar da Educação, Espiritualidade e Liderança

Ao escolher espiritualidade e liderança para configurarem juntamente com a grande área da Educação, pensei na visibilidade com que os dois temas se apresentam nos dias de hoje. Educar é ajudar na descoberta das potencialidades que todo ser humano possui e torná-las úteis no convívio social; seja pela invenção de novas tecnologias, seja pela capacidade de perceber as necessidades dos outros. A educação deve favorecer um desenvolvimento para as aptidões de cada pessoa, e neste contexto incluímos a espiritualidade que contribui para a ampliação da consciência, do quanto somos capazes de sermos mais autênticos, imparciais, solidários e éticos.

O conhecimento favorece a ampliação de consciência, pois nos aponta um horizonte e lá chegando visualizamos outro horizonte que aguça nossa vontade de sempre conhecer mais. Oportunamente os líderes desse século deverão estar atentos ao mundo dos humanos que carece de compreensão, da busca de equilíbrio para

vivermos com mais harmonia e com mais proveito das coisas que a ciência e a tecnologia colocaram á nossa disposição.

Muitos autores, diversas ideias, propósitos e teses tratam da educação, pois, essa abrange todos os seres de uma sociedade, se faz acontecer desde a família, e poderíamos dizer que se solidifica na escola, onde se vivencia uma espécie de ensaio para a convivência em sociedade.

Rousseau, em seu livro O Emilio, trata a educação como uma questão naturalista que tem como ideal a adaptação do Homem à vida, sugere aos que querem ter uma ideia de Educação, que se leia a República de Platão. *“É o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu.”* (1979, p.14).

É para lá que vamos encontrar algumas ideias significativas para entendermos a importância da educação, que defendo como elemento primordial na formação do ser humano, amparada pelos tributos da espiritualidade, referendados nesse capítulo e pelo exemplo coerente dos líderes. Quando Rousseau destaca que a educação vem da natureza, do homem ou das coisas, abrange um universo de ideias que perpassa o que ainda precisamos aprender no que diz respeito à espiritualidade e o comprometimento dos líderes.

O desenvolvimento de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 1979, p.11).

Na vida, na escola e na sociedade, incorporamos e às vezes tropeçamos querendo ou não, com aspectos pertinentes à educação. Por consequência, somos partícipes da infinita construção do ser humano, alicerçando seus conhecimentos pela educação, descobrindo significados e razões para as nossas experiências, apreciando o mundo em que vivemos através da espiritualidade e dirigindo um constante olhar para as atitudes dos líderes.

Entre a ciência que confirma resultados mediante hipóteses estudadas e a espiritualidade ainda mantida por uns como uma questão de fé e para outros pelas perguntas: como é possível? Como é possível a harmonia e a sequência entre os fenômenos do dia e da noite? O que sustenta o mistério da vida e a história que os

seres humanos vivenciam nesse planeta? Há outros mundos para serem explorados? Entre as evidências científicas e as evidências inexplicáveis, constatamos um anseio para estudar mais essa temática e que poderia começar pelos currículos escolares, para ampliar o conhecimento até agora voltado para o desenvolvimento biopsicossocial, deixando uma lacuna para questões referentes à espiritualidade.

Wolman (2002) transcreve uma definição de espiritualidade apontada por Parker Palmer, membro Senior da Associação Americana de Educação Superior, constatando que a consciência espiritual está nas mentes de muitos educadores, num currículo oculto, mas que começa a revelar-se abertamente nas salas de aula. Assim refere:

Por espiritual, quero dizer a busca secular e permanente pela capacidade de conexão com algo maior e mais confiável do que nossos egos – com nossas próprias almas, uns com os outros, com os mundos da história e da natureza, com os meandros invisíveis do espírito, com o mistério de estarmos vivos. (p.43)

O desenvolvimento da espiritualidade contribui para que tenhamos líderes que atuem com princípios éticos e com mais sabedoria e, conforme O'Donnell: "Líderes sábios não são apenas aqueles que executam, nem mesmo os que comandam pelo exemplo, mas aqueles que fazem brotar, nos outros, seu melhor potencial para que eles próprios se tornem líderes." (2009, p. 39).

Podemos educar nossas práticas criando hábitos mais saudáveis tanto físicos como espirituais e acredito que no contexto escolar, desde a formação dos professores, é possível estabelecer vivências que aportem para a conscientização desse aspecto, ainda carente junto às Instituições de Ensino. Desde a compreensão dos próprios desafios e crises pertinentes ao nosso cotidiano, à motivação para atos de solidariedade, pois quem se sensibiliza com as necessidades dos outros, já demonstra abertura para estabelecer uma vivência integrada com o mundo da matéria e da espiritualidade.

Precisamos ainda desmistificar significados populares sobre a espiritualidade, quando interpretada tão somente pelo viés que apresenta sua ligação com as religiões. Estas são componentes da espiritualidade, uma vez que contribuem para os momentos de reflexões e leituras, que ajudam a ampliar nossa consciência perante o mundo em

que vivemos. Entre crenças, mitos e algumas vivências, queremos comprovações; afinal, o que há de científico no estudo da espiritualidade?

A espiritualidade pode nos estimular a tomar a vida e a própria existência do mundo como uma dádiva, até como um milagre, contanto que isso não seja usado como desculpa para fechar a porta à curiosidade e à indagação científica. (HAPÉE, 1997, p. 49)

Robert Hapée, que estudou religiões, filosofias, viveu com nativos, trabalhou na Índia e dedicou-se a estudar e partilhar seus conhecimentos sobre: o significado da vida reporta-se a vários filósofos, pois esses, desde os pré-socráticos se preocupavam em descobrir qual era a busca do ser humano e concluem que era comum, a busca de felicidade. Mas de quantas formas, ou por quantos caminhos isto seria possível? Então, nos traz Nietzsche e Schopenhauer: “nenhum vínculo entre vida e espiritualidade era mais exemplar que a música, a qual era a manifestação direta, não simplesmente uma expressão, da Vontade Cósmica que impregnava toda vida.” (p. 65) E agora, voltando ao nosso tempo, dizemos: põe uma música, relaxa, lê um bom livro... Esses são pequenos exercícios que ajudam a quem se dispõe, a viver e a ampliar a consciência de sua própria espiritualidade.

O que a espiritualidade desenvolvida me concede é a capacidade de ver onde estou e o que minha inteligência é capaz de produzir e se é benéfica na relação com os outros seres de convivência. Consciente do sentido dessa vivência, poder sentir e desenvolver um sentimento de gratidão. E que esse sentimento de gratidão, possa trazer um viver com mais leveza, mais compreensão e amorosidade. Essa educação para os sentimentos e que abarca características da espiritualidade, deve ser referenciada pelos líderes para serem inspiradores de mudanças nas relações humanas.

Construímos um mundo barulhento e tudo que precisamos agora é aprender a silenciar; porque foi o barulho da corrida louca para vencer tudo, que ajudou a trazer o estresse e a depressão. Tivemos mais acesso à escola e ao conhecimento, mas ainda estamos muito limitados às quatro paredes de uma sala de aula e acreditando cegamente que a nota melhora nossa auto-estima. Podemos ligar em poucos minutos para qualquer parte do mundo, mas estamos cada vez mais desligados das reais necessidades humanas. Precisamos “*reaprender a ver o mundo*”. Penso ser essa uma

tarefa essencial a ser estimulada pelos líderes, por isso a necessidade do conhecimento, da maturidade e de serem capazes do processo de reversibilidade, ou seja, de colocar-se no lugar do outro. Importar-se com o outro, é saber que há em nós, um germe de felicidade, colocado em tal ponto que não conseguimos tocá-lo... Então, precisamos do outro, e mediados pelo seu afeto, serenidade, e conhecimento, remexemos a terra fértil do nosso ser e vice-versa. Assim, a felicidade nos trará a saúde do corpo, da mente e do espírito.

Não lemos para repetir o que os autores disseram e dizem, mas para ampliar a nossa consciência do quanto o pensamento deles traz movimento ao nosso pensar. Quando um líder fala ao seu grupo, ele é visto como referência e esperamos dele o exemplo. Cada um acolhe o que ele diz a seu modo, conforme o estado de espírito que vive naquele momento: assim, alguns interpretarão como estímulo, outros como repressão, apostando na hipótese de que muito depende da maturidade que lhe fornece capacidade de compreensão.

Há uma convicção para alguns educadores, “*da existência de uma fragmentação de todas as esferas da vida humana.*” (YUS, 2002, p.13) seja no aspecto da vida econômica, social, pessoal e cultural. E a escola por sua vez, continua a reproduzir essa fragmentação por meio das disciplinas, por mais que se fale em processos interdisciplinares, multi e transdisciplinares.

Nesse contexto de ideias inspiradoras para que tenhamos gestores com o espírito de líderes, é propício ancorar junto aos conceitos aqui tratados, um que fundamente a que pensamos educação:

A educação consiste em favorecer um desenvolvimento tão completo quanto possível das aptidões de cada pessoa, quer enquanto indivíduo quer como membro de uma sociedade regida pela solidariedade. A educação é inseparável da evolução social, constituindo uma das forças que a determinam. (CABANAS, 2002, P, 57)

Somos dotados de muitas capacidades vinculadas à inteligência, dom inato de todo ser humano, mas que pode ser desenvolvida, ampliada, a começar pela educação. Assim, educar é proporcionar a este ser humano, toda espécie de possibilidade e condição em que seja possível deslumbrar caminhos nos quais, a inteligência possa nos levar, com o propósito de aprimorar o mundo em que vivemos.

Em toda história da humanidade podemos constatar que as descobertas em qualquer área foram fruto da ousadia, da pesquisa e das necessidades do ser humano, alicerçadas pela sua inteligência e capacidade de convivência.

Conviver hoje, ainda considerando início do século XXI é desafiador, pois toda a tecnologia descoberta e facilitada em seu acesso trouxe certo conforto, mas também acirrou o individualismo. Podemos pensar que estamos enquanto humanidade, na fase, segundo Piaget “egocêntrica”, em que as coisas (celular, televisão) despertaram nosso individualismo, quando a Educação requer que também sejamos capazes de nos importarmos com os outros, de despertarmos para certo grau de solidariedade.

A educação desde as suas primeiras concepções está voltada para o aprimoramento do ser humano, nela reacendemos a chama da espiritualidade com o objetivo de proporcionar ao ser humano, o encontro com sua inteireza que permite vivenciar as melhores escolhas, quer sobre o conhecimento, quer sobre a qualidade de vida. Zohar (2004) corrobora com essa ideia ao afirmar que: *“A melhor ciência do século XX ocupa-se essencialmente da inteireza quer seja a inteireza inter-relacionada da realidade física, a integração mais íntima da mente e corpo com a natureza holística das oscilações neurais que levam à consciência humana”*. (p.144) Portanto, os líderes do século XXI deverão estar imbuídos desse conhecimento para consignar com suas práticas, mais humanidade e sabedoria, para experienciar e indicar elementos possíveis de serem agregados na conquista da felicidade, que é almejada por todos os seres humanos e constitui-se também na vivência equilibrada que atribuímos às experiências e aprendizados, possíveis quando sintonizamos com um viver harmonioso entre o mundo da matéria e a espiritualidade.

3 LIDERANÇA – A influência que inspira

Liderança não é consequência de uma personalidade estável, mas a evolução de uma pessoa íntegra. Seres íntegros tem experiência de uma vida de união consigo mesmos e com o universo. Eles agem a partir da plenitude de sua experiência. Há uma harmonia e uma sincronicidade única entre suas crenças e suas ações. Uma pessoa íntegra começa a ter a experiência de afinidade espiritual com a ordem natural do universo.” (Chatterjee, 2007, p.48).

Concebo a liderança sob o prisma da minha profissão: ser professora, constituir-me educadora ao olhar para os alunos e preparar as aulas com a intenção de inspirá-los na conquista da própria emancipação. Emancipar-se do que? Dos conceitos já estabelecidos, de decorar as ideias dos outros, de pensar unicamente no final do curso: uma nota, de preferência a máxima e um diploma para ingressar no mercado de trabalho. Portanto, ao invés de elaborar perguntas cujas respostas estariam no texto; eu pergunto: o que o texto te fez pensar? E o que podes fazer com esse pensamento, como ele se integrará nas tuas ações? Um caminho que a meu ver sempre resultou em alunos mais participativos e que relatavam resultados positivos, já alcançados em seus locais de trabalho. Mesmo em turmas com mais de cinquenta alunos, sempre que alguém fosse expressar seu pensamento ou suas dúvidas, deveria antes dizer o próprio nome. Isso gerava um clima de união, afinidades e sintonia, bem como ouvia seus relatos sobre seus ambientes de trabalho, que ao chamar os “colegas” pelo nome percebiam um clima mais favorável à boa convivência e que se traduzia em bons

resultados para a escola ou empresa onde atuavam. Assim constatava a liderança que inspira.

Gilley (2003) apresenta a liderança como o caminho da coragem. E nesse caminho: *“os líderes sabem que a tarefa prioritária é criar uma atmosfera em que cada pessoa comece a se ver como um líder e passe a pôr em prática essa habilidade.”* (p.271) Essa atitude gera confiança e essa por sua vez facilita todo e qualquer aprendizado, bem como o aprimoramento do que já é conhecido, favorecendo o espírito de investigação.

3.1 Líderes e Liderança

No início do capítulo sobre educação reportei-me aos primeiros filósofos que sacramentaram conceitos concebíveis até hoje, para definir e compreender os propósitos da educação. Para conceituar liderança como influência que inspira é notório dizer que essa se faz por meio da ação de pessoas, por isso a justa afirmação de Chatterjee que a liderança transparece na *“evolução de uma pessoa íntegra”*; portanto na figura do líder. Para caracterizar o líder, reporto-me novamente a Sócrates, que atribui quatro características para os juízes, mas que cabem muito bem aos líderes, quando diz que devem saber ouvir com cortesia, responder com sabedoria, ser prudentes e decidir com imparcialidade. E isso implica importar-se com a pessoa do outro, é saber que há em nós, um germe de felicidade, colocado em tal ponto que não conseguimos tocá-lo; então, precisamos do outro, e mediados pelo seu afeto, serenidade, e conhecimento, remexemos uma terra fértil do nosso ser, de caráter fundamental para a convivência e os aprendizados. Essa sintonia e esse bem-viver proporcionam um estado de felicidade que nos trará a saúde do corpo, da mente e do espírito. Com isso reconhecemos no líder a necessidade de se apoderar mais do conhecimento do que do próprio cargo.

Os líderes que agem com o coração aberto têm um elevado nível de autoconsciência. Eles sabem quem realmente são em seu íntimo, o bom, o mau, o feio. Alguns líderes são naturalmente capazes de liderar. Muitos levaram anos retirando camadas de isolamento, desaprendendo os métodos que mantiveram o entusiasmo distante de seu trabalho e de sua vida. Levaram anos para eliminar o hábito de fazer cada vez mais

coisas para preencher seu vazio interior e reaprender a paz que pode ser obtida simplesmente estando presente e mantendo-se receptivo e flexível. Levaram anos para eliminar o hábito de encarar os empregados como robôs, destituídos de emoção e reaprendendo que cada pessoa é um ser humano de verdade, com esperanças, sonhos, temores e mágoas. (GILLEY, 2003, p.26)

Podemos atribuir à educação dentro da sua contingência, também o legado de contribuição para formar o caráter do líder, concebido como um ser íntegro, desejando que suas atitudes sejam inspiradoras e contribuam para tornar a vida do povo, mais humana, conseqüentemente mais feliz; seja esse povo os trabalhadores de uma fábrica, os alunos de uma escola, ou os moradores de uma cidade, independente da classe social a que pertençam. Roca (2012) nos faz pensar sobre a personalidade de um líder e a contribuição da espiritualidade ao dizer que quanto mais energia espiritual houver nas pessoas, menos corrupção social terá espaço para se manifestar. Aproveitar o potencial humano com que nascemos e intercambiá-lo com o potencial dos outros. E essa é uma das responsabilidades dos líderes, entendida como a capacidade de responder e governar com justiça e coerência.

Para atingir esse equilíbrio precisamos praticar a quietude interior, abandonando as opiniões, crenças e atitudes que nos prendem a maneiras pouco amorosas de estar na vida, porque a liderança sempre estará implícita ou explicitamente ligada ao poder, porem o que mais importa é o domínio dos sentimentos de segurança e amor e não o domínio para sobrepor-se às outras pessoas. Isso porque precisamos de pessoas e instituições que nos façam sentir seguros, na insegurança do contexto no qual vivemos. A liderança pode assim ser considerada um processo de influência realizado no âmbito da gestão de pessoas, orientadas por uma visão clara e abrangente da organização em que se situa e de objetivos que devam realizar, com a perspectiva da melhora contínua da própria organização, de seus processos e das pessoas envolvidas.

Porém nossos líderes estão “sem tempo” para pensar, com isso entramos na era dos coaching e dos mentoring que intercedem junto aos líderes para assegurar um trabalho com mais qualidade. Contudo, *“El liderazgo es mucho más, um arte, uma creencia, uma condición del corazón, que um conjunto de cosas que hay que hacer”*.

(ROCA, 2012, p. 21) Traduz a arte como uma capacidade de dominar, mas não dominar os outros, e sim dominar o próprio mundo interior de quem lidera.

Tradicionalmente relacionamos o poder de alguém com a capacidade de impor sua própria vontade sobre os outros, entretanto, Krausz (1991) nos apresenta outra face do poder, referindo-o ao reconhecimento psicológico que se faz necessário para mantermos o bem-estar interior, revelando nossa autoestima e também transparece na forma como nos relacionamos com os outros, sejam eles nossos colegas de trabalho, ou nossos superiores.

O que um líder consegue inspirar para o seu grupo de trabalho não emerge apenas do seu conhecimento, mas, sobretudo, suas atitudes, da sua maneira de ser, das ações que se edificam a cada dia. Penso ainda que o líder do nosso tempo deva ser aquele que nos traz alegria e entusiasmo quando chega alguém com o qual sentimos prazer no diálogo, nas trocas, aquele que sabe ouvir, delegar poder, considerar e respeitar. Nesse processo se constitui a liderança, que segundo Gilley (2003) *“A essência da liderança está na maneira de ser que a pessoa traz para aquilo que faz”*. (p.272)

Estabelecendo essa sincronia não mais se fará necessária a reunião das cobranças, mas sim a reunião para acolher os resultados e vivenciar a satisfação. Essa característica de liderança traz em si a confiança que gera o bem-estar no grupo; este bem-estar se traduz em educação e respeito de uns para com os outros e essa vivência em harmonia proporciona uma vida mais saudável comungando com a vivência da espiritualidade.

Zohar (2004) chama este processo de capital espiritual:

“O capital espiritual, ao contrario, é a riqueza com a qual podemos viver, que enriquece os mais profundos aspectos da vida. É a riqueza que extraímos de nossos mais profundos valores e princípios, propósitos fundamentais e motivações mais elevadas, na busca de um modo de encaixa-los em nossa vida e em nosso trabalho.” (p.15)

Segundo a mesma autora, a inteligência espiritual é a forma como usamos nossos processos mentais para utilizar a riqueza material. É a inteligência com a qual usufruímos das coisas da matéria inventadas a partir da inteligência humana para suprir

nossas necessidades vitais ou nos trazer conforto, sem, contudo deixar de lado o olhar e as atitudes de bondade, compaixão e significados para o cotidiano.

Trata-se de um olhar holístico, em que as partes cooperam e interagem no sentido de complementar umas as outras; a visão se expande, os valores se ampliam e a flexibilidade é quem permite o crescimento e não mais a competitividade.

Líder é aquele que ajuda seus pares a encontrar motivação, não impõe, mas inspira a cumprir suas responsabilidades e a assumir-se como parte de essencial importância na composição do todo; ensinando a lição do amor e do respeito, componentes básicos de uma educação que se compromete com a manutenção de uma vida mais saudável e se configuram como alimentos imprescindíveis para nossa espiritualidade.

Roca (2012), expressa a condição do líder quando precisa tomar uma decisão referindo-se à necessidade de solidão. E estar só, não é estar vazio, pois estar vazio é estar perdido; contudo, o líder que mantém o foco nas metas a que se propôs realizar, não se perde, porque ao compreender o verdadeiro papel do líder, será antes aquele que serve, mesmo estando no comando e colocando-se na condição de sempre aprender.

Aprende de los mayores, aprende de los jóvenes, aprende de los clientes, aprende de todos. Eres El líder, El eterno aprendiz. Por qué presumir de maestro cuando no hay estado mejor que El eterno aprendiz? Aprende de todos em todo momento y lugar. Aprende de todos porque de todos tienes algo que aprender y todos tienen algo que enseñarte. Tu trayectoria es un aprendizaje constante hasta que te conviertes em líder. (ROCA, 2012, p. 73)

Com ideias semelhantes Zohar (2004) alinha-se com a definição de líder conceituando como: *“aquele que está a serviço”* (p.47) e traz consigo um sentido para aquilo que realiza, porque serve conscientemente e mantendo sintonia com as forças do Universo, percorre um perfil de líder que vai além das responsabilidades que lhe são atribuídas, tornando-se também um líder espiritual pela sua capacidade de ouvir e aconselhar seus liderados.

Nessa perspectiva, evoluímos como seres humanos, rompemos paradigmas ou ao menos tentamos ultrapassar alguns mitos e ascender culturalmente, visto que fruto da inteligência humana criaram-se tantas coisas, quem sabe para trazer mais conforto

para as nossas longas jornadas de trabalho. A tecnologia substituiu algumas das tarefas humanas, porém, o cuidado que envolve responsabilidade e afeto ainda só poderá ser feito pelos humanos.

Mediante esses avanços ingressamos numa mentalidade mais fortalecida e coerente com os propósitos e necessidades de pessoas mais solidárias e capazes de cooperar, apostando não na corrida contra o tempo, mas numa corrida que reaproxime os seres humanos, desestabilizados talvez pelos avanços tecnológicos e pela ideia ilusória de que o mundo pertence aos espertos. Nesse contexto, os líderes trabalham em prol do conceito de que o mundo é dos que cooperam, conferindo-lhes participação e autonomia. Com isso difunde-se a ideia de que o primeiro capital é o capital humano e junto dele o capital espiritual. Conforme Zohar (2004) o capital espiritual é uma riqueza para os mais profundos aspectos da vida, permitindo-nos extrair valores, propósitos e motivações elevadas para a nossa vida e para o nosso trabalho.

Nesse cenário passamos a ser colaboradores de um processo que busca para além do capital da matéria, os valores espirituais numa interface que prima pelos valores que mais dignificam o ser humano; como trabalhar com honestidade, olhar para as pessoas como seres com os quais somos todos irmanados, primando por atitudes que convergem para o bem comum. Para tanto, nesse momento histórico cultural, o líder e o cargo que lhe for atribuído, precisam revestir-se das qualidades esperadas de um líder, dentre elas, segundo Catanante – desenvolver o espírito do ser integral – esse entendido como: um ser social – como nos relacionamos e como somos vistos pelos outros; um ser emocional – designando quais são as emoções mais presentes na vida e como reagimos em relação aos outros. Um ser espiritual demonstra qual a razão, quais os propósitos da vida, o que viemos ensinar e o que viemos aprender neste planeta; e o ser racional apresenta o reflexo da consciência que retrata as realizações como resultado das nossas decisões.

No ambiente organizacional de qualquer parte do mundo há sempre uma crença no invisível, numa divindade, num elo que transcende a relação material com o trabalho. Fazendo-se um paralelo com o desenvolvimento espiritual desses profissionais e sua aplicabilidade no trabalho, foi possível constatar que as *pessoas com grau de espiritualidade bem desenvolvido costumam ter clareza de sua missão, dos benefícios que agregam com o próprio trabalho, da diferença que*

fazem no mundo pessoal, profissional e na comunidade em que vivem.
(CATANANTE, 2000, p. 63)

Catanante traz também para a reflexão, a Inteligência Emocional teorizada por Daniel Goleman, que constatou em suas pesquisas: as pessoas que na infância receberam afeto e compreensão e dentro dessa convivência aprenderam também a esperar, a não receber tudo pronto e conviveram com outras crianças vivenciando a sociabilidade; apresentam quando adultos um quociente emocional mais elevado e este por sua vez, propicia às pessoas um viver bem sucedido, tanto na vida pessoal como no desempenho profissional. Com isso constatamos que um líder que se destaca, seja no seu local de trabalho, ou atuando em assuntos comunitários começou a desenvolver suas competências desde muito cedo, apresentando características que lhe conferem reconhecimento nos ambientes de sua convivência.

Partindo dessa ideia e pressupondo que professores devem ser um dos primeiros exemplos de liderança para seus alunos, configurados no valor do líder que inspira, pelo seu carisma, pela dinâmica com que trabalha, pela verdade que expressa no sentido ético e imparcial para com seus pares, pelo caráter e pela responsabilidade que desempenha suas atribuições, apresento alguns conceitos, ideias e estudos sobre liderança e espiritualidade.

Acredito, pela minha vivência, pelas leituras e pesquisas realizadas que a espiritualidade traz e amplia uma consciência de que estar neste mundo é uma oportunidade para grandes aprendizagens. Em contrapartida, somos responsáveis pelo nosso modo de viver e pelo espaço em que habitamos e corresponsáveis pelas pessoas com as quais convivemos. Se esta ideia de respeito por tudo e por todos fosse concebida e trabalhada nos valores familiares, nos currículos escolares, ela talvez já estivesse implícita nas organizações; conseqüentemente, suas lideranças teriam apenas que fomentar um valor já alicerçado e que proporcionaria a harmonia e bem-estar, que tanto as pessoas quanto os grupos almejam.

Lama (2000) sugere que a educação deve favorecer um desenvolvimento para as aptidões de cada pessoa, e neste contexto incluímos a educação que contribui para uma ampliação de consciência sobre a necessidade da busca de equilíbrio, caminho regido pela espiritualidade e que contribui para que sejamos pessoas mais saudáveis.

A espiritualidade contribui para que tenhamos líderes sábios e conforme O'Donnell: *“Líderes sábios não são apenas aqueles que executam, nem mesmo os que comandam pelo exemplo, mas aqueles que fazem brotar nos outros seu melhor potencial para que eles próprios se tornem líderes.”* (2009, p. 39) Ao citar esse referencial, percebo a bem da verdade, que há na maioria das vezes um distanciamento entre o líder e seus liderados, carecendo ainda, ao menos para alguns, o entendimento que estar a serviço, ou agir de tal forma que inspire atitudes que demonstrem estar atuando com boa vontade, empenho e espírito cooperativo é um movimento que requer despojamento de alguma vaidade que um cargo possa favorecer aos líderes.

3.2 Espiritualidade e Ciência na prática da Liderança

Braden (2010) escreve um capítulo no livro *A Espiritualidade em Debate*, sobre o poder e a promessa de uma ciência embasada na espiritualidade. A espiritualidade trazida como prática harmoniosa, por um viver mais coerente, ressurge amparada pela ciência, desde as buscas individuais às práticas coletivas nas organizações que de uma maneira ainda discreta, passam a investir em momentos de vivências que contemporizam o entrelaçar do trabalho, com lazer e meditação. Há uma relevância social no fato de compreender: se cada partícula está bem, o conjunto será mais inteiro, mais saudável.

Em nosso interior temos um *“reino sagrado”* (p.145) é o segredo da força mais poderosa do universo que é o nosso poder de criar. Ao combinar pensamento e emoção, estas se convertem num sentimento e traduzem quem nós somos. E assim, *“cuando tenemos un sentimiento, pues, estamos realmente creando pautas de energía que interactúan con la misma materia de la que está compuesto el universo.”* (p.146) Partindo desse conhecimento vem a pergunta: como utilizar essa força, ou esse reino sagrado que está em nós, para o nosso benefício e conseqüentemente daqueles que conosco convivem? Trata-se de uma tarefa essencial para cada ser humano descobrir e

praticar, mas de uma maneira primordial aos líderes e gestores, na condição de inspiradores de boas práticas.

Contudo, é preciso que:

“La ciência nos diga cómo funcionan las cosas y que las tradiciones espirituales nos enseñen El modo de palicar esse conocimiento -, dispondremos de La sabiduría necesaria para sobrevivir a lo que los expertos están llamando El principal reto de La historia y abrazar entonces La promesa de nuestro futuro!” (BRADEN, 2010, p. 150).

Somos parte de um mundo e nele influenciados configura-se nas experiências da descoberta de um código oculto em nosso DNA traz o resultado de doze anos de pesquisa. Diferenciando-se na linguagem, descobrimentos antigos e modernos referem-se aos mesmos princípios sobre a origem da vida. (The God Code – Hay House, 2004) Descobre que 50 bilhões de células aproximadamente, do nosso corpo transmitem literalmente a mesma mensagem atemporal. E estas revelam uma tradução de Deus dentro do corpo: *“lo que significa que La humanidad forma parte de La misma familia, que está unida através de una herencia común y que es fruto de un acto creativo deliberado.”* (BRADEN, 2010, p.153) Segue o autor a dizer que essa mensagem está configurada em cada uma das células dos sete bilhões de habitantes do mundo, independente da raça, religião, estilo de vida ou crença, revelando o estreito vínculo que nos conecta uns aos outros. Sendo assim, torna-se praticamente inegável o grau de responsabilidade que temos uns pelos outros e o quanto os líderes podem e devem contribuir com essa perspectiva.

Zohar (2004) conceitua o líder como alguém que está a serviço não só nos negócios, mas qualquer outro campo da vida e ao referir-se ao espírito do humanismo oriental, insere nos valores da inteligência espiritual, *“a compaixão, a humildade, a gratidão, o serviço à própria família e o serviço à natureza mais verdadeira do ser”* (p.47). O verdadeiro líder acaba por tornar-se referência não só para o seu grupo de trabalho, mas torna-se referência para toda uma sociedade como Mahatma Gandhi, Madre Tereza de Calcutá e Nelson Mandela. Nesse momento ao citar Nelson Mandela, tomamos conhecimento do final da sua etapa, falecendo no dia 05 de dezembro de 2013 aos 95 anos de idade e a repercussão mundial que esse fato nos trouxe, dentre eles o canto, a voz e a dança do povo africano em homenagem a esse grande líder.

Maturana (2008) nos traz um pensamento aparentemente simples, mas significativo para pensarmos nos líderes que trazem seu olhar voltado para o bem comum: *“de fato, ficamos enfermos quando nos é negado o amor como modo de convivência.”* (p.15) O gestor (termo que passou a ser usado mais recentemente para as pessoas que tem alguma função de liderança tanto em empresas como em escolas) que compreende e se apodera do espírito do líder reveste-se de um poder pessoal, não para exercer atitudes de mando sobre os outros, mas para ajudar e motivar constantemente cada um dos seus liderados para que aprimorem suas potencialidades e também possam constituir-se em novos líderes. O`Donnell diz que: *“Descobrir grandes líderes, não apenas para organizações, mas para as necessidades urgentes de um mundo em desordem, é um dos nossos maiores desafios.”* (2009, p.42) A busca do conhecimento, o acesso à universidade tornou-se mais comum no final do século XX e início do século XXI. Os meios de comunicação nos trouxeram possibilidades de acessar o mundo. Porém, o nosso mundo interior está em defasagem, pois toda a mídia também se encarregou de uma supervalorização da aparência exterior, e somos como que arrastados para uma corda bamba para as ofertas das propagandas, que parecem ditar verdades incontestáveis. Carecemos então, de alguém que nos ajude a pensar, a discernir o que realmente é válido e valoroso para nós seres humanos; e cabe indiscutivelmente, também aos educadores, elucidar um pensamento coerente, para que nossas atitudes condizam e repercutam com a busca de equilíbrio, harmonia que se traduzem no bem-estar e num sentido mais significativo para o nosso viver.

Pensamos que a questão primordial, talvez, não seja descobrir grandes líderes, mas fomentar e investir numa educação que favoreça a construção dos líderes que acreditamos serem possíveis e necessários para o nosso tempo. Nós, educadores, somos sinônimo de liderança para nossos alunos desde a infância, somos coresponsáveis juntamente com a família, as políticas sociais e os meios de comunicação, na formação dos líderes, sejam eles gerentes de um supermercado, conselheiros tutelares, vereadores ou presidentes da República. Não se trata de uma responsabilidade ameaçadora, mas honrosa, participativa e inspiradora que podemos proporcionar aos nossos alunos. Há nessas atitudes éticas, coerentes e afetuosas a dignidade do educador, transdisciplinando vivências da espiritualidade.

Com isso, Solomon expressa ideia semelhante:

Há espiritualidade, também em nosso senso de humanidade e camaradagem, em nosso senso de família. Há admiração e espiritualidade no sentimento de que não estamos no completo controle de nossas vidas, de que há forças que determinam o nosso curso, que não compreendemos, mas que ainda assim parecem ter algum propósito. (2003, p. 25)

Diante disto, percebo a necessidade de pesquisar para esclarecer e desmistificar essa busca do ser humano, numa época em que muito se fala dos vazios existenciais; do quanto temos acesso a uma infinidade de coisas materiais e que precisamos educar nossa busca pelo caminho que nos propicie as buscas e o encontro com a felicidade que almejamos. Os educadores e os líderes por excelência podem apresentar, propor os princípios básicos e dialogar sobre eles para visualizar e fortalecer atitudes condizentes e propiciadoras de um estado de espírito mais sereno, amoroso e conseqüentemente, mais saudável; criando hábitos que proporcionem práticas para ampliação de consciência, a qual nos permitirá uma conexão, um sentimento de unidade entre nós seres humanos e o meio no qual habitamos.

3.3 Liderança e Gestão Escolar

“Uma liderança, de fato, consiste em abordar a alma de uma pessoa e dar-lhe asas.” (Anselm Grün).

O gestor ocupará um cargo, muitas vezes, por tempo de serviço naquele local, ou por uma titulação obtida, por indicação, ou por votação; desse cargo torna-se oportuna e necessária a condição de um líder. Retomo a ideia inicial de uma das qualidades do líder: a de ser imparcial, e essa imparcialidade revela-se em ser capaz de tratar a todos da sua equipe com o olhar de quem procura as melhores capacidades de cada um para encontrar o lugar mais conveniente, em que a pessoa possa trabalhar fazendo valer seus talentos, sendo esse um dos fatores que aumenta a produtividade e

torna as pessoas mais felizes. Os caminhos entre o gestor e o líder não são paralelos, mas entrelaçados para discutir e traçar novos conceitos e significativas vivências ao proporcionar uma ampliação de consciência: de quem somos (nós, os outros, o universo) e que possamos desvendar os caminhos que efetivem um melhor viver.

Roca (2012) entende a liderança como uma missão, uma entrega, um presente e uma mensagem. *“Ése es el verdadero poder y gracia del liderazgo: servir a una misión, servir a las personas”*. (p.128)

Procuramos inspiração naqueles que empreendem seus conhecimentos e práticas, que resultam no exercício de valores necessários para a possibilidade desse bem-viver. Transparece e toma forma a necessidade do gestor incorporar o espírito do líder, que se manifesta através da capacidade de compreender e respeitar, de conhecer e acreditar em si próprio e na equipe que lidera.

Gilley pontua o significado do respeito do líder para com os seus liderados:

Para compreender o tipo de respeito que um líder defende tenazmente, temos de nos voltar para o significado original da palavra. A palavra respeitar vem do latim, e que significa ‘olhar muitas vezes para trás’. Quando respeitamos as pessoas damos a elas o benefício da dúvida. Estamos dispostos a dirigir nossa atenção para novas considerações ou olhar novamente para as antigas e notar que devia haver inicialmente ali algo que deixamos de perceber. Desafiamos nossas pressuposições iniciais. Enxergamos as possibilidades positivas. Vemos perspectivas que tínhamos deixado de perceber. (2003, p. 62)

Ao compactuar com essa ideia, acredito que o líder ensina pelo exemplo frente às pessoas com as quais convive. Um líder instiga as pessoas a aprenderem pelas ações que motivam o crescimento tanto pessoal quanto profissional, promovendo o bem-estar e uma convivência coerente entre o dizer e o fazer. Gilley reitera esse propósito, afirmando que a grande qualidade de um líder é a integridade, desenvolvida na coerência do seu pensar, falar, sentir e no significar suas ações. Trata também, da questão do conhecimento, fazendo parte dessa integridade, para que o líder possa “falar com o coração aberto”, revelando segurança e despertando confiabilidade entre eles inspirada e compartilhada.

Fazendo uma espécie de convocação para que os líderes tenham muito presente o cuidado para consigo próprios, o equilíbrio e a harmonia trazidos pela reserva de tempo para si, como elementos imprescindíveis para a defesa e a

manutenção de um ser espiritualizado, inspirador de bons sentimentos. Sugere ainda, aos líderes que pratiquem diariamente algum exercício espiritual, dentre eles: a oração, a leitura de um livro, a prática de meditação, de tocar um instrumento musical, a arte de pintar ou fazer esculturas; bem como o cultivo de encontros informais com amigos, a fim de compartilhar os propósitos de suas vidas.

Concebemos no líder, conseqüentemente para o gestor, papel de um cuidador de si, do grupo com o qual interage e também de um olhar que retrate amorosidade, desejo de harmonia para com o espaço em que habita. Apesar de não ser um terapeuta do grupo, cabe-lhe bem uma atribuição, no sentido de ser o líder/gestor, também aquele que cuida.

A tarefa considerada primordial para os Terapeutas era cuidar, já que é a Natureza quem cuida. Antes de tudo, cuidar do que não é doente em nós, do Ser, do Sopro que nos habita e inspira. Também cuidar do corpo, templo do Espírito, cuidar do desejo, reorientando-o para o essencial; cuidar do imaginar, das grandes imagens arquetípicas que estruturam a nossa consciência, cuidar do outro, o serviço à comunidade, implicando o próprio centramento no ser. Nesta tradição, o templo era também hospital e escola, um jardim para o cultivo e pleno florescimento do ser humano, “sacerdote da criação” ponto de encontro do universo consigo mesmo. (CREMA, 1999, p. 09 e 10).

Crema pontua a necessidade de equilíbrio, e de quanto precisamos praticar a quietude interior, abandonando as opiniões, crenças e atitudes que nos prendem a maneiras pouco amorosas de estar na vida. Equilíbrio, quietude interior, maneira amorosa de estar na vida lembram as características que deveriam ser pertinentes aos líderes.

Há mais espontaneidade nessa liderança que almejamos para o nosso tempo e não um comportamento condicionado, que se assemelha à fabricação de um produto. Cada ser humano deveria se perguntar em que se melhorou após cada jornada, como incorporou seus conhecimentos à sua vivência – convivência. A vida carece de certa disciplina, não para estabelecer parâmetros e concorrências, mas para ajudar na revisão de nossos conceitos sobre o mundo em que vivemos, das nossas fragilidades, mas também da nossa força vital, do quanto ainda podemos ampliar nossa consciência sobre o que realmente queremos para nós e para as gerações futuras.

O que um líder ou gestor consegue inspirar para o seu grupo de trabalho não emerge apenas do seu conhecimento, mas, sobretudo suas atitudes, da sua maneira de ser, das ações que se edificam a cada dia. O líder do nosso tempo deve ser aquele que nos traz alegria e entusiasmo quando chega, alguém com o qual sentimos prazer no convívio, nas trocas, aquele que sabe ouvir, considera, respeita e dialoga com opiniões e sugestões dos outros.

Como líderes nos locais de trabalho, conhecer o coração e o espírito de cada um dos nossos funcionários – e compartilhar com eles nosso espírito e coração – é de fundamental importância para essa nova maneira de ver o respeito e a espiritualidade que surge a partir dele. (GILLEY, 2003, p.62)

Estabelecendo essa sincronia, cujo principal elemento é o respeito, não mais se fará necessária à reunião das cobranças, mas sim a reunião para acolher os resultados e vivenciar a satisfação. Essas características do líder trazem em si a confiança que gera o bem-estar no grupo; este bem-estar se traduz numa maneira sutil, inteligente e saudável para expressar um viver pautado no equilíbrio e essa sincronia favorece a vivência da espiritualidade. Essa por sua vez traduzida como um viver harmonioso, que proporciona qualidade de vida, conseqüentemente diminuição da angústia e do estresse que tanto se manifestam em nosso tempo.

Educar é assim o construto da conduta do ser humano. No âmbito escolar torna-se um gestor, contempla a condição de quem ajuda no acesso ao conhecimento e à cooperação, no diálogo entre teorias e práticas, no aprender e ensinar reciprocidade, configura-se o papel do líder/gestor.

Para Lück (2010), a gestão educacional integra o amplo e abrangente sistema de ensino e a gestão escolar constitui-se na estrutura das ações que determinam a qualidade do ensino. *“É pela gestão que se estabelece unidade, direcionamento e coerência à ação educacional”*. Preliminarmente, cabe entender que não é possível haver gestão sem liderança, a qual se constitui em um modo de ser dessa atuação. (p.26). Há, portanto, que se reconhecer que todo trabalho em educação, está implicado na ação de liderança, que por sua natureza formadora, constitui-se na capacidade de influenciar ou de inspirar pessoas numa prática que reflete os aprendizados concebidos como válidos para o talento humano e coerentes para as circunstâncias do ambiente

em que estão inseridos, bem como alimentar a realização de conquistas, alimentando o espírito cooperativo.

O gestor das escolas do nosso tempo terá que ser um inovador coerente nas palavras e nas atitudes, acompanhando mudanças sociopolíticas, culturais e procurando desvencilhar-se dos velhos hábitos que se prendiam aos paradigmas do mando e da obediência, mesmo que de um passado recente, quando o líder era o chefe e chefe era quem mandava. Passamos para um novo tempo gritando por liberdade e imbuídos do sonho de construir uma verdadeira democracia nas mais diversas áreas, a começar pela educação do berço, às práticas escolares e na convivência em sociedade, surgem a compreensão e a necessidade de se aprender a partilhar aspectos da vida e do conhecimento.

Há mais espontaneidade nessa liderança que almejamos para o nosso tempo e não um comportamento condicionado, que se assemelha à fabricação de um produto. Cada ser humano deveria se perguntar em que se melhorou em sua jornada, como incorporou seus conhecimentos à sua vivência – convivência. A vida carece de certa disciplina, não para estabelecer parâmetros e concorrências, mas para ajudar na revisão de nossos conceitos sobre o mundo em que vivemos, das nossas fragilidades, mas também da nossa força vital, do quanto ainda podemos ampliar nossa consciência sobre o que realmente queremos para nós e para as gerações futuras.

A prática da liderança nas escolas orienta a formação de equipes integradas, onde se manifesta o desenvolvimento humano, social e da aprendizagem. Ao iniciar minha carreira no magistério (1980), era visível a distinção hierárquica nas lideranças da escola: direção, supervisão e orientação educacional ocupavam salas e posturas bem diferenciadas. Os cargos aliados à gestão prescreviam um distanciamento entre si, em relação aos professores e alunos, bem como os conteúdos estavam pré-determinados e não havia espaço para flexibilização ou adaptação à realidade de cada região. Posteriormente, as próprias instâncias da gestão percebem a necessidade de congregar trabalhos, fortalecer a equipe diretiva e constituir um clima mais condizente com o ato de educar, surgem as direções colegiadas – indicativo que as pessoas tem o mesmo grau de poder na gestão escolar. O Programa Nacional de Fortalecimento dos

Conselhos Escolares define no artigo 14 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, a implantação da gestão democrática:

Adotar a estratégia de remeter aos sistemas de ensino a definição de normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, dois condicionantes: a participação das comunidades escolares e local em Conselhos Escolares ou equivalentes e a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola. (p.32)

Percebo que esses avanços foram fruto dos diversos olhares e investigações sobre os processos de ensino e aprendizagem. Os gestores da escola, trabalhando em equipe, formando as direções colegiadas também fortaleceram um relacionamento mais educativo e coerente com o corpo discente. No cenário educacional brasileiro, os colegiados surgem respondendo a um apelo que clama por autonomia e maior participação da sociedade, que estava em processo de democratização e apresentava clara intenção de melhoria na qualidade de ensino.

Lück (2010) apresenta claras definições sobre os componentes de uma liderança escolar, que esteja com a atenção voltada para essa qualidade:

O ensino de qualidade, orientado para que todos os alunos aprendam o máximo possível, demanda uma cultura escolar onde haja diálogo, confiança, respeito, ética, profissionalismo (fazer bem feito e melhorar sempre), espírito e trabalho de equipe, entusiasmo, expectativas elevadas, autenticidade, amor pelo trabalho, empatia, dentre outros aspectos. Estes, são, por certo, componentes a partir dos quais se realiza a liderança no ambiente escolar. (p.31)

Essa liderança é acrescida dos elementos que emergem como características comuns entre os líderes; desde influenciar pessoas a partir da própria motivação, aos propósitos de orientação sobre as atividades e processos sociais dinâmicos, interativos e participativos; modelando valores educacionais elevados e orientando para o desenvolvimento e aprendizagem contínuos.

Considero muito significativa a analogia na qual Lück enuncia uma imagem da liderança, considerando-a um processo de inspiração que o líder deve proporcionar, como também o movimento de expiração, constituindo nessa mobilização o fato de que todos precisamos respirar e nisso consiste a *“condição fundamental da vida”*. (p.36) A vida que se ressignifica quando as pessoas estão congregadas, portanto a liderança

manifesta-se no aspecto social, configurando-se nas categorias de aceitação e respeito para a realização dos desejos comuns dos grupos que constituem uma sociedade.

Se a sociedade se constitui caracterizada por respeitar o outro no seu potencial, também se caracteriza num exercício de ampliação de consciência e numa educação que converge para os significados da inteireza do ser, designando qualidades que convergem para a compreensão de um olhar que percebe o todo, cultivando qualidades inerentes ao corpo, à mente e ao espírito.

Nessa linha de pensamento Lück (2010) apresenta a *“liderança integradora ou holística”* considerando como princípio norteador, o trabalho educacional, realizado num processo sociocultural, configurando que as pessoas e as ações fazem a diferença na conquista de resultados. *“Os gestores que agem segundo essa liderança são capazes de ver o conjunto, situando os indivíduos, os casos específicos, as situações aparentemente isoladas, nesse conjunto, de modo a garantir a maior efetividade do conjunto.”* (p.54.) Situa nesse contexto as organizações de gestão democrática, em que a tomada de decisões é disseminada e compartilhada pelos participantes da comunidade escolar. Considerando que a educação tem por objetivo promover o desenvolvimento de capacidades para o exercício de cidadania e que este exercício é intimamente dependente da capacidade de assumir liderança, diante das problemáticas sociais e envolver os alunos.

Mas que sujeito é esse que abarcará com tamanha responsabilidade perante a escola e a sociedade? De acordo com Lück (2010) há traços de personalidade para explicar que os líderes apresentam características, que são identificadas em comum nas pessoas que demonstram liderança efetiva. Conforme essa teoria, as pessoas que assumem postura de liderança tendem a manter um nível elevado de perseverança e motivação. Consideram os obstáculos como desafios e atuam com persistência na realização dos objetivos propostos. Líderes efetivos têm boas habilidades de comunicação e possuem técnicas que influenciam as pessoas respeitando-as como seres humanos, valorizando seu potencial e assim motivando-as para que se mobilizem com o intuito de realizar seus objetivos.

“Líderes também expressam um elevado nível de maturidade social e psicológica. Sabem o que dizer e como dizer, no momento adequado, evitando agir para resolver problemas e comunicar-se de modo

impensado, emocional, expressando suas subjetividades e frustrações.” (LÜCK, 2010, p.70).

Confere aos líderes a capacidade de acreditar no que fazem e gostar de trabalhar com pessoas, assumindo um desenvolvimento humano socialmente organizado, como uma importante dimensão do seu trabalho e como uma expressão de empreendedorismo social, expressando sua liderança em suas ações. Ao afirmar que a gestão escolar é uma prática de liderança, destaca a relação entre gestão e liderança, ao sustentar que ambas guardam estreita relação, pois a gestão é indicada como um processo para mobilizar e coordenar o talento humano e que: *“o exercício da gestão pressupõe liderança, pois que não se pode fazer gestão sem exercer liderança, sendo assim, a liderança corresponde a um processo de gestão de pessoas”*. (p.97) Contudo, a gestão escolar abrange questões administrativas e curriculares que demandam resultados, portanto gestão e liderança se complementam e resultam numa sobreposição eficiente de papéis desempenhados pelas pessoas que gerenciam esse processo.

Ao encerrar esse capítulo, compactuo com as ideias da autora quando diz que: *“a equipe de gestão da escola constitui uma equipe de liderança”* (p.108) e essa equipe alcançará resultados satisfatórios ao promover e manter um o espírito de equipe, tendo em vista também o resultado das ações propostas objetivando atingir significativo intercâmbio com a vida dos alunos e da comunidade escolar, oportunizando atividades que corroborem com a formação e aprendizagem, que se revelam num processo contínuo tanto para os alunos como para os professores, aprimorando conhecimentos, habilidades e atitudes.

4 HISTÓRICO E FUNDAMENTAÇÃO DA FILOSOFIA DE TRABALHO DA ONG BRAHMA KUMARIS

Líderes sábios não são apenas aqueles que executam, nem mesmo os que comandam pelo exemplo, mas aqueles que fazem brotar nos outros seu melhor potencial para que eles próprios se tornem líderes. Ser um líder é uma questão de conduta, caráter e personalidade, equilibrando três fatores: atitudes, relacionamentos e situações – estas produzem a química de uma boa liderança. (O'DONELL, 2009, p.39)

Percorrendo caminhos em busca de um grupo para direcionar a pesquisa sobre Educação, Saúde e Espiritualidade, lendo, ouvindo pares, pesquisando, sem deixar de ouvir a intuição e após ter vivenciado por longo período a condição de liderança, decidi: é para esse campo que vou conduzir a construção de minha tese para o doutorado.

Das experiências vividas às exigências atribuídas, permeiam qualidades inerentes à constituição de uma liderança (não apenas relacionada a um cargo). Dentre elas, destaco a maturidade, bom senso, imparcialidade, conjugadas ao conhecimento, ao espírito investigativo, amalgamados com sentimentos éticos e de afeto por si próprio, pelos outros e pelo universo que nos cerca.

A história é contada por Ken O'Donnell em seu livro: Caminhos para uma consciência mais elevada (2012). Ken é australiano radicado no Brasil, atualmente é diretor da BK para a América. Autor de 13 livros sobre desenvolvimento pessoal e

organizacional que estão publicados em 9 idiomas, atua como palestrante voluntário para a BK, pois sua profissão é de Senior Fellow na Oxford Leadership Academy.

Em 1950, essa comunidade que estava composta por mais ou menos 400 pessoas que devotavam seu tempo para um estudo espiritual, de meditação e autotransformação mudou-se para Monte Abu, um local calmo, conhecido por sua herança ancestral e, por muitos, considerado uma destinação sagrada em sua busca da capacitação espiritual. A sede dessa ONG continua até hoje nas Montanhas Arivali, na cidade de Mount Abu e seu nome popular é Madhuban, que significa “floresta do mel”. A doçura, o desapego e a sabedoria que permeiam o local atraem alunos e visitantes de todo o mundo. (p.11)

Em 1952, Brahma Baba, nome pelo qual Dada Lekhraj passou a ser conhecido, sentiu que era o momento de compartilhar com o restante da Índia o conhecimento que havia recebido e estabeleceu centros de estudo onde o Raja Yoga pudesse ser ensinado. Hoje, quase todas as cidades da Índia possuem um centro de estudo da BK.

Torralba (2010) ao identificar os poderes da inteligência espiritual, relata que na tradição brahmanica, a realidade tal como a percebemos é através dos sentidos externos. Brahma é a fonte, a raiz de todo ser, o eterno no mundo, aquele que subsiste a todos os ciclos da natureza. Brahma transcende todas as essências e se expressa em beleza, unidade e bondade. *“Brahma, El único Dios, mas allá de las reencarnaciones, de lós padecimientos e gozos Del mundo, trasciende todos lós seres, pero están vinculados entre si, porque viven, crecen y mueren pó Él.”* (p.155)

Em 1971, centros permanentes de estudo foram estabelecidos no Reino Unido, em Hong Kong, que desencadearam uma expansão mundial e um crescimento progressivo tanto geograficamente como em número de integrantes.

Também chamada de Organização Espiritual Mundial, junto à sede se estabeleceram outros dois campus: Academia para um mundo melhor, também conhecida como Gian Sarovar (Lago do Conhecimento) e Shantivan (Floresta da Paz). Anualmente, cerca de 2,5 milhões de pessoas de todas as etnias e religiões visitam a sede, entre estudantes e visitantes.

Atualmente, a BK desenvolve seu trabalho em cento e trinta e cinco países com 8.500 filiais e suas atividades são gratuitas, sendo mantidas por contribuições voluntárias.

Os alunos regulares dessa Universidade estudam o conhecimento dos aspectos internos e externos da vida humana, a prática da meditação, a assimilação consciente de características comportamentais de qualidade e o serviço à comunidade em geral, entendidos por esta ONG como necessários para se conquistar um viver mais equilibrado, ou seja, podemos ter nosso trabalho, estarmos inseridos num mundo competitivo e mesmo assim manter a paz e o equilíbrio, provendo nossa alma de serenidade por meio da meditação.

Muitos projetos são dirigidos à comunidade com o objetivo de melhorar a consciência de responsabilidade pessoal, com a intenção de ajudar na resolução de problemas sociais como: *“a falta de educação e saúde adequadas, o desequilíbrio ambiental, a desarmonia familiar, o uso de drogas e o desrespeito aos direitos humanos.”* (p.12) Os projetos que mais se destacam são: VIVO – vivendo valores na educação; VIVE – vivendo valores nas organizações e os cursos:

- 1) Meditação Raja Yoga Pensar positivamente
- 2) Vencendo Estresse
- 3) Conquistando autoestima
- 4) Desenvolvendo Inteligência Espiritual
- 5) Superando a raiva e resolvendo conflitos

Os cursos são oferecidos em horários diversificados em quatro aulas com a duração de 1h e 30min.

O principal método adotado é a meditação Raja Yoga, assim definida por O’Donell: *“É a arte de viver em equilíbrio – de ser feliz e pacífico, de conhecer e amar a si e aos outros num nível mais profundo e espiritual.”* (p. 13)

O’Donnell (2012) assim se expressa para defini-la:

É um esforço muito pessoal já que acontece no nível do ser interior. Assim pode ser praticado por pessoas de qualquer convicção religiosa e até por aqueles sem nenhuma. Afinal de contas antes de ser um cristão, budista, judeu ou muçulmano, sou simplesmente um ser. Uma das raízes da palavra “meditar” está no latim *medire*, que significa “curar”. Todo o processo de meditação *Raja Yoga* é uma cura interna que envolve a

aquisição de poder para largar tudo o que seja negativo na constituição do ser. (p.14)

Toda a proposta de trabalho da BK apresenta como base fundamental a Meditação Raja Yoga. O'Donnell iniciou sua busca em 1975 num primeiro contato com a Brahma Kumaris em Londres. Percebia que *“apesar de tanta beleza e inspiração das parábolas e exemplos das nossas tradições, as condições do mundo parecem estar piorando com o tempo”*. No nível individual nossas vidas práticas raramente se equiparam aos nossos ensinamentos mais nobres.(2012, p.09)

A Meditação Raja Yoga é uma prática essencialmente espiritual com raízes na Antiguidade (cerca de 5000 anos). Algumas formas de yoga buscam melhorar a mobilidade do corpo físico e o tônus muscular, Raja Yoga trabalha com a organização, transformação e fortalecimento interno, das faculdades de pensamento, decisões e traços de personalidade, redefinindo o “eu” como uma alma e permite a conexão e o relacionamento diretos com a Fonte Suprema da energia mais pura e da consciência elevada.

Essa prática ajuda a tratar situações adversas com mais facilidade, desenvolvendo pontos fortes do caráter para perceber e vivenciar a superação dos pontos fracos, como por exemplo, o enfrentamento de situações para as quais não estávamos preparados, os desafios quase diários para os quais não encontramos respostas escritas em algum lugar.

A palavra *yoga* tem uma raiz sânscrita, que significa ligação ou conexão. Nesse sentido posso, se me lembro de alguma coisa ou de alguém, dizer que estou tendo *yoga* com aquele objeto ou pessoa. A palavra *raja* significa soberano, ou rei. De todas as coisas que eu possa me lembrar ou pensar a respeito, a mais elevada ou soberana é definitivamente Deus. Assim, *Raja Yoga* refere-se à ligação mental entre a alma humana e o Ser Supremo, que gera soberania ou mestria sobre os sentidos físicos e sobre meus pensamentos, palavras e ações. (O'DONELL, 2012, p.14)

Essa meditação contribui para a concentração no ser interior e acaba com a dispersão de muitos pensamentos. Depois de estabilizar os pensamentos é possível fazer a conexão com o Ser Supremo e absorver a energia espiritual ilimitada que Dele emana. Esse exercício e essa conquista provêm do esforço pessoal, pois acontece em nível interior e pode ser praticado por pessoas de qualquer convicção religiosa.

Uma das possíveis raízes da palavra “meditar” vem do latim – *medire* , que significa “curar”. Todo processo de meditação é uma cura interna que envolve a aquisição de poder para desfazer tudo o que seja negativo na constituição do ser. Também significa “ser capaz de se conhecer e de dialogar consigo mesmo”(p.15) . Em silêncio, nos permitimos falar com o ser interno e desenvolver uma ligação com o Ser Supremo que nos proporciona a cura. Todos nós, enquanto seres humanos, temos algo para ser curado.

Meditar é entrar na dimensão do espírito, pois é na consciência do corpo que vejo e julgo o mundo ao meu redor e a meditação vem com o propósito de transcender o corpo, elevar a mente para experimentar o eu em sua luz verdadeira. *“Abandonar a consciência dos limites deste corpo físico e experimentar o eu interior ou a alma, é a essência da Raja Yoga.” (p.18)*

As coisas que conseguimos ver, degustar, ouvir, cheirar, bem como nosso próprio corpo são formados de matéria, mas as faculdades sutis da mente, do intelecto e da personalidade são manifestações do que é chamado de energia da consciência. E é essa energia consciente que chamamos de alma ou espírito, nosso eu perceptível na mente e no intelecto.

É a presença da alma que faz com o corpo se mantenha ativo. Portanto, a resposta para a pergunta “quem sou eu” torna-se clara: sou uma alma que habita e dá vida ao corpo. O corpo é o meio pelo qual expresso e experimento o mundo à minha volta.

A conexão entre o físico e o não físico ocorre por intermédio da energia do pensamento. Estudos apontam que essa conexão é feita por meio do terceiro olho, também chamado em algumas religiões e filosofias como o olho da mente, o assento da alma. Nesse ponto, os hindus usam um tilak (ponto vermelho) ou pasta de sândalo. Os cristãos fazem o sinal da cruz pondo o polegar nessa região. Os muçulmanos tocam esse ponto nas saudações tradicionais. Quando queremos lembrar alguma coisa, automaticamente levamos a mão à testa, ou seja, nesse ponto entre as sobrancelhas, um pouco acima.

“A meditação Raja Yoga envolve o desenvolvimento e o refinamento do chamado terceiro olho de forma que eu não apenas enxergue espiritualmente, mas

também, entenda e me ajuste a ele da forma mais natural possível.” (O’DONELL, 2012, p.45)

Assim, a mente precisa ser treinada para criar pensamentos que nos conduzam à harmonia. Cada sessão de *Raja Yoga* é um treinamento do pensamento, pois meditação é a jornada em direção à consciência da alma e à consciência de Deus. Para chegar nesse estágio preciso retirar minha atenção de todas as circunstâncias externas e dirigi-la para dentro, com um diálogo interno, experimentando pensamentos ligados à natureza real do ser, seu papel e relacionamento com o Ser Supremo: Deus, nosso Pai e Mãe. As sensações que sentimos no corpo devem-se à interligação que existe entre a matéria do corpo e a alma.

As qualidades inatas da alma são: paz, pureza, poder, equilíbrio, verdade, felicidade e amor, que constituem o alicerce de todas as virtudes e poderes. O objetivo da Meditação Raja Yoga é fortalecer esses atributos inatos, de forma que o comportamento das pessoas possa ser naturalmente virtuoso.

A alma tem suas faculdades internas que são as qualidades sutis do poder do pensamento (mente), poder de raciocínio (intelecto) e sua própria personalidade particular para administrar o mundo interno de pensamentos, sentimentos, hábitos e decisões. Entender como eles funcionam e interagem ajuda a colocar o mundo pessoal em ordem.

A alma utiliza-se da mente como uma tela no qual projeta pensamentos, sensações, imagens e ideais. Com eles criam-se as experiências, sentimentos e emoções. A mente tem a capacidade de assumir a forma de tudo aquilo que pensa e de extrair um sentimento. Se eu quero me sentir bem, tenho que ter pensamentos que tragam essa qualidade.

Se nós queremos paz, precisamos de um intelecto que possa criar os padrões de pensamentos e ações que conduzam à paz. Assim, o intelecto desempenha seu papel de guardião, porteiro da mente, permitindo ou recusando a entrada do pensamento de acordo com seu próprio conjunto de regras. Para atingir esse propósito, o intelecto pode ser fortalecido por intermédio da meditação. Por exemplo: se uma determinada situação me deixa incomodada, nesse momento preciso de poder para superar o desafio e manter a calma. A meditação pode dar esse poder.

A alma é como uma semente que contém dentro de si as faculdades de pensar e decidir, mas também uma configuração específica conhecida por sanskars – que significa as impressões subconscientes e inconscientes que formam a base da personalidade. Analogicamente pode-se dizer que é a matéria prima de todos os pensamentos, ideias, sentimentos e emoções.

As três faculdades da alma são:

Mente – com as funções de pensar, imaginar, criar ideias, sensações, desejos, sentimentos e emoções. A mente assume a forma de tudo o que se pensa.

Intelecto – com as funções de tomar decisões, raciocinar, lembrar, identificar, entender, conhecer e reconhecer.

Sanskars – são os hábitos, costumes, tendências, traços de personalidade, memórias, valores, crenças, aprendizados, talentos e instintos.

“A qualidade de uma pessoa, descrita por adjetivos como boa, ruim, alegre, chata, arrogante, altruísta, e assim por diante, está basicamente relacionada aos seus sanskars.” (O’DONELL, 2012, p.36)

Essas três faculdades da alma trabalham juntas, produzindo o chamado estado de consciência. Surge um pensamento na mente e é processado pelo intelecto. O intelecto decide se vai levá-lo para ação ou não. Se a decisão for agir, então a experiência ficará gravada na alma como um sanskar.

Com esse entendimento, conferimos que: não podemos escapar do efeito daquilo que praticamos; temos dentro de nós tanto as causas como as soluções para o sofrimento. O intelecto é o mecanismo que a alma utiliza para selecionar os pensamentos e emoções.

A expressão “força de vontade” está diretamente relacionada com a força do intelecto. Uma alma poderosa aprecia a experiência de sua própria escolha e uma alma fraca é como se o intelecto não desempenhasse o papel na determinação dos pensamentos.

A Raja Yoga desenvolve tão bem o intelecto que esse grau de controle torna-se possível. Um Raja Yogue pode estar no meio de uma situação de intenso distúrbio e ainda assim permanecer tão inabalavelmente calmo que sua força interna torna-se inspiração e consolo para os outros. A alma fraca é como uma folha à mercê da tempestade. A alma forte é como uma rocha diante de um mar tempestuoso. (O’DONELL, 2012, p.38)

Na meditação, o intelecto é o receptáculo do conhecimento, é ele que entende e se lembra dos acontecimentos. Durante o tempo em que o intelecto se fixa na pessoa, a alma experimenta suas qualidades.

A meditação *Raja Yoga* funciona no nível da mente, do intelecto e dos *sanskars*, diferente da yoga de algumas culturas que se concentra na forma, nas posturas ou rituais físicos. Portanto, a *Raja Yoga* dá ao intelecto o poder de selecionar os pensamentos positivos (conscientes ou inconscientes), que conduzem a emoções mais elevadas, pensamentos calmos e claros com o intuito de desfrutar a vida, procurando o bem para si e para os outros.

Os primeiros passos para a meditação requerem a consciência de que sou uma alma com capacidades de sentir, discernir e entender. Nessa meditação, aprendemos também a meditar com os olhos abertos. Tal ritual, parte do princípio de que na rotina diária passamos por situações inesperadas, nas quais não podemos nos retirar para meditar; com isso, a meditação de olhos abertos me permite dar sequência à rotina e poder estar num estado meditativo, trazendo um contínuo aperfeiçoamento dos poderes de percepção e reação-resposta.

A meditação também traz para uma das áreas de elevada importância na vida humana - os relacionamentos - e dentre eles, o primeiro e fundamental é o relacionamento consigo mesmo, a competência de um melhor discernimento entre os pontos de real significância. O grau de importância que atribuímos a um comentário depende da nossa maturidade que interfere no equilíbrio, possível de ser desenvolvido com a prática da meditação.

O'Donnell nos propõe as seguintes perguntas: eu me conheço bem? Sou meu amigo? Penso no último mês quantas das minhas reações foram inesperadas ou descontroladas? Quais me deixaram perplexo?

A porta que se abre para o mundo do conhecimento espiritual e da assimilação de qualidades positivas é a consciência de que sou uma alma eterna. Se entendo e experimento suas implicações, posso acalmar minha mente inquieta e criar a estabilidade necessária para absorver espiritualidade e poder. Posso canalizar esse potencial para o bem que tenho dentro de mim, assim como um rio, quando apropriadamente canalizado, fornece água para tantas pessoas. (O'DONELL, 2012, p.49)

Atualmente, a sociedade que acredita nesse paradigma vive uma busca pelo holismo. De raiz grega *holos* significa “o todo” Estamos buscando a interligação de todas as coisas dentro de um mesmo sistema. Para compreender como isso se processa em cada ser precisamos entender o que é a consciência... definida pelo autor como: a percepção que a alma tem de sua própria existência, É o que está por trás do pensamento “eu existo” ou “eu sou”. Num nível mais sutil posso ter consciência que sou um homem ou uma mulher, um engenheiro ou uma professora e num nível mais profundo posso ter consciência de que sou uma alma, um filho de Deus, que na filosofia da Brahma Kumaris o chamam de Pai/Mãe.

Na consciência do corpo, quando temos força interna, as tendências e talentos são refletidos na forma de virtudes; se o eu está fraco, as mesmas tendências se transformam em vícios. O eu fraco corre atrás dos objetivos em forma de ganância, vaidade e arrogância, também chamados de estado de insegurança espiritual.

O que promove essa consciência é o pensamento, que o autor classifica em cinco categorias: Pensamentos inúteis – aqueles que nada têm a ver com a realidade como dúvidas, desculpas, preocupações com trivialidades. Pensamentos negativos – aqueles que têm sua origem nos vícios tais como raiva, ganância, apego. Pensamentos necessários – aqueles conectados com o exercício da responsabilidade familiar, profissional e social. Pensamentos comuns – aqueles associados com assuntos do mundo, Notícias e pontos de vista. E Pensamentos elevados – aqueles relacionados com a introspecção meditativa, a contemplação de aspectos do conhecimento espiritual e criativo.

O`Donnell afirma que por meio da meditação profunda chegamos a outras dimensões, regiões de luz que transcendem o plano físico e só podem ser experimentadas pela visão divina, ou seja, por meio do terceiro olho.

Isso indica a existência de uma região superior que está de alguma forma conectada com a energia suprema. O local que os cristãos se referem como céu, os hindus como *shantidham* (a residência da paz), e os budistas como *nirvana* (*nir – além, vana – som*) parece ser um só. Na *Raja Yoga* ele é simplesmente chamado de “lar das almas” ou “mundo das almas”. As características básicas do mundo das almas são a quietude (sem matéria) e silêncio (sem som). Em meditação profunda essa região é experimentada como luz vermelho-dourada, que é totalmente diferente da luz física. (p.69)

A energia espiritual se manifesta com a prática da meditação e naturalmente se expressa por meio de amor, alegria, paz e pureza.

Cresce o número de pessoas que acreditam na meditação como ajuda para superar o estresse da vida moderna e obter tranquilidade proporcionando à mente estar centrada no que está fazendo, e ao corpo físico, relaxamento. Muitos percebem a meditação como um meio para conseguir a calma interna, porém, seu significado mais amplo está relacionado com o autoapoderamento. Esse é adquirido por meio do entendimento dos valores internos e isso tem viabilizado que pessoas em todo o mundo, de todas as áreas, independente da formação religiosa, descubram seu potencial mais profundo. Essa prática traz desafios e mudanças, pois chama um olhar para si e para as situações que ajudam na aprendizagem do equilíbrio desses mundos que parecem tão distintos, mas interligados: o físico e o espiritual; que envolve equilibrar razão e emoção, aprendendo a lidar com nossos sentimentos sob a direção das qualidades que contemplam atitudes sábias.

5 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Uma trilha para investigar um Estudo de Caso com Observação Participante

Há milhares de anos, a história da humanidade vem nos mostrando que a felicidade que buscamos está na integração do corpo, mente e espírito, internalizando conhecimento construído por meio da educação.

Falta, no meu entendimento, a humanidade compreender e incluir nas suas atitudes práticas que alimentem a espiritualidade, pela ampliação de consciência em relação a si próprio, externada nas relações com o mundo das nossas convivências.

Instigada pelas possibilidades que vislumbro de estreita relação entre educação e espiritualidade, juntamente com a importante influência dessa relação no exercício de uma liderança que inspire qualidade para um bem viver, da prática de meditação como alternativa de equilíbrio entre o corpo, mente e espírito, que ressignificam o sentido de nosso viver, proponho-me a investigar como questão problema:

Como educação e espiritualidade podem influenciar o exercício de uma liderança que inspire sentido e significado para o nosso viver?

Como as pessoas que exercem liderança podem contribuir para efetivar esta busca dos seres humanos?

Como a escola pode contribuir para a educação da constante busca de equilíbrio entre o viver enquanto pessoa e enquanto profissional e como os líderes em seus espaços e em sua maneira de interagir com um grupo podem dar prosseguimento a esta intenção para que realmente se tenha qualidade de vida e se amplie a consciência para a inteireza do ser?

Ao escolher a ONG – Brahma Kumaris para realizar o que me proponho nessa tese, estudei as propostas metodológicas que mais se apropriariam a essa investigação. Num primeiro momento e por sugestão da Professora Orientadora, a metodologia proposta foi o Estudo de Caso, visto que as atividades dessa ONG e sua filosofia de trabalho assim me pareceram pertinentes e apropriados, como também se entrelaçam com minhas leituras, pensamentos e valores que contracenam com a realidade do mundo real e do mundo onde as pessoas possam viver com mais compreensão, saúde e felicidade, certamente o que todos nós almejamos.

O mais significativo e que merece um Estudo de Caso da referida ONG, é o trabalho voluntário e a prática por meio da Meditação Raja Yoga, razão primeira e essencial da existência dessa ONG, com a intenção de propiciar a cada participante dos cursos, palestras e projetos por ela oferecidos e que se estendem a mais de 130 países, a entender e encontrar o Divino dentro de si, fazendo a conexão com o Ser Supremo. Segundo a filosofia que fundamenta essa prática, a meditação nos torna mais harmoniosos, equilibrados e capazes de assimilar que somos “seres espirituais”.

Mediante essa exposição, apresentarei algumas características do grupo que contracenou com o foco da pesquisa, contribuindo para expressar a relevância que terá a metodologia de pesquisa Estudo de Caso, contemplando sua natureza de Pesquisa Qualitativa em educação.

A Pesquisa Qualitativa abarca a investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que o mesmo ocorre e procura encontrar o sentido desse fenômeno, interpretando os significados que as pessoas envolvidas lhe atribuem. Pode ser considerada transdisciplinar porque abrange as ciências humanas e sociais e implica partilha de fatos e locais que constituem o objeto de pesquisa, para encontrar o significado que lhe é atribuído na construção da realidade em que está inserido.

Os investigadores na Pesquisa Qualitativa tem por objetivo compreender as experiências humanas, construir e descrever significados para melhor compreender as inter-relações que se projetam na realidade a ser investigada. Preocupam-se com questões muito particulares dos sujeitos envolvidos no processo, como valores e concepções que tem do mundo.

O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LUDKE&ANDRE, 1996, p.12)

O estudo de caso surge na sociologia e antropologia no final do século XIX e início do século XX com o principal objetivo de realçar características da vida social. Na Educação aparece nas década de 60 e 70 como estudo descritivo de uma unidade – uma escola, um professor ou uma sala de aula. (ANDRÉ, 2005) Ainda, segundo a autora, estudo de caso é uma forma particular de estudo e uma escolha do objeto que desejamos estudar.

Dentre os autores revisados, estabeleci maior interlocução e familiaridade com Roberto Yin (2007). Para ele, o Estudo de Caso é uma investigação empírica, um método que abrange planejamento, técnicas de coleta de dados e respectiva análise. O estudo de caso permite a interpretação e contextualização nos aspectos que deseja estudar, focalizando um fenômeno particular e que por isso, possibilita investigar problemas práticos, o que lhe confere uma estratégia de pesquisa relevante para a área da educação e para a investigação que me propus realizar.

Nesta proposta de pesquisa, após várias leituras, compreendi que a metodologia mais adequada para seu desenvolvimento seria o Estudo de Caso. Nele pode-se utilizar a estratégia de examinar grupos, ou acontecimentos contemporâneos, o que é meu propósito nesse estudo.

O estudo de caso conta com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas e mais: observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e entrevista das pessoas neles envolvidas..., o poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. (YIN, 2007, p.26,27)

Após consultar alguns grupos de trabalho, como universidades e empresas, com o propósito de efetivar a pesquisa, também procurei a ONG Brahma Kumaris, por indicação da minha orientadora. As primeiras leituras sobre a filosofia de trabalho dessa ONG, os primeiros contatos e até um curso por mim realizado (Meditação Raja Yoga – a arte de viver em equilíbrio), para melhor compreender a filosofia e os propósitos do trabalho por eles realizado, trouxeram-me a certeza, nas minhas incertezas, de estar no espaço mais adequado e propício para a realização da pesquisa.

Definida a abordagem de estudo de caso, que pode ser único ou múltiplo, escolhi o estudo de caso único. Esse, conforme Yin (2007) é aquele que apresenta um caso raro ou extremo, revelador e muitas vezes pouco acessível à investigação científica.

Na coleta de dados destacam-se três modalidades para este tipo de pesquisa: fazer perguntas, observar eventos e ler documentos que devem contribuir para a construção do conhecimento, entrelaçando os aportes teóricos com os dados coletados.

Nos primeiros contatos com os coordenadores dos programas da ONG Brahma Kumaris, escolhi, dentre as técnicas possíveis no estudo de caso, a observação participante.

A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados. (YIN, 2007, p.121)

Ainda contempla essa técnica a vantagem de ser utilizada em ambientes ligados ao nosso dia-a-dia, nas diferentes organizações o que possibilita ver o ponto de vista das pessoas que nela atuam. Acena ainda para a possibilidade do pesquisador tornar-se um apoiador do grupo que está estudando, investigando um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real.

O autor também releva na observação participante, a oportunidade de estar em contato com artefatos físicos, o que na leitura de documentos ficaria apenas no imaginário. Nesse sentido, observei, quando da minha primeira visita à sede da Brahma Kumaris em Porto Alegre, sua localização e estrutura física de seu espaço, apresentando um ambiente acolhedor, com salas pequenas, pintura clara e com

peças vestidas de branco que me acolheram e conversaram comigo com muito afeto e serenidade. Essa primeira impressão já condiz com as leituras que havia feito, em relação à BK antecedendo a visita. Não seria precipitado dizer que a proposta filosófica dessa ONG já se fez transparecer no primeiro contato.

Yin ressalta, como ponto forte na coleta de dados de um Estudo de Caso, a oportunidade de utilizar fontes diferenciadas para obter as evidências. Um experimento, por exemplo, limita-se à observação em laboratório e não abarca o uso sistemático de informações verbais.

O uso de várias fontes de evidências nos estudos de caso permite que o pesquisador dedique-se a uma ampla diversidade de questões históricas, comportamentais e de atitudes. A vantagem mais importante que se apresenta no uso de fontes múltiplas de evidências, no entanto, é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, um processo de triangulação. Assim qualquer descoberta ou conclusão em um estudo de caso. Será muito mais convincente e acurada se baseada em várias fontes distintas de informação, obedecendo a um estilo corroborativo de pesquisa. (YIN, 2007, p.126)

O autor pontua que na triangulação cruzam-se os dados coletados, com as leituras dos documentos, observações e entrevistas realizadas o que favorece a validade do constructo.

A técnica de entrevista é uma das mais empregadas em pesquisas qualitativas e, dentre elas, segundo Flick, 2004, as semiestruturadas, em particular, são amplamente utilizadas. Tal interesse está vinculado à expectativa de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista *“com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário.”* (p. 89)

A opção nessa pesquisa foi pela entrevista individual semiestruturada com a coordenadora da BK de Porto Alegre e pela entrevista focal com os professores que ministram o Curso de meditação Raja Yoga.

A entrevista focal tem como objetivo original estudar o impacto do fenômeno estudado sobre os entrevistados, fornecendo uma base para interpretação de fatos e dados significantes. Quatro são os critérios que devem ser preenchidos no planejamento do guia dessa entrevista e da sua condução propriamente dita: o não direcionamento, a especificidade, o espectro, além da profundidade e do contexto

pessoal, revelados pelo entrevistado. O não direcionamento é conseguido por meio de questões não estruturadas nas quais possibilitamos ao entrevistado expressar o que mais o impressionou, como se sentiu, que novas informações acrescentou, repercussões evidenciadas. Perguntas com maior estruturação podem ser introduzidas durante a entrevista para evitar que o sistema de referência do entrevistador seja imposto sobre os pontos de vista do entrevistado. O entrevistador deve abster-se, na medida do possível de fazer avaliações precoces, devendo desempenhar um estilo não-diretivo de conversa, viabilizando que o entrevistado possa apresentar seu ponto de vista.

Quanto ao critério da especificidade significa que a entrevista deve ressaltar os elementos específicos que determinam o impacto ou significado de um evento ou situação para o entrevistado, sendo sugerido ser auxiliado a recordar situações específicas para que possa relacionar suas respostas aos aspectos determinados pela situação de estímulo.

O critério do espectro visa a assegurar que os aspectos e tópicos relevantes à questão de pesquisa sejam mencionados durante a entrevista, embora deva ser dada a chance de o entrevistado introduzir novos e próprios tópicos. Cabe ao entrevistador abranger gradualmente o espectro do tópico contido no guia da entrevista para obter o detalhamento e profundidade suficiente.

A profundidade e o contexto pessoal, revelados pelos entrevistados significam que ele deve assegurar-se de que as respostas emocionais na entrevista ultrapassem simples avaliações do tipo “agradável” ou “desagradável”. A meta é o máximo de comentários autorreveladores no que diz respeito à forma como o material de estímulo foi aproveitado pelo entrevistado. As estratégias para elevar o grau de profundidade são, por exemplo, o foco em sentimentos, a reafirmação de sentimentos inferidos ou expressos e a referência a situações comparativas.

Um banco de dados deve armazenar o resultado de entrevistas, observações e análises de documentos por parte do pesquisador; no qual aparecerão documentos, tabelas, depoimentos, descrições e narrativas, gerando o encadeamento das evidências. Yin sugere que os dados sejam apresentados, posteriormente, em forma de relatório, artigo ou livro.

Para analisar os dados, esses precisam estar dispostos numa certa ordem que pode ser estabelecida pelo pesquisador, que por sua vez escolherá as estratégias que mais se familiarizam para efetuar a referida análise. Estratégias essas escolhidas que servirão de auxílio para construir conclusões convincentes, tornando a pesquisa mais eficaz.

Os dados foram organizados e interpretados pela Análise Textual Discursiva, conforme Moraes e Galiazi (2003), por constituir-se num esforço para aprofundar a compreensão de um texto. Trata-se de um método de análise de dados de uma pesquisa utilizado para descrever e interpretar o conteúdo de todos os textos e documentos.

Os textos integram-se às transcrições de entrevistas, registros de observações, depoimentos produzidos por escrito, assim como outras anotações. Essa análise ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir significados num grau que vai além de uma leitura comum, conforme explicita Moraes e Galiazi:

Pesquisas qualitativas têm cada vez mais se utilizado de análises textuais, Seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão.(2003, p. 191)

Entendo que essa abordagem de análise pode ser vista como um processo auto-organizado na produção de novas possibilidades de compreensão em relação ao fenômeno que se está analisando. Ressalta Moraes e Galiazi que os dados são decodificados pelo pesquisador de uma forma muito própria, levando em conta sua percepção de mundo. Nesse sentido, a qualidade e originalidade das produções resultam da intensidade de envolvimento do pesquisador com o material de análise, imbricados com os pressupostos teóricos e epistemológicos assumidos no decorrer do trabalho.

Nessa abordagem, os autores propõem para o desenvolvimento do processo de análise textual, quatro focos. Os três primeiros formam um ciclo, constituindo os elementos principais que possibilitam a emergência de novas compreensões com base na auto-organização e são eles:

- 1) Desmontagem dos textos: o processo de unitarização, isto é, o exame dos materiais em seus detalhes;
- 2) Estabelecimento de relações: a categorização como construção de relações entre as unidades, combinando-as e classificando-as a fim de reunir os elementos e formar conjuntos complexos;
- 3) Captando o novo emergente: a construção de um metatexto a partir de uma compreensão renovada do todo;
- 4) Um processo auto-organizado: o ciclo de análise descritivo, ou seja, um processo de análise em que emergem novas compreensões do fenômeno a ser pesquisado.

No presente estudo as categorias foram produzidas pelo Método Intuitivo para que traduzam o sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo: *“As categorias produzidas por intuição originam-se por meio de inspirações repentinas, insights de luz que se apresentam ao pesquisador, por uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos.” (Moraes, e Galiazzi 2006, p.198)*

Uma estrutura de abordagem descritiva pode ajudar na apresentação dos dados que desejo para análise, pois permite a intervenção de comentários do pesquisador intervindo com dados empíricos, proposições teóricas e os resultados oriundos da pesquisa, reforçando sua validade e aprimorando um conjunto de ideias.

Yin esclarece que a análise deve basear-se em todas as evidências que se encontravam disponíveis, para conhecer o objeto de estudo, bem como investigações e publicações existentes que antecedem a pesquisa atual.

Por fim, o relatório do Estudo de Caso conduz para as constatações dos resultados o que ajuda a definir a qualidade do trabalho efetivado; compondo uma importante contribuição no campo de conhecimento teórico e prático.

5.1 O emergir da essência da BK - Meditação Raja Yoga

Ao escolher a BK para realizar essa significativa integração entre meus propósitos enquanto pesquisadora e a filosofia de trabalho da referida ONG, já

transpareciam as ideias que se entrelaçavam. No primeiro encontro, quando fui para conhecer o local e ouvir um pouco da história já lida no site, foi possível perceber uma coerência entre a teoria e a prática, pela receptividade e disposição com que fui recebida. O ambiente e as pessoas foram acolhedores, bem como a sugestão/convite para que realizasse o curso introdutório de Meditação Raja Yoga, para melhor conhecer a essência da proposta de trabalho da BK.

Ao realizar o curso de Meditação, considerado o “carro chefe” da BK, observei as atitudes dos professores que o ministravam o que me propiciou muito proveito pessoal. Senti serenidade e compreensão refinada de que “sou um ser espiritual”. Uma certeza confortadora me trouxe certa segurança de ter encontrado o lugar, as pessoas e o conhecimento mais apropriado para a elaboração da tese que me propus construir nessa pesquisa e defender em relação à Educação e Espiritualidade, ressignificando as lideranças.

A entrevista focal realizada com os professores que ministram o referido curso reafirmou e solidificou um bem-estar que irradiava empatia, coragem e entusiasmo ao ouvi-los, tendo sua análise e interpretação resultado na emergência de três categorias.

Categoria 1 - Razões e significados na vida dos professores da BK

As razões que levaram os professores entrevistados e que ministram o Curso de Meditação Raja Yoga a buscar a BK para o exercício de suas atividades, se assemelham na medida em que expressaram ser uma busca, que se manifestou num determinado período de suas vidas. Essas buscas retratam um momento em que esses professores percebem tanto a necessidade de encontrarem-se consigo próprios, como de ter chegado por acaso, inspirado por palavras e percepções de mudanças no comportamento de pessoa amiga, alterando sua forma de ser, após ter frequentado as primeiras aulas do referido Curso.

As razões foram assim manifestadas:

“Eu cheguei por acaso, mas eu logo vi que tinha alguma coisa aqui para mim e que era importante, que poderia me ajudar no meu cotidiano, na minha vida assim bem prática. Senti que só de entrar na escola, puxa! Isso aqui realmente, sinto que tem uma vibração mais tranquila e acho que é por aqui que eu vou estudar meditação.”

Os professores ao concluírem as aulas do curso introdutório de Meditação, expressaram realmente sentirem que suas vidas estavam diferentes. Um dos entrevistados usa a expressão: “*eu estava buscando encontrar comigo mesmo*”. Hoje, ele compreende a busca nesse sentido, mas na época era uma busca para preencher alguma lacuna e que nem era possível expressá-la em palavras.

Josso contribui com essa busca quando diz:

Sabemos igualmente que um dos desafios da *busca de si* é atravessado pela nossa capacidade de nos amarmos, não no sentido narcisista do termo, mas no sentido da nossa capacidade para manter, por meio da mediação, uma relação de confiança em nós mesmos que nos permite, ao mesmo tempo, aceitarmo-nos como somos e participar de processos de mudança. (2004, p. 92)

Por muito tempo essa ideia de que devemos “*nos amar*” me deixava intrigada e me incentivava a investigar quais seriam as maneiras mais eficazes para se atingir esse amor. Josso me responde com muita clareza, traduzindo esse dever para a “capacidade de manter uma relação de confiança em nós mesmos”. Lincando esse pensamento aos conceitos e aprendizados que realizei por meio do Curso de Raja Yoga, percebi que a meditação me proporciona essa capacidade de confiar em mim mesma, sempre fundamentando que essa relação se alicerça na crença de um Ser Supremo, de uma Energia de Luz, ou com o nome mais popular, numa relação fortalecida pela presença de Deus. Esse pensar ganha mais coerência quando nos reportamos à História da BK quando Dada Lekhraj (Brahma Baba) um homem rico e respeitado na Índia, teve visões projetadas pelo 3º olho, no qual Deus se manifestou, em profundo estado de meditação, como uma luz imensa nas cores vermelho dourada. Brahma acredita ser por meio da meditação um caminho para as pessoas atingirem a autotransformação. Compactuo com essa premissa pela experiência vivenciada ao realizar o curso de Meditação. Em poucas horas de curso, com algumas ideias e alguns minutos de meditação, senti num processo muito sereno, com pequenas mudanças tomando posse dos meus pensamentos e interferindo nas minhas atitudes. Poderia traduzir esse sentimento, por uma quietude interior, nunca antes vivenciada.

Reportando-me aos professores entrevistados, dois são professores universitários, e deixaram transparecer, sob meu ponto de vista, dentro do processo de meditar, a busca de um autoconhecimento e de uma formação contínua que trazem

benefícios para quem a busca e também para as pessoas com as quais convivem. Isso porque se referiam a um constante olhar sobre as pessoas e por consequência dessa atenção, confirmavam pela experiência, haver um maior aprendizado com seus alunos. Essas primeiras manifestações de busca, me reportaram novamente “*Às Experiências de Vida e Formação*” de Josso, quando assim narra:

Em linguagem corrente, aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas. A aprendizagem experiencial é utilizada, evidentemente, no sentido de capacidade para resolver problemas, mas acompanhada de uma formulação teórica e/ou de uma simbolização. (2004, p. 39)

Durante o tempo que fazem parte da ONG BK, os professores revelaram muitos benefícios, desde encontrar sabedoria para aprender a viver com mais equilíbrio e tranquilidade que é trazido pelo autoconhecimento, alicerçando a capacidade de um viver mais coerente com os seus princípios, até o aprendizado dos meios que favorecem a harmonização em suas vidas. Tais revelações, são trazidas pelo ato de meditar, ampliando o poder de concentração, manifestando um viver mais organizado, escolhas mais inteligentes, bem como o sentimento de tornarem-se seres mais pacíficos, por encontrarem alternativas de respostas para as suas perguntas e de minimizar os desafios cotidianos.

Assim expressa um dos professores: *“Depois da experiência de meditação sinto que alguns parâmetros, por mim considerados como os mais corretos, na sua maioria caíram por terra e eu sinto que agora percebo que minha vida se tornou ilimitada, ao empreender minhas buscas, no sentido de termos felicidade.”*

Mediante esse depoimento considero pertinente uma definição de felicidade, trazida por Sêneca:

A felicidade é, por isso, o que está acontecendo com a própria natureza, aquilo que não pode acontecer além de si. Em primeiro lugar a mente deve estar sã e em plena posse de suas faculdades; em segundo lugar, ser forte e ardente, magnânima e paciente, adaptável às circunstâncias, cuidar sem angústia do seu corpo e daquilo que lhe pertence, atenta às outras coisas que servem para a vida, sem admirar-se de nada; usar os dons da fortuna, sem ser escrava deles. (2012, p. 11)

Esse encontro com a felicidade veio acompanhado, na fala dos entrevistados, de valores que conduzem o seu viver, tornando-os pessoas mais saudáveis e

harmonizadas. Constataram e explicitaram as transformações que ocorrem nas vidas de quem escolhe e aprende a meditar, desde o desprendimento de alguns valores que já estavam arraigados na sua maneira de viver, até a conquista do autoconhecimento. Nesse momento, disseram se deparar com um desprendimento de coisas da matéria e das atitudes que numa ampliação de consciência, por meio da meditação, ajudou-os a perceber que temos papéis para executar nesse plano terrestre: algumas situações que compõem a vida, são pessoais e acreditam que seguem um caráter de missão mas a grande maioria delas entendem como sendo universais.

Penso, a partir dos depoimentos dos entrevistados, que a felicidade é uma eterna busca, como quem se projeta no horizonte e lá chegando, percebe que ao olhar para frente, é para lá que o horizonte se deslocou. Acredito na Meditação como caminho para se buscar felicidade com serenidade, compreensão, tomada de consciência sobre nossos papéis nesse mundo. Dou-me conta da necessidade do surgimento de desafios durante a caminhada para que nosso pensamento permaneça atento e nossas atitudes acompanhem o perfil da coerência, vivendo de forma consciente e ampla o momento presente. Agora estou aqui pensando, escrevendo e ouço o barulho da chuva. Olho pela janela e os pássaros vem se alimentar dos grãosinhos que deixei lá fora, justamente para recebê-los. Isso faz parte do jeito que escolhi viver com uma grande proximidade com a natureza e suas manifestações. Sinto-me feliz ao vê-los, parece que respondem a um chamado e que fiz algo de útil numa época do ano em que há pouco alimento natural para eles. Porém, não posso me limitar nessa ação. Minha consciência me reporta à necessidade do equilíbrio, de voltar o olhar também para as pessoas, de ser solidária, de ouvir com amor a vizinha idosa, de ligar para os meus pais, de ser grata ao entregador de gás, mesmo sendo um trabalho pelo qual temos que pagar. São atitudes e gentilezas que concretizam a conquista da felicidade que se conjugam com a ampliação de consciência.

Jung apresenta um significado sobre espiritualidade e ampliação de consciência:

“O processo gradativo do desenvolvimento espiritual significa *ampliações de consciência*. Desde o momento em que aparece a consciência coerente, existe a possibilidade do relacionamento psíquico. Consciência, segundo nossa concepção, é sempre consciência do “eu”. Para tornar-me consciente de mim mesmo, devo poder distinguir-me dos outros”. (1981, p. 202).

Por vezes sinto-me objeto de pesquisa da própria tese, quando percebo minhas próprias mudanças, quando traduzo expressões que num primeiro momento explicitam significados perante as investigações, mas que carecem de um tempo para atingirem a maturação. Ampliação de consciência sempre foi por mim percebida como um caminho individual, como se designasse a identidade de cada ser. O processo com o qual percebo, permito, sinto e visualizo que minha consciência foi ampliada é único, entretanto, posso partilhá-lo, falar da minha trajetória como meio para inspirar os outros a descobrirem ou reinventarem seu próprio processo. Quando Jung fala de uma consciência coerente desvela minha verdade, o que penso e como vejo a mim mesma, acenando para a *“possibilidade do relacionamento psíquico”*, o que sugere uma afinidade com os conceitos e os estudos da BK sobre a alma, com os quais concordo, pois ampliar consciência é também conhecer quem eu sou, ou quem nós somos? Sou uma alma, diferente das outras almas e é nesse ponto que reconhecemos nossos valores, os quais alicerçam nossa jornada no plano da matéria. Preciso da consciência para reconhecer a utilidade da matéria das coisas e do corpo físico para que minha alma possa evoluir em aprendizagem e elevação. Aprender e elevar-se são frutos de uma consciência ampliada, que para mim é o que responde há muitos dos porquês que nos fazemos diariamente sobre situações do nosso viver, dos acontecimentos sociais, das tragédias e dos fenômenos.

Categoria 2 - Filosofia e Valores da BK alicerçados pela Meditação

Ao conceber a filosofia e os propósitos orientadores da BK, fica evidente a expressão: “nós somos um ser espiritual” e isso retrata a essência dos seres humanos. De acordo com Solomon (2003) *“Espíritos não são outros seres, mas sim o Espírito em nós, especialmente quando bebemos ao máximo de nossas vidas, significando esse “Espírito” como um estado de ânimo, ou um modo de ser.”* (p. 40)

Quantas vezes na tentativa de responder: *quem somos nós*, pensamos em responder dizendo nosso próprio nome, de onde viemos, quais são nossos sonhos e projetos. Consigo agora pensar que essa dificuldade advém de uma falta de conhecimento ou da consciência de que somos seres espirituais. Esse processo me fez

sentir como se um novo ritmo tomasse conta da minha vida e de seus significados . Algum sentido do meu próprio viver que estava estagnado começa a entrar num movimento que não altera meu grau de responsabilidade perante o mundo, mas me deixa mais serena, o que considereei uma experiência pessoal de ampliação de consciência.

Somos mais que nosso próprio nome e muito mais do que as coisas que fazemos e possuímos e isso não absorve nenhuma religião, mas evidencia a presença de Um Ser Supremo, a quem chamam de Deus (Pai e Mãe – no entendimento da filosofia da BK), fazendo surgir não só uma filosofia, mas um estilo de vida intensificado pela meditação, que os protege do estresse e do sofrimento, trazendo forças para interagir com as situações do cotidiano de cada um.

O'Donnell (2012) apresenta nas reflexões do livro: Caminhos para uma consciência mais elevada, “que Deus é a Mente Suprema, que não tem limites e que *ser criado à imagem de Deus é um processo que não tem nada a ver com a criação do corpo, mas com a reenergização de minhas qualidades originais por meio do yoga (ligação) com Ele.*” (p.94) Afirma ainda que na prática efetiva da Meditação Raja Yoga, “*Deus é visto como um sol de atributos perfeitos, a fonte de poderes e qualidades espirituais. Um pensamento e estou na presença de Deus.*” (p.95) Concordo com tais princípios porque, para mim a proximidade com Deus está para além das dimensões físicas e ao praticar a Meditação estabelecemos uma sincronia com essa força inspiradora. Estou vivenciando essa percepção de que ao pensar sobre um assunto, minha intuição está mais clara, as palavras se ajustam com mais facilidade para organizar o pensamento e expressá-lo, como também todo meu ser parece estar impregnado de uma segurança, na insegurança do meu viver. Sinto-me fortalecida sobre as decisões a serem tomadas.

Hapée (1997) confirma esses pressupostos ao dizer:

O universo e o mundo não existem por acaso ou pelo que as pessoas chamam de evolução natural, mas existem por força da intenção e do fogo criador de todos os seres vivos no Universo. Juntos, nós compomos Deus; cada um de nós tem habilidades, energia, desejos e amor. A questão é o que estamos fazendo com essas qualidades. Estamos compartilhando essa energia e ajudando a construir um mundo melhor para todos, ou estamos usando nossas qualidades para controlar o mundo ao nosso redor! (p.25,26)

Percebi nos projetos da BK, exatamente esse propósito ao ofertar para o mundo um trabalho voluntário em que transparece o amor, a dedicação, a boa vontade dos seus trabalhadores, que demonstram vivenciar esse sentimento de unidade com o todo do universo, estabelecendo uma ligação verdadeira com o Divino.

Tais ligações foram exteriorizadas pelos professores quando assim se referiram: *“Os papéis humanos são transitórios, e esse é um momento de restabelecer ligação com o Divino”*. Muito significativa a expressão por eles usada: *“juntos nós compomos Deus”* pois ao mesmo tempo aciona uma grande responsabilidade ao tomar essa consciência de fazer parte do Divino, então, nos compete sim mudar o mundo: nosso mundo interior, nossos pensamentos, pois esses estarão indicando as mudanças sobre nossas próprias atitudes. Também citaram outro slogan da BK: *“quando eu mudo o mundo muda”*, e que ao vivenciar essa filosofia, não se fica esperando que o outro mude, mas *“pequenas mudanças vão acontecendo em nosso entorno quando nós começamos a mudar.”*

Ao se referirem a Deus dizem ser capaz de nos preencher, trazendo alento para a nossa prática e nos fazendo cuidar da vida da forma mais bonita possível. Questionam no decorrer de suas falas quem somos nós e a crença num Ser Superior a nós, que ajuda a preencher lacunas em nossa vida, porque há um sentimento de solidão no ser humano, que se faz necessário para que possamos buscar a companhia do Divino.

Relacionando a referência feita a Deus com os propósitos da Meditação Raja Yoga, uma das professoras que viajou para a Índia e conviveu um tempo com as pessoas e a cultura daquela região relata:

“Especialmente aqui no Ocidente se ouve muito: eu tenho que fazer, eu faço, eu tenho que correr, eu tenho que me sustentar, eu batalho, eu, eu, eu... e isso é extremamente cansativo, desgastante e triste, e eu vejo que esse conhecimento, que é um aspecto da filosofia da Meditação Raja Yoga, que existe um Ser Supremo, que é um Ser Bondoso, que é o Pai de todas as almas. Quem é o pai do anima, de onde ele vem? Então, o anima, a alma, o psique, essa energia viva é a Filosofia do Raja Yoga, ela é o Ser Supremo, como nosso Pai e Mãe Espiritual.” Cabe nesse momento

ênfatizar os dizeres de O'Donnell(2012) quando menciona a Meditação Raja Yoga, para dizer que o propósito principal da meditação *“é ser capaz de criar a comunicação com Deus para conseguir um relacionamento com Ele”* (p.102) Essa comunicação, no meu entendimento, amplia a capacidade de amar, o amor é a essência de todos os relacionamentos. Portanto, ao meditar, criamos e mantemos uma ligação sincronizada com o Ser Supremo que nos proporcionará energia e equilíbrio necessários para um viver mais harmonizado com tudo e com todos.

Lo más importante de lós estúdios científicos sobre la meditación y La experiencia espiritual no es que puedan explicar su correlato cerebral, sino que corroboran las afirmaciones de muchas enseñanzas espirituales. Los escépticos ya no podrán seguir insistiendo em que se trata de ilusioenes, autoengaños o el mero fruto de una imaginación calenturienta. Esos practicantes avanzados están experimentando cambios profundos de conciencia y, aunque quizá todavía no podamos apreciar completamente la naturaleza y el significado de esos câmbios, parece que la maioria de ellos son muy positivos. (RUSSEL, 2010, p.22,23)

Meditação e experiências espirituais são estudadas cientificamente, assegurando sua importância e benefícios para quem os pratica, como também os professores entrevistados revelam como sentiram a presença de Deus em suas vidas por meio da meditação.

Ao analisar os posicionamentos referidos à importância de Deus em suas vidas, transformação e aprendizagem foram palavras relevantes nas falas dos entrevistados. Sentir o que estão vivendo, perguntar-se, voltar atrás, meditar para sentir a presença de Deus em suas vidas para sentir que nunca estão sozinhos. Ao incorporar esse aprendizado dizem: *“não nos sentimos mais sozinhos – não há solidão, nem tristeza, nem ansiedade.”* Falar e viver Deus propicia existir felicidade, experiência de valores, paz, respeito, cooperação; projetando para fora, para os outros, os constantes aprendizados que são concebidos por meio da filosofia e dos propósitos da BK.

Os professores entrevistados percebem a filosofia e os propósitos da BK *“se traduzirem nos projetos e nos cursos por eles oferecidos, pela grande aceitação e afluência aos programas, especialmente pela linguagem que inclui todas as pessoas e não faz referência a nenhum credo ou religião”.*

O Projeto Valores na Educação, por exemplo, por eles citado, nasceu de uma demanda da ONU, com patrocínio da UNICEF da Espanha, primando pelo voluntariado. Entretanto, “às vezes faltam mãos para atender a toda a demanda de solicitações de escolas e entidades das mais diferentes naturezas”.

O incentivo à transformação, influenciado pela filosofia da BK, vivenciados em seus projetos, é considerado pelos professores, como aprendizagem, demonstrando coerência em serem “*seres mais pacíficos, mas também, ativos*”, citando como exemplo a pessoa de Ghandi,. Foram unânimes em dizer que procuram estar atuando em meio das comunidades, conforme são solicitados para palestras e vivências, as quais são adaptadas conforme a realidade de cada grupo: “*não importa se é uma reunião com promotores, chefes de gabinete, se é com o governador do estado ou se é com uma população carente dum Bairro do Morro da Cruz; não importa com quem, pois, onde tem seres humanos são seres espirituais e o conhecimento espiritual pode beneficiá-los,*”. Os professores consideram ser por meio dos projetos que se faz a tradução do conhecimento que traz tanto benefício às pessoas que procuram a BK. A intenção é que esse conhecimento se espalhe cada vez mais, como um ato de bondade, para os mais variados públicos e nas instituições de todo o mundo, visto que já atua em mais de cem países; quer em clínicas, hospitais, escolas e empresas.

Nesse aspecto, Seligman (2002) afirma que:

O exercício da bondade é uma *gratificação*, em contraste com o prazer, e como tal, recorre às suas forças para enfrentar um desafio, quando a situação assim exige. A bondade não vem acompanhada de uma corrente separável de emoção positiva; em vez disso, consiste em total integração e perda de qualquer traço de acanhamento. (p. 23).

A prática do bem hoje é indicada como tratamento para depressivos, no sentido de sentirem-se úteis, prestativos ao perceberem em suas ações a repercussão benéfica que proporcionam aos outros e para si próprios. É visível que se eleva a autoestima de quem pratica o bem. Ver um semelhante mais feliz, ou mais confortável perante um estado de saúde, ou de fome, ou porque ouviu palavras de conforto em determinada situação, são atos de bondade que carregam em si a gratificação. Todos os Projetos da BK tem esse propósito do bem, da paz universal, levados por meio dos seus trabalhadores voluntários.

Os projetos são braços da ONG BK, como se fossem sementes que estão sendo jogadas e que encontram suporte na parábola da semente, que se encontra no Evangelho de São Lucas, Capítulo 8, versículos 4 a 18. *“Uma semente cai em pedregulho, nasceu mas faltou-lhe água para crescer e até que uma cai em terra fértil e produziu muitos frutos; assim também as pessoas, algumas experimentam mais benefícios do que outras”*. Os professores trouxeram a experiência vivenciada numa casa de recuperação de drogados, onde não se pode ir com grandes expectativas, pois para trabalhar nesses lugares faz-se necessário ir mais preparados até emocionalmente. Percebem, porém, que há benefícios tanto para os drogados como para quem vai trabalhar com eles. Assim expressa uma das professoras entrevistada:

“E a gente também acaba tendo muito benéfico, porque quando compartilhamos alguma coisa que a gente gosta, a gente se sente muito feliz. Praticamente somos os que mais experimentamos benefícios.”

Reitero na expressão usada pela professora entrevistada uma afirmação de Seligman(2002):

Quando estamos felizes, pensamos menos em nós mesmos, gostamos mais dos outros e queremos partilhar o que temos de bom, ainda que com estranhos. Quando estamos tristes, no entanto, ficamos desconfiados, arredios e nos concentramos defensivamente em nossas próprias necessidades. (p. 59)

Nesse pensamento, vejo quase um legado de responsabilidade para conosco e para com os outros, no sentido de procurarmos estar sempre em busca do ponto de equilíbrio, possível por meio da meditação, conforme afirmam os professores do Raja Yoga; pois a meu ver é ali que reside o espaço da felicidade. Portanto, se nos acontece algo desagradável, ou imprevisto, já estamos amparados por uma vertente da sabedoria, que se traduz na calma, nos pensamentos e atitudes que demonstram maturidade e podemos encontrar uma resposta, um conforto, uma maneira de compreender o inusitado de cada situação.

No mesmo contexto, ao recebermos uma boa notícia acionaremos o sentimento de gratidão que tanto nos beneficia, como àqueles que fazem parte da nossa convivência. A gratidão também desencadeia um sentimento de maior felicidade. As pessoas felizes são mais gentis para consigo e para com os outros, e isso só aumenta

o potencial de empatia, que está em nós e podemos reavivá-lo, criando hábitos, praticando-os e quando nos damos conta está internalizado. Um dos professores tece o comentário: *“Já fiz esse exercício e o resultado é encantador. Ser gentil no trânsito, falar educadamente com aqueles que parecem estar sempre de mau humor, propor-se a descobrir uma qualidade numa pessoa que muitos rejeitam e principalmente sempre cumprir o que prometemos”*.

Tal fala me reportou ao período que fui coordenadora do Curso de Pedagogia, no qual, sempre primei por muito diálogo com os alunos e o bom atendimento, porém numa ocasião uma aluna veio até a sala da coordenação, muito alterada e fazendo acusações a tudo e a todos. Era visível que o problema dela não estava na Universidade, pois não havia coerência no problema que almejava inventar. Então, tive que ser mais dura nas palavras..., mas aquela atitude não me fez bem. No dia seguinte fui procurá-la para conversar. Para minha surpresa, ela também estava calma e disse ter pensado em me procurar, pois os problemas estavam em casa e na empresa onde trabalhava, mas acabou desabafando na Universidade. Como a intenção foi recíproca fomos tomadas por um estado de contentamento e de um efetivo aprendizado de como é possível, conseqüentemente viver com mais paz o que nos reportará a uma melhor qualidade de vida.

Os relatos das experiências trazidos pelos professores entrevistados se assemelham no aspecto de a BK por meio da Meditação proporcionar essa tomada de consciência que aponta para a possibilidade de dialogar para compreender o ponto de vista dos outros; bem como em todos os projetos, emerge uma busca pela qualidade de vida, do resgate do ser na sua essência. Um exemplo mencionado, foi o trabalho que realizam junto aos filhos de presidiários, onde é preciso mostrar que eles tem valores, que eles são seres espirituais e se eles trabalharem esses valores, podem mudar tornando-se pessoas melhores. O foco principal é sempre mostrar que somos seres espirituais e para tanto sempre abertos á possibilidade de nos educarmos para sermos pessoas melhores.

Em Porto Alegre (RS), os professores entrevistados, atuaram com um projeto na clínica onde os pacientes estavam sendo tratados à base de medicamentos para se

libertarem do consumo de drogas e perceberam como os jovens estavam totalmente desfocados.

“Foi preciso trabalhar a confiança para fazê-los participantes das atividades”. Na verdade, o papel da meditação ajuda a sintonizar com algumas virtudes, também simbolizadas por meio de desenhos. Ao se visualizarem praticando o bem acontece uma mudança de comportamento. *“ como eles são tocados, na realidade quando você fala prá alma, a alma é tocada de uma forma ou de outra. Ela vai ficar lembrando daquilo.”* Em Nova Santa Rita, onde só há adultos, realizam esse trabalho para buscar as virtudes, fazer ver que eles são virtuosos, que as negatividades são vícios que foram perdidos e eles podem estar se liberando praticando boas ações nas suas comunidades, promovendo mudanças.

Mediante esses depoimentos, é propício lembrar o quanto se tem valorizado as questões da responsabilidade social nessa última década. Empresas, Universidades, associações respondem a uma demanda que tem valorizado os projetos dessas instituições, quando paralelo às iniciativas que valorizam a criatividade e as inovações tecnológicas, também primam por programas ou atividades que demonstram haver também uma preocupação com os seres humanos e as questões ambientais. Inserindo essa preocupação à temática dessa tese, para mim fica bastante claro que para se chegar a essa concepção de responsabilidade social, atingimos também certo grau de ampliação da nossa consciência, que nos faz corresponsáveis por um universo que vai além dos objetivos propostos pelas escolas, empresas, universidades e associações. É razão e emoção trazendo equilíbrio nos pensamentos e ações das pessoas que engajadas num espírito mais humanitário e adquirindo consciência que para viver melhor precisamos nos ajudar uns aos outros. Para mim essa é a essência de toda busca da espiritualidade comungada pelos verdadeiros líderes do nosso tempo.

A BK traz junto ao curso de Meditação, oferecido gratuitamente a quem deseja conhecer e beneficiar-se dos seus propósitos, um caminho que possibilita essa ampliação de consciência fundamentando-se em estudos que contribuem para uma integração do ser: corpo, mente e espírito.

Catanante(2000) nos diz que:

Pessoas com grau de espiritualidade bem desenvolvido costumam ter clareza de sua missão, dos benefícios que agregam com o próprio

trabalho, da diferença que fazem no mundo pessoal, profissional e na comunidade em que vivem. São pessoas que naturalmente empreendem a responsabilidade social como causa, e não apenas como mecanismo de autopromoção ou de terapia ocupacional. (p.63)

Foi possível perceber essa sincronia com os professores entrevistados, pois são profissionais que atendem a uma jornada de trabalho, iniciando e concluindo as responsabilidades do dia, atentos aos benefícios da meditação, bem como de uma postura muito humana e solidária para com tudo e todos que encontram no cotidiano e em dias alternados ou finais de semana realizam o trabalho voluntário, nos projetos da BK.

Sendo o Curso de Meditação Raja Yoga, o principal curso da BK, é visto como o caminho para atingir ou melhorar o grau de espiritualidade de quem o procura, por meio da apresentação de propostas de estudo sobre questões básicas como: os conceitos de alma, de Deus, da lei do carma, sobre virtudes que também são chamadas de valores ou, apoderes, pois são forças internas. Os temas abordados referem-se também à condição atual da humanidade entre a busca do bem e os contra valores, as diferentes religiões, o papel de cada crença na história da humanidade, e a própria técnica da meditação para usar todos esses conhecimentos e atingir o autoconhecimento e qualidade de vida. O referido curso sintetiza e se traduz em conhecimento da BK para o público que deseja conhecer essa ONG.

Assim refere um dos professores entrevistados: “O curso dá as ferramentas para lapidar a vida, por exemplo: quando surgem problemas, já se tem à disposição um pouco de exercício de pensar, de refletir, então eles são as ferramentas utilizadas para o autoconhecimento. Ao meditar as pessoas conseguem selecionar o que mais necessitam para ter qualidade de vida e para transformar suas vida.”

A Brahma Kumaris não tem como propósito criar seguidores, mas divulgar por meio dos projetos, em escolas e na comunidade em geral, o benefício da meditação, das boas leituras, dos pensamentos afinados com os valores que dignificam cada ser humano em seu espaço de vida e trabalho. O propósito é que eles recebam esse conhecimento e se beneficiem e consigam mudar suas vidas por meio desse conhecimento, porque na verdade a experiência da meditação é uma busca muito pessoal, que proporciona uma maneira de viver com mais coerência e serenidade. Por

isso, a BK recebe pessoas de todos os credos, religiões e todos podem estar se beneficiando, porque todos nós somos seres espirituais.

Uma das primeiras coisas que relatam ter compreendido e que foi uma verdadeira revolução, é que na BK busca-se a perfeição externa também. Se acontece um evento, então é necessário organizar o ambiente, planejar a palestra, preparar um filme. Esse aspecto da organização externa é importante; a organização, a precisão são valores também. Aí acontece a busca de um equilíbrio quando se faz visível a questão do espiritual, também chamados de Valores Divinos. A importância da imagem externa tem importância sim, não no sentido de desgastar as pessoas, mas no sentido de criar um bem-estar. Assim expressa a professora entrevistada: *“porque também é um valor espiritual a felicidade, também é um valor espiritual o contentamento, a harmonia; então, se em nome de uma imagem eu vou sacrificar tudo isso, talvez aquilo não saia com os valores e os princípios que a gente entende aqui; a importância do equilíbrio entre servir, levar uma mensagem bonita, cooperar com as pessoas, entre ter precisão e felicidade, bem-estar, harmonia”*.

No relato, uma das professoras entrevistadas, enfatiza que vivenciar esses valores proporciona uma ampliação de consciência. Dentre as leituras que realizei compreendi essa ampliação como a capacidade de voltar-se para o próprio interior e dele projetar nossas melhores intenções para efetivar o que de fato almejamos para nosso crescimento e para o mundo das nossas relações.

Com isso, compactuo com Barrett (2006) ao definir consciência como:

Um estado de conhecimento do eu (pensamentos, sentimentos, ideias) baseado num conjunto de crenças e valores pelos quais a realidade é interpretada. A passagem para um estado mais elevado de consciência implica mudança nas crenças, nos valores e nos comportamentos. Os valores num nível mais elevado de consciência promovem maior compreensão e conexão e menor separação e fragmentação. (p.59)

Assim, a consciência corresponde às nossas necessidades que não se dividem, mas se complementam entre as necessidades físicas – alimentação, sono, atividades e emocionais – quando estabelecemos relacionamentos significativos com os outros e nos sentimos bem conosco. Na minha compreensão, elas se traduzem nas necessidades subjetivas e na interação com os outros, ou seja, por mais que nos empenhemos em adquirir autonomia, sempre precisamos uns dos outros. Percebi no

espírito dos entrevistados, como a BK privilegia essa prática para que seus integrantes atinjam sempre mais um nível de bem-estar e compartilhem com os outros.

A BK funciona com mentoria, que significa os mais antigos ensinam os mais novos e as organizações incorporam esse conceito ao dizer que trabalham com mentorin. Essa é uma metodologia que já faz parte desde a fundação da BK: um respeito pelas pessoas mais experientes.

Um dos professores traz detalhadamente um exemplo que vivenciou durante o curso de Raja Yoga. Desde a sua infância convivia com um senhor de expressão severa e até mal visto no bairro onde residia. Num dia de curso, empolgado pelos ensinamentos da professora, que tinha passado o exercício de visualizar todos os seres humanos como seres espirituais e que possuem valores inatos, que são seres de paz em sua essência, por mais que esteja sem paz, mas é um ser de paz, que tem qualidades e que talvez não esteja manifestando por causa de uma série de outros fatores; resolveu que ao encontrar aquele senhor, lhe diria: Bom Dia! Mas aquele senhor passou como se nada tivesse ouvido. Na aula seguinte questiona a professora que lhe passa novos ensinamentos: ...*“E ela falou de uma forma assim com bastante experiência, os professores mais antigos trazem uma bagagem de experiência que só a maneira como ela falou foi gratificante: ele é um ser de paz, continue exercitando essa visão, ela falou com muita convicção e aquilo me fez entender que sim, era possível”*

Empolgado com a resposta e com a aula daquele dia que tratava do exercício de relacionamento de conexão com Deus e que isso fortalece as qualidades inatas, começou a visualizar aquele senhor como uma alma, como um ser de paz, enquanto caminhava, visualizando que ele era um ser espiritual; ao reencontrá-lo fala empolgadamente: - Boa Tarde! Não obtive resposta, mas conseguiu o primeiro olhar.

“...e uns dois dias depois eu estava distraído, ia pegar um ônibus e de repente eu escuto: bom dia! E quando eu olho era ele... e ele estava sorrindo e isso pra mim marcou profundamente. Ali foi uma experiência pratica de quando a minha visão interna muda sobre uma pessoa, ela tem um campo maior para expressar suas qualidades” .

Josso (2004) contribui para enriquecer essa experiência:

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência, significa, ao mesmo tempo,

uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores. (p.40)

Ao exercitar em si as qualidades e preenchendo o próprio pensar sobre aquele sujeito, mentalizando que ele possui qualidades, apesar do seu aspecto rude e de num primeiro momento nem responder ao bom dia, o entrevistado acredita que se forma um campo para que as pessoas das relações e proximidades consigam também fazer crescer dentro delas, as próprias qualidades e exteriorizá-las como maneira de intercambiar sentimentos, que acontecem como um exercício de transformação interna.

Às vezes, quando não compreendemos uma situação do nosso viver, ou algum conhecimento não nos parece significativo, pode ser que não estejamos suficientemente preparados para assimilar, naquele momento; então é necessário compreender o tempo, o ciclo que traz razões, que alimenta sentimentos e nos proporciona a visibilidade de que a natureza das coisas não pode ser forçada, porque tudo flui a seu tempo. Quando respeitamos esse tempo geramos bons sentimentos contribuimos de uma forma vivencial, porque mentalmente podemos estar enviando sempre bons sentimentos, bons pensamentos para que a alma tanto a nossa como a dos outros, entenda isso. Dentre os valores mencionados nos projetos da BK, o sentimento de gratidão está entre os mais mencionados.

Gratidão é a apreciação da excelência do caráter moral de alguém. Enquanto emoção, a gratidão é admiração, agradecimento e apreciação pela própria vida. Somos gratos quando alguém nos faz bem, mas também podemos sentir gratidão generalizada, por boas ações e boa gente. (SELIGMAN 2004, p. 175)

Estou convicta de que a gratidão é um dos mais nobres sentimentos. Para mim sentir gratidão, acontece no momento que conseguimos acionar o amor e se havia alguma aresta, o perdão já se antecipou e marcou presença. Por isso, ao sentir gratidão, há também um misto de paz e plenitude. A gratidão acentua minha autoestima ao me trazer um sentimento positivo e de conquista: eu fui capaz de: compreender, superar, pela capacidade de deixar o pensamento fluir, elevando minha consciência, trazendo respostas para quem eu sou, porque determinados fatos acontecem comigo, porque outros se repetem. Contudo, o sentimento de gratidão, também amplia minha

consciência, porque se irmana com a serenidade e o bem-estar que essa atitude me proporciona.

Categoria 3 - Experiências e expectativas no exercício da Liderança

Os entrevistados anunciam uma vivência de transformação nas relações com eles mesmos e com os outros. Foi um dos momentos em que a emoção aflorou nas falas e retratou uma ampliação de consciência mediante o vivido, oportunizando uma reestruturação na forma de pensar e agir, quando apresentam as experiências pertinentes ao primeiro grupo de convivência – a família. Enfatizam a grande contribuição do ato de meditar para atingir um grau de compreensão, serenidade e capacidade para administrar as diferenças e os conflitos familiares.

Foi contagiante a serenidade quando um dos entrevistados expressou o momento em que percebeu, que a dificuldade de diálogo vivido com a filha retratava a maneira severa e ditatorial que aplicava em sua conduta profissional; e que a partir da meditação e da compreensão esse relacionamento entre pai e filha, apresenta melhoras significativas.

Nas dificuldades de convivência, uma das entrevistadas, relata sentir uma necessidade de *“limpeza e perdão”* em relação ao seu pai e que após a meditação esse sentimento vinha na forma de uma energia que efetivou essa *“limpeza e perdão”*. A cada encontro percebia a diferença num sentido progressivo, desde conseguir manter um diálogo até manifestações de afeto e convite para um almoço juntos. Isso aconteceu paralelo a um novo sentido para o seu viver, permeado pelo sentimento de *“ser espiritual e sentir a companhia de Deus”*. Nesse estado de espírito afirmou sentir-se completamente serena perdando o passado *“como se não houvesse nada mais, ninguém mais”*. Percebeu que a mudança das suas atitudes trouxe mudanças nas atitudes do pai, sem necessidade de cobranças.

“O que eu vou falar é meio mágico assim, mas eu sinto que ele às vezes fala coisas prá mim: filha tu tens que fazer isso, ou filha não é...” Percebo nessas atitudes, como se tivesse acontecido uma cura trazida pela meditação.

Josso (2004) apresenta em seu olhar sobre a história sócio cultural, como as atitudes, se traduzem em nossas representações:

São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade. (p.40,41)

O sentimento traduzido no depoimento da entrevistada e as ideias que Josso afirma quando diz serem nossas representações os meios diferentes de falar da nossa subjetividade, esclarecem o estágio de boa convivência que a entrevistada atingiu em relação ao seu pai. Primeiro, um sentimento de perdão e limpeza, depois um sentimento meio mágico ao degustar os conselhos do pai, internalizá-los, tomando-os como uma verdade que precisava ouvir e que não poderia ser dita por mais ninguém, além do próprio pai. Relembro também uma expressão usada, por essa entrevistada, já no final das falas, demonstrando satisfação e um brilho no olhar ao dizer que recordar esse processo curativo que a meditação lhe trouxe, configurava novamente um sentimento de gratidão por tudo o que tinha passado até chegar nesse estágio de compreensão, amor e perdão.

Fui contagiada pela sua emoção como os demais do grupo que participaram da entrevista e reafirmei um pensamento que por certo alcancei num determinado tempo em que a consciência se amplia: sempre que atingimos a compreensão, que respondemos alguns dos nossos permanentes porquês desenvolvemos a capacidade de dissipar nossas dores, tanto as físicas como as emocionais.

As emoções nos levam a expressar os nossos sentimentos por meio das nossas ações, embora algumas vezes procuremos reprimir essas ações. Num estado saudável, nossos pensamentos e sentimentos estão sintonizados e integrados para guiar nossas ações... Nossa saúde emocional depende da nossa capacidade de ficar em contato com nossas emoções, sentimentos e pensamentos. Ter uma percepção das suas origens e dos seus efeitos sobre nós e sobre outras pessoas fortalece o nosso sentido de eu. (Dr. Laskow, in LEVIN, 2001, p.97)

Para mim, quando atinjo o nível da compreensão, consigo viver o que nos sugere o evangelho: *“Amar o próximo como a si mesmo”*. (Mateus 22,39) Portanto, consigo uma espécie de interconectividade com o outro, vejo do seu ponto de vista e procuro saber um pouco da história que protagoniza seu jeito de viver. É nessa perspectiva que me possibilito ver no outro, aspectos que também se retratam no meu modo de viver, o que me proporciona compaixão.

Dalai Lama trata da compaixão como uma *“ética para o novo milênio”* quando diz:

A ética da compaixão proporciona os fundamentos e a motivação necessários para o controle dos impulsos negativos quanto para o cultivo da virtude. A valorização genuína da compaixão acarreta automaticamente uma nova maneira de ver o outro e de agir. (2000,p. 143)

Há uma estreita ligação entre as vantagens conquistadas pela meditação e a definição construída por Dalai Lama sobre compaixão, especialmente quando nos proporciona a condição de ver o outro de uma nova maneira. Torna-se propício também dizer que ao julgarmos alguém petrificamos nosso pensamento e nosso olhar para somente um aspecto, e nossos ressentimentos, dificultam a mobilidade dos nossos sentidos para ver o outro na sua integralidade.

Outro entrevistado aponta problemas de relacionamento com a mãe, no que se refere à compreensão dos seus pontos de vista, suas opiniões acerca da vida. Após a meditação, ele consegue compreender porque a mãe pensa e age de determinada maneira, e vai dialogar com a mãe sobre a própria história que ela viveu desde a infância. A mãe de religião católica inicialmente considerou estranha a prática da meditação. *“Hoje ela gosta e acha bonito. Por exemplo, quando acontece alguma coisa a gente conversa sobre que postura mental poderia ter pra ajudar aquilo, quando acontece alguma coisa na família ela me liga para eu orar (ela chama meditação de orar), ela diz: faz daquele teu jeito”*.

O terceiro professor entrevistado relatou que tinha um relacionamento muito complicado com a filha e que após a prática da meditação compreendeu que no universo tudo funciona com níveis de vibração. A partir dessa compreensão se acontece uma atitude provocativa da filha, ele não entra naquele nível de vibração, mas

procura manter-se num nível de compreensão, serenidade e diálogo, o que tem trazido resultados muito gratificantes para a convivência de pai e filha.

“Então eu vejo o quanto me ajudou a mudar e me faz viver de uma forma mais harmônica, aceitando e respeitando o outro e isso só fortalece os valores para você estar se ajustando cada vez mais.”

Enquanto relia as entrevistas e rebuscava interações com referências teóricas já escritas e fundamentadas por autores que alicerçam essa tese; passei por um processo de transformação interna, formulei alguns conceitos pessoais e deles me apropriei pelo mundo vivido com os entrevistados, com as pessoas da minha convivência e comigo mesma. Dentre esses pensares não formulo divisões, mas ousou dizer compreensões sobre a meditação, por exemplo. E mesmo, meditando com mais consciência dos propósitos e resultados, penso primeiro num silêncio que se faz extremamente necessário, para depois aprender a silenciar internamente. É nessa quietude que as decisões podem acontecer com mais sabedoria. Para mim, a alma é silêncio. Silêncio e luminosidade refletidos na arquitetura das coisas do universo em sintonia com a arquitetura perfeita de um Ser Supremo, que podemos chamá-lo de Deus. Quando atinjo esse nível de serenidade interior, posso então, presentear-me com o estado meditativo também no barulho externo do cotidiano. É nesse momento que mantenho calma nos transtornos do trânsito, ou mediante os desafios ou até mesmo interagindo com uma grande conquista. Dissipam-se os estados de euforia bem como os de frustrações, para atingir o estado de equilíbrio, de harmonia, quem sabe possível e necessário para os líderes.

Paralelo aos benefícios da meditação, penso no quanto a oração torna-se eficaz e como produz elementos que fortalecem nosso espírito e nosso intelecto, preenchendo nossa mente com pensamentos que se harmonizam com a possibilidade infinita de manter-nos em equilíbrio, trazendo assim as coisas do mundo externo harmonizadas com nosso mundo interno, ou seja, das emoções, da ampliação de consciência, dos atributos da alma; que se integram e se fortalecem favorecendo a construção de seres mais pacíficos.

Assim alimentados por ideias e ideais, os professores do Curso de Meditação Raja Yoga, nutrem expectativas que contribuem para o exercício da liderança,

entendida como inspiração para realizar as atividades pertinentes aos projetos da BK, considerando com muita veemência que as escolas e empresas precisam ensinar, educar as pessoas para expressarem seus valores, como por exemplo: respeito e honestidade, que sejam gentis e autoconfiantes a ponto de incentivar as pessoas com quem trabalham, a seguirem suas práticas, a crescerem no sentido de desenvolver-se tanto materialmente como na espiritualidade, condição que constrói sujeitos mais seguros e conseqüentemente mais eficazes para conceberem suas metas tanto pessoais como profissionais. Percebe-se aqui um incentivo à cooperação contrapondo-se ao espírito de competitividade, muito presente nas empresas e outros setores da sociedade. Algumas características que na linguagem organizacional são chamadas de competências, no trabalho com os líderes e na linguagem espiritual, para a BK são chamados de valores. Valores esses que fomentam o espírito cooperativo e estão alicerçados na prática meditativa.

Assim, refere-se um dos entrevistados:

“O que a BK faz é o que as organizações chamam de formação de lideranças, só que usamos outra linguagem que inclui a espiritualidade. Formamos os líderes no sentido de pessoas que inspiram outras pessoas, que influenciam e podem se tornar referências; não porque elas querem, mas porque naturalmente o trabalho faz com que elas sejam referência. Isso traz progresso, crescimento para quem faz e de uma forma natural acaba se estendendo, servindo de exemplo para outras pessoas também.”

Mediante esse trabalho, os professores mostram-se otimistas em relação ao futuro, para prosseguir com seus ensinamentos, permeados pelo conhecimento, a prática e o desejo de ajudar os outros a se tornarem pessoas melhores. Expressam que é nisso que se manifesta o espírito do líder, fazendo com que esse desenvolva a capacidade de colocar-se no lugar do outro, e de autoanalisar-se quanto ao seu papel, fazendo cada um sentir-se importante.

O'Donnell (2009) amplia e configura esses pensamentos quando diz:

Líderes precisam saber como administrar efetivamente suas próprias vidas a partir de dentro. Ser organizado em relação a pensamentos, sentimentos e ideias nos dá uma chance maior de sobreviver e ajudar os outros. Os líderes experimentam suas transformações internas e desse modo são capazes de inspirar e motivar outras pessoas na mesma

direção. Eles não memorizam textos nem são presos a paradigmas fora de moda, mas são aqueles que ousam, inspiram confiança, assumem e respeitam. (p.80)

A bem da verdade, todos nós projetamos os líderes com essas características e lhes atribuímos uma caráter ético acima de tudo. Isso me faz pensar no quanto a educação precisa contribuir para a formação desses líderes, rompendo com o paradigma de que poucos podem ser, ou exercer uma função de liderança. Teremos que estar atentos à formação do caráter e fomentar uma busca mais descontraída pelo conhecimento. Ainda convivemos com certa imposição arraigada aos velhos padrões: você precisa estudar para ser alguém na vida, você deve cursar (...) para ter um emprego melhor e ganhar mais. São conceitos e preconceitos que encaixam o ser humano num valor ilusório, de que as coisas que possuímos caracterizam o grau de respeitabilidade que poderemos ter. E ainda me vejo e me sinto um pouco só nessa tarefa como educadora, pois enquanto discutimos um valor, ou convidamos os alunos para uma leitura de cunho filosófico, cultural e que traga um movimento à sua própria capacidade de pensar, somos praticamente sufocados pela rapidez de uma pesquisa na Internet, ou por uma gama de propagandas que ditam quem vale mais. Propagandas motivam o consumismo, músicas se transformam em hinos de desrespeito e políticos são modelos de corrupção. Contudo, há um mundo paralelo não só dos otimistas e das pessoas mais éticas, como também daqueles que fazem seus sonhos tomarem asas e sobrevoar acima de todo e qualquer desafio para organizar um mundo mais sensível à solidariedade, à coerência e aos chamados da paz.

Na recente visita do Papa Francisco ao Brasil ele nos falou da Igreja como Mãe... *“e uma mãe não se comunica com o filho só por correspondência, ela abraça, ama, beija. Por isso, quando nos preocupamos muito com os papéis, tendemos a nos distanciar das pessoas. Falta proximidade!”* Muitas vezes ouvi relatos de professores de outras áreas (direito, informática, administração) de que nós profissionais da educação somos mais próximos, mais afetivos. Inúmeras vezes alunas do Curso de Pedagogia nos momentos de avaliação do curso e dos professores teciam comentários a professores de outras áreas que atuavam no curso dizendo: *“percebemos que tem conhecimento, mas não tem metodologia para nos ensinar. Além do mais são pessoas*

distantes, e a própria teoria diz que sem afeto não há aprendizagem.” Compreendi o afeto como uma tradução de estar mais próximo, respondendo aos questionamentos dos alunos e suas dúvidas de uma forma hermenêutica. Que linguagem o professor usa para fazer-se compreender? Cada aluno pode fazer sua própria interpretação conforme seus conceitos e o conhecimento que já possui, para tanto sempre se fazem necessárias amplas discussões com o intuito de esclarecer o significado da linguagem utilizada.

Cury (2012) refere-se aos professores dizendo que: *“...por transmitir o conhecimento pronto, vocês estão formando repetidores de ideias e não pensadores. O sistema acadêmico tem aprisionado o ser humano e não libertado sua inteligência.”* (p. 103). Para tanto, é imprescindível que professores e alunos ao construir conhecimento adotem mais questionamentos que respostas prontas, pois questionar é um incentivo à pesquisa, à formação de sujeitos investigadores.

No construto da entrevista, a última questão referia-se ao pedido de sugestões para prosseguir na tese, que está em construção. Os professores entrevistados primeiro manifestaram gratidão pela oportunidade de participar do que eles chamaram de uma pesquisa ousada, e reprisaram algumas concepções da filosofia da BK: *“que tu invoque Deus para escrever contigo...Porque Ele é o sábio dos sábios, Ele tem pós, pós, pós, Ele tem a resposta antes da pergunta. Porque você está sendo muito corajosa, ao escolher um tema que vai falar de espiritualidade num meio que ainda é um pouco hostil a ele. Então, com a companhia de Deus é sucesso garantido.”*

O outro entrevistado segue no mesmo raciocínio: *“Tudo o que tu fizeres faz num relacionamento profundo de amor. Imagina você antes de escrever, antes de fazer qualquer coisa, você compartilhar aquilo com Ele, de algum modo, como companhia e certamente, a tua vibração interna vai estar diferente. Se a gente esquece dessa companhia, a gente sente que a nossa atuação não é tão boa. E quando a gente está nessa profunda relação com Deus, a gente acaba de algum modo expressando qualidades espirituais profundas. Então, sem dúvida, essa personalidade que está se relacionando diariamente, ela altera a nossa maneira de pensar, a nossa maneira de escrever, até a maneira de escolher uma coisa no supermercado, tudo afeta . Se a*

gente consegue manter a companhia Dele, o máximo possível é o melhor. Não tenho melhor dica do que você se lembrar Dele o máximo possível.”

Sugeriram também que continue com a prática da Meditação Raja Yoga e faça o curso da Espiritualidade Prática, que é o subsequente, porque ajuda a buscar respostas que já estão dentro de nós e dentro de nós estão os conselhos de Deus.

Apreciando o significado das sugestões recebidas, bem como de todo ensinamento que me foi apresentado com as falas, a expressão do olhar de quem brilha ao vivenciar com grande certeza o que está pronunciando, as atitudes coerentes e amáveis dispensadas durante a entrevista, me inspiram a escrever um pouco sobre Deus. Proponho-me a escrever sobre Deus sem pesquisar definições, porque seria sempre o que os outros pensaram. Poderia também aparecer uma construção de ideias trazidas desde a criação do mundo, quando Deus teria feito esse mundo em seis dias e descansado no sétimo dia. Reescreveria com outras palavras definições profundas trazidas por teólogos, ou autoridades que lideram as mais diferentes religiões. No entanto, quero falar das minhas próprias concepções de Deus, certamente marcadas por alguns traços da linguagem Católica, visto que nela fui batizada e iniciada como pessoa cristã.

Acredito que uma das grandes tarefas, ou caminhos da educação está num pensamento de Merleau-Ponty (1908-1961) quando diz que: *“Filosofar é a arte de reaprender a ver o mundo”*. E como a filosofia provê sustento para a educação ao alimentar a capacidade de pensamento e raciocínio do ser humano, a qual nós professores precisamos elucidar para que nossos alunos compreendam o que estão estudando, cabe ao educador interagir com essa arte, pois os alunos já vem com certa visão do mundo, dos conceitos e preconceitos trazidos de casa, dos meios de comunicação e das primeiras experiências por eles vivenciadas. Caberia então, aos educadores a atitude ética de ajudarem seus alunos a *“reaprender a ver o mundo”*.

Aos poucos, o Deus que me foi “apresentado” na infância, um velho simpático talvez, mas também capaz de me castigar e que para ser bem vista e bem quista eu deveria rezar e rezar apresentava-se como um exercício de caligrafia, no qual se escrevia com calma, caprichando a letra e repetindo até completar a folha do caderno. Aos poucos, esse Deus se expande e vai para muito além da oração do Pai Nosso, por

exemplo, e sem ninguém me mostrar ou me ensinar, começo a reconhecê-lo, em tudo o que era bom e me fazia bem. Quando colhíamos uva e a safra era abundante e os vinhos apresentavam ótima qualidade, rezávamos para agradecer e para pedir saúde e paz nas famílias.

Nesse momento, o Deus velhinho, na minha cabeça de criança, perdia completamente aquela forma e me parecia jovem e extraordinariamente rápido, inteligente, pois ao mesmo tempo em que cantarolava nas chuvas de verão, também parecia animar os pássaros que confiavam a construção dos seus ninhos no extenso parreiral. E mais, eu me perguntava muito como era possível na mesma terra, sementes quase iguais produzirem flores tão diferentes e quanta variedade de cores, mais as frutas e toda plantação e ainda cuidar das pessoas, escutando a todas e atendendo seus pedidos e não raras vezes seus queixumes. Um dia, dei-me conta que deveria parar de pensar, pois temendo expor essas ideias, quem sabe eu poderia enlouquecer...

A caminhada da vida prossegue e continuei na arte de reaprender a ver o mundo que me mostravam de um jeito e muitas, muitas vezes pensava: não é bem assim. Contudo, nunca “perdi de vista” alguém que poderia agora chamá-lo tradicionalmente de Deus, Senhor dos senhores, Pai, amigo... O grande passo é poder reconhecê-lo sem temores, nos sinais interpretados como manifestação da sua presença.

Esse Ser Supremo, que os professores da BK sugerem que sempre ao escrever, tenha a gentileza de pedir que Ele tome assento ao meu lado, já respondeu todas as dúvidas da minha infância e se mostrou compassivo nos desafios, ajudando-me a compreender as lições da escola da vida; como também a ser grata por essa energia tão especial que orienta meus pensamentos e conduz minhas atitudes. Se o líder deve ser aquele que inspira, então deve estar sempre conectado a uma grande fonte de Inspiração, que podemos chamá-lo: Deus.

Assim conversei com Ele um dia: Ensinaram-me a te chamar de Senhor, mas eu te chamo de Tu, de Você, ou pelo nome de alguma flor. Vejo-Te nas noites de luar, deitando com vagar sobre cada folha das árvores, impregnando de brilho meu olhar. Sinto-Te no friozinho dengoso convidando-me para aconchegar e o ar fica todo cheiroso com a variedade das flores a desabrochar. Canta a cigarra preguiçosa no som do vento

ao se embalar, e eu te agradeço a “menção honrosa” de poder caminhar, sentindo meus pés a terra tocar. E quando tocam o chão, a melodia ressoa na natureza, produzindo harmonia que entoa tanta beleza. E minhas mãos nem precisam dedilhar, apenas se estender e te esperar para entrar em sintonia.

É triste quando me ponho a duvidar, que por alguma razão Tu me esquecerias, mais triste ainda quando suponho que posso ser um pouco Deus e fazer como num sonho, milhares de coisas num dia. Ensina-me a ter paciência, a perdoar o imperdoável, a entender a Tua ciência de pausa e contemplação. Pelas vezes que a fé desaparece, perdão. Mas obrigada, obrigada mesmo pela capacidade do meu pensamento, pela força das minhas mãos. Deixa-me descansar na Tua paz, deixa o meu coração pulsar no mesmo compasso do Teu, para que eu seja então capaz de inspirar serenidade, “marca registrada” do Teu jeito de amar. E que eu seja apenas semelhante à Tua arte de expressar.

5.2 Historia e significados na Liderança da Coordenadora da BK

A porta que se abre para o mundo do conhecimento espiritual e da assimilação de qualidades positivas é a consciência de que sou uma alma eterna. Se entendo e experimento suas implicações, posso acalmar minha mente inquieta e criar a estabilidade necessária para absorver espiritualidade e poder. Posso canalizar esse potencial para o bem que tenho dentro de mim, assim como um rio, quando apropriadamente canalizado, fornece água para tantas pessoas. (O'Donnell, 2012, p.49)

A entrevista com a Coordenadora Regional da BK foi realizada posteriormente à entrevista feita com os professores que ministraram o curso de Meditação Raja Yoga, do qual participei como condição para melhor conhecer a filosofia da referida ONG. A intenção inicial dessa pesquisa era de estabelecer mediante a entrevista, categorias conjuntas para os professores e a coordenadora. Contudo, no encontro com a coordenadora, percebi que direcionava sua fala e experiência na BK, enfatizando os aspectos que dizem respeito ao papel do líder, porque atualmente coordena os trabalhos na região sul do Brasil. Mesmo enfatizando aspectos da espiritualidade em resposta às suas buscas e contracenando com os propósitos da BK, sua fala diferenciou-se da fala dos professores entrevistados resultando em quatro categorias, visto que esses por sua vez, atuam de maneira mais direta com o público que procura os projetos da BK.

Categoria 1 – História, Filosofia e Concepções

A Coordenadora ao contar sua história junto à ONG, relembra que sempre teve uma busca espiritual desde bem jovem e que conheceu a BK no Rio de Janeiro, quando a ONG completava um ano da fundação naquele estado. Foi convidada por uma prima para ir a um lugar onde tinha “umas monjas”, pessoas que trabalhavam com yoga num ambiente muito bom e que viajam para Índia, onde fica a sede da BK. Assim foi atraída sem saber muito bem do que se tratava. Seu primeiro momento com a meditação teve uma

experiência muito forte de silêncio mental, pois disse ser uma pessoa que pensava muito.

“ Minha busca espiritual é porque eu estava num estado assim um pouco questionador e agitado mentalmente e eu não sabia como me encaminhar para encontrar respostas aos meus porquês. Essa experiência do silêncio foi uma resposta, porque eu simplesmente entrei num estado de quietude. Pensei: é isso que eu quero, quero ter uma mente assim, porque eu buscava um conhecimento que realmente me silenciasse, não um conhecimento que gerasse mais barulho”.

Ao relatar essa experiência, diz que: *“Foi uma experiência muito linda”,* pois tratava-se de uma busca que revelava o desejo de compreender o que e como se dava uma *“elevação espiritual”*. Acreditava que isso seria possível pelo silêncio, não só um silêncio no mundo externo, mas principalmente, um *“silêncio interno”*, quando precisamos descobrir como esvaziar a mente. *“Às vezes o que a gente quer é silenciar, porque já pensou tudo; então é hora de experimentar a essência, e isso eu encontrei com a meditação Raja Yoga”*. Assim percebeu a filosofia e os propósitos da BK como uma proposta de grande profundidade, porque trabalha a célula da transformação do mundo, que é o ser. Pontua propostas significativas de mudanças sociais, mas percebe a necessidade de mudar o âmago, a essência do ser, salientando que não adianta criar o protótipo de uma sociedade perfeita para ali colocar um ser desajustado, sem paz mental, e por consequência gera desarmonia.

Reportou-se à proposta base da BK como ideal para o mundo contemporâneo, pois trabalha para a criação de um mundo melhor, mais perfeito, solidário, voltado para a divinização do caráter do ser, como pressuposto para atingir a paz. *“Então isso para mim é bastante tocante e verdadeiro, porque a mudança do mundo só pode acontecer a partir da mudança do indivíduo. Acredito plenamente nisso e a BK tem um enfoque muito individualizado para que isso aconteça. Cito, por exemplo, as visitas na nossa sede (Índia), aonde às vezes chegam 300 pessoas, todos ganham um docinho, uma mensagem e tem a oportunidade de encontros especiais com professoras mais antigas; então todos tem a sensação ainda que seja num numero grande, às vezes até de 20 mil pessoas, de que houve um atendimento individualizado.”* Esclarece que mesmo num grande número de

peçoas, não há o sentimento de uma relação massificada, o que agrega grande significado e faz a diferença nas atividades da BK, “ *o ser humano só vai conseguir resgatar seu estado de valor quando for visto na sua individualidade e respeitado nela, perceber-se incluído, consciente de si, de quem é e qual o propósito da sua interação com os outros.*”

Tanto quanto estivermos conscientes de nós mesmos, essa é a exata medida de quanto estaremos conscientes dos outros. O tanto que compreendermos a nós mesmos é o quanto entenderemos os outros. Como a maior parte dos nossos relacionamentos é baseada em divergências de razões e perspectivas, trabalhar o eu, melhora automaticamente a forma como interagimos com os outros. (O'DONNELL, 2009, p.150)

É expressivo, nas falas da coordenadora, esse enfoque na individualidade que revela em cada ser a responsabilidade para tornar-se um ser melhor, e isso interfere na capacidade de ressignificar conceitos, valores e atitudes que fazem parte, tanto da vida pessoal, quanto da convivência com os outros. A coordenadora diz perceber que as coisas massificadas tiram muito do senso de espiritualidade do ser, e que vivencia na BK um trabalho que resgata a criação de uma nova sociedade, com uma consciência do que se deseja: uma educação para a paz.

Ao relacionar a filosofia com a realidade de mundo por nós vivido, acena para as possibilidades e resistências. Atuando há 30 anos como colaboradora e há um ano escolhida como coordenadora regional no Brasil, sente-se profundamente engajada no trabalho da ONG e percebe a cada ano o aumento do interesse das pessoas que a procuram, pela temática da espiritualidade. “*Se vamos às empresas, as pessoas tem interesse em meditação, qualidade de vida. Então eu vejo que o mundo hoje está querendo, está chamando por alguma coisa, que lhe traga uma espécie de refrescamento interno*”. Trouxe como exemplo recente, um hospital de Joinville (SC) que oportunizou aos profissionais da saúde, um espaço para meditação, que lhe instigou a ampliação de consciência, pois trabalhar com pessoas doentes, acarreta mais estresse e que precisam ter um nível de relaxamento, de qualidade de vida, aliado ao exercício da profissão, e que a BK preencheu essa necessidade. Relatou há um tempo, ser a meditação um campo fechado e

restrito, mas hoje, há uma abertura e reconhecimento pelas pessoas que estão se beneficiando dessa prática.

Jaqueline Berg, diretora da BK na Holanda, relata que descobriu quatro coisas importantes por meio da meditação:

“A primeira é o silêncio. A segunda é o relacionamento comigo mesma, a terceira é o relacionamento com o Supremo e finalmente vem meu relacionamento com aqueles que estão à minha volta. Nós normalmente os abordamos numa ordem diferente. Estamos muito conscientes sobre os relacionamentos que temos com os outros, alguns de nós pensam sobre Deus, poucos pensam no seu eu interior e dificilmente alguém tem um relacionamento com o silêncio.”
(artigo Convivendo Comigo. www.bk.org – 27/11/2012)

Nas concepções e entendimentos sobre os valores da BK, a coordenadora diz que podem ser escalonados conforme a seguinte ordem: individual, cultural e universal. A grande transcendência é sair do individual e chegar ao universal, que é o que nos une como seres viventes nesse planeta, tornando-nos uma grande família global, internacional. Então, os valores universais são aqueles que independem de cultura e do pensamento individual. A entrevistada afirma que o amor é universal e que, independente de estarmos numa tribo indígena, ou numa comunidade na Europa, as concepções de amor e paz são os mesmos. *“Muitas vezes, a sociedade se fecha dentro dos valores de uma cultura ou de uma religião e se faz guerra, se perde todo sentido do valor, em defesa do valor de um grupo. Então, quando trabalhamos a universalidade dos valores, jamais vai contra o outro, porque está unificado, está no universal. Os valores espirituais estão dentro dessa dimensão independente da cultura que você pertence, do credo, nível social ou econômico, não importa, porque os valores unificam as culturas e nessa unificação é que acreditamos que pode ser promovida a paz mundial, um respeito às diferenças, que seria a unidade na diversidade”*. A coordenadora reafirma ser esse o propósito maior da BK, uma atitude espiritual com a finalidade de unificar as pessoas na vivência da paz e do amor.

Categoria 2 – Valores e Conceitos de Espiritualidade

Pontuando as razões pelas quais a BK promove, por meio de suas ações, os valores necessários e coerentes para vivenciar a paz e o amor, a

coordenadora acredita que nos cursos de Raja Yoga, bem como os que propiciam qualidade de vida, dentre eles: retiros e workshop são objetivados para que as pessoas despertem para um nível de consciência, que naturalmente conduzirá a um comportamento fundamentado em valores, que proporcionam o conhecimento da essência do ser, compreendida como Divina e que acessada requer experiências mais meditativas, mais espirituais. As atividades de todos os projetos da BK, têm como propósito, ajudar as pessoas a fazerem o link com sua essência Divina, o que proporciona a expressão de suas qualidades.

Esses trabalhos realizados na comunidade, nas escolas e nas empresas, compõe as temáticas para o Encontro Internacional em Madubana (sede da BK na Índia), realizado anualmente. Nessa ocasião, líderes de diversas áreas profissionais se reúnem para conversar sobre como pode ser inserida a espiritualidade no seu contexto de trabalho, no seu exercício profissional. As pessoas saem desse encontro engrandecidas dessa experiência, levando para o seu contexto, pessoal e profissional, o conhecimento e a partilha realizados.

Dentre eles, um dos projetos de maior atuação na comunidade é: Vivendo Valores na Educação, que capacita os educadores para trabalharem valores necessários para a vivencia da paz. Primeiro em cada ser humano, por meio de boas leituras e práticas meditativas, exercícios de autoconhecimento, depois partilhando e vivenciando com os grupos sociais aos quais pertencem. O Projeto Vivendo Valores na Saúde tem o mesmo objetivo, de levar aos profissionais da área da saúde vivenciar valores no seu exercício profissional. Outro Programa, considerado muito importante, é o Imagens e Vozes de Esperança, um programa realizado junto à mídia, com o objetivo de gerar conversas apreciativas, nos quais se fala sobre o que é benéfico para o mundo de hoje, visto que a mídia tem grande poder de influência sobre o que se pensa e o que faz. Ela implanta valores e contravalores para aqueles que de uma forma passiva formam um publico expectador. A ideia é suscitar nesses profissionais a percepção de que eles são educadores informais, que levam para o mundo uma mensagem educativa. *“Se eles educam, tem que cuidar a informação que estão passando; se eles passam a imagem de um mundo sem esperança, só mostrando negatividades, eles tem uma responsabilidade sobre*

isso. Então, no *Imagem e Vozes*. o que se sugere é que mostrem também os aspectos bonitos da vida. Se teve aquele assalto, aquela morte, mas também teve aquela pessoa que dentro de uma comunidade faz um trabalho lindo, voluntário, como por exemplo, com um grupo de crianças pobres”. A proposta é que a mídia trabalhe para exaltar o bem do ser humano, que também precisa ser manifestado.

Formada em jornalismo, a coordenadora já participou de encontros voltados para o trabalho da mídia e constatou que a intenção é partilhar conteúdos que acionem um viver com mais esperança. Ao participar de um encontro no Rio de Janeiro, comentou a presença e participação do jornalista William Bonner que falou para os estudantes de comunicação da Puc, dizendo: “não pensem que a gente que está aqui não está preocupado com as Notícias transmitidas, mas procuramos mostrar os dois lados da moeda. Há o lado trágico e o lado bonito”. A ideologia mostrada para as pessoas trata de uma responsabilidade necessária na recriação de um mundo que está aí com seus avanços tecnológicos, mas sempre carecendo de paz e solidariedade. Para tal, se faz necessário um trabalho de sensibilização individual, para um olhar que também contemple a beleza e as necessidades dos outros. *“E esse trabalho compete essencialmente aos líderes, trabalhar em prol da paz que começa essencialmente em cada um de nós.”*

Gilley(2003) refere-se à paz como essência para o espírito:

A paz é uma parte essencial do nosso espírito. Quando vivemos e lideramos no caminho da coragem, passamos a conhecer um profundo nível de paz que impregna o nosso ser. Embora talvez estejamos amedrontados, zangados com os acontecimentos do dia, temos que nos orientar, como se fosse uma espécie de leme, um profundo senso de paz que nos diz que estamos no caminho certo. Essa paz, é gerada por uma conexão espiritual que é possível pela percepção de nós mesmos e por um modo de vida consciente. (p.210)

A BK projeta-se mundialmente por meio do seu grande objetivo de trabalho pela paz universal e a coordenadora entrevistada reforça a ideia que esse trabalho também compete aos líderes, sem deixar de lado a responsabilidade de cada indivíduo. Gilley (2003) nos aponta o caminho da coragem. Quando observamos um líder atuar e responder com serenidade aos momentos desafiadores, inferimos que o discernimento sobre as decisões a

serem tomadas estavam imbuídas de paz, essa “espécie de leme” a que a autora se reporta.

Nesse construto, a entrevistada aponta o valor mais referendado para se conhecer a paz: é o que trata da questão do respeito, pois percebe-se que na nossa sociedade ainda carecemos muito desse valor nas relações interpessoais bem como nas profissionais, pois sempre que trabalhado, trata-se de um grande desafio. Ao realizar um trabalho junto à empresa de correios, a entrevistada percebeu que havia uma situação talvez até comum em outras empresas, quando constatou um índice considerável de reclamações, tanto de um em relação ao outro, como dos fatos que ocorrem na sociedade. *“Reclamam do mundo, mas ao mesmo tempo, essas pessoas apresentam certa dificuldade para fazer uma análise sobre si mesmas. Se reclamam do respeito, precisam perceber como está a relação de interação para com aquele que estão hierarquicamente numa posição inferior.”* Percebeu que essa reflexão individual gera o embrião da verdadeira mudança; porque enquanto estão envolvidos no conjunto apresentam dificuldade para realizar um auto-olhar: um processo individual que requer um olhar para si próprio.

A entrevistada considera relevante o estudo e campanhas para o cultivo da paz, mas se questiona: *“quando estou num engarrafamento, quanto eu contribuo para gerar a paz? ou estou na buzina com raiva, irritado... Quanto naquele momento eu me vejo como um instrumento para gerar paz naquele ambiente?”* Relata também, que na nossa cultura ocidental, temos o hábito de intelectualizar demais as coisas e precisamos substituir a intelectualização pela sabedoria e que essa é fruto de autoconhecimento e compreensão, valores que contribuem significativamente para a construção da paz.

“Para nós da BK, são dois universos diferentes, porque se pode saber falar teoricamente sobre a paz, maravilhosamente de onde vem a paz, e para onde vai, porém, experimentar a paz e outra coisa, outra dimensão. E essa dimensão, na verdade do indivíduo que a gente acredita que possa promover qualquer mudança na sociedade. Pouco adianta você ficar fazendo uma passeata por alguma coisa, se o teu ser não pulsa naquela vibração. É o que Ghandi já dizia: “um coração preenchido do verdadeiro amor tem o poder de neutralizar o ódio de milhões”. Então, a gente sabe que se tem um ser

preenchido de um sentimento profundo espiritual, aquela vibração, daquele ser, que é capaz de mover a energia de uma forma ilimitada”.

Argumenta a necessidade de mudanças, tanto no pensamento como nas atitudes das pessoas, porque podemos ter mais de mil pessoas falando sobre um determinado assunto, sem vibração, sem o coração e a mente estarem presentes e isso não ajuda, se não houver sintonia e verdade com o desejo daquilo que estamos buscando. Precisamos mudar nosso campo de vibração para mudar o campo de vibração do mundo, que vai atrair, que vai extrair de dentro das pessoas ações de um padrão mais elevado, só assim a sociedade poderá se transformar. Afirma cada um de nós ser uma atmosfera onde quer que estejamos. Somos uma atmosfera, que está girando em torno da alma que nós somos e interfere no campo vibracional um do outro. *“Então”, se alinhamos a nossa atmosfera interna espiritual com o Divino, com o que é puro, com o que é belo, é possível fazer um trabalho grandioso de mudanças, para a conquista de um mundo mais humano, solidário e pacífico, capaz de atingir e de influenciar as pessoas da nossa convivência.*

Cada ser desse universo está imbuído dessa responsabilidade, mas reafirma a entrevistada que o caráter criativo e de maior responsabilidade, compete aos que desempenham, de algum modo, a função de liderar e que para tanto, o líder também precisa identificar-se como um ser espiritual.

Nos locais de trabalho onde se respeita o espírito, os líderes estão profundamente ligados a todas as pessoas. Os líderes amam, valorizam e respeitam tanto a si mesmos como as outras pessoas. A confiança é um pressuposto e a fé é tida como certa. A confiança e a fé são incondicionais. Quando somos calorosos, atenciosos e solidários, colocando-nos realmente no lugar do outro, as pessoas se juntam em uma nova dimensão. (GILLEY, 2003, p.71)

O pensamento de Gilley, está em sincronia com os conceitos da BK sobre os líderes, desde o preceito de que estamos todos interligados uns aos outros, fazendo parte da rede da vida. Respeitar o espírito é perceber essa conexão, bem como a singularidade que permite a revelação dos talentos de cada um. Nessa linha de pensamento, os conceitos de espiritualidade, que a BK trabalha em seus cursos, são projetados em valores humanos, desde a fundação da BK em 1936. Para cada época ou situação, são feitos estudos que prosseguem reinterpretando temáticas que se tornam emergentes em cada

ciclo da história; porém a prática da reflexão e do experimento da Meditação Raja Yoga continua sendo uma ciência do conhecimento espiritual que aplicado traz resultados individuais e coletivos. O aprendizado é singular, é particular orientado pelos ensinamentos, respeitando a maneira e a aplicação que cada um concebe, deva ser feita. Não se trata de uma doutrina em que todos devem fazer igual. *“A linha central é a BK que nos dá, mas vamos desenvolvendo cada temática, tendo em vista nosso estilo e nossas experiências particulares, construindo maneiras de reflexão e traduzindo-as em vivências”*.

Para a coordenadora, o conceito de espiritualidade é o ser/estar nesse mundo físico, atuando em diversos papéis: como profissional, como pai ou mãe de família e suas responsabilidades, porém, interagindo com os sujeitos que fazem parte da convivência diária, mostrando pelas atitudes de coerência, o que é, o que consideramos como a dimensão espiritual, mesmo estando aqui numa dimensão que supervaloriza o material. Vivemos num mundo materialista, em que as pessoas nos mais diversos contextos, estão focalizadas no resultado material de tudo que fazem, e que isso reverbera em termos de grupo, na sociedade. O contexto espiritual, segundo a coordenadora é compreendido como um universo de sutilezas. *“Você pode ser desenvolvido espiritualmente e ter uma vida simples, uma vida normal de classe média, mas é como se a sua vida fosse preenchida por um brilho diferente, porque é o brilho do teu contato com a tua essência Divina”*. *Esse contato com essa essência Divina, vai fazer despertar valores originais, qualidades inatas e por outro lado nossa conexão com Deus; daí surge o aspecto da meditação, do autoconhecimento, que se traduz numa conexão mental com Deus, concebido como Ser Supremo que é uma alma.”* Prossegue dizendo que Deus é um ser consciente, porém que não toma um corpo físico como nós, por isso Ele é o Supremo. Nós precisamos do corpo físico para interagir com a matéria, mas esse corpo se desgasta, perde energia, por isso precisamos da conexão espiritual com o Supremo, para recarregar nossa energia.

Marriott (1998) assim descreve a alma:

Nossa alma, ou Eu Superior – tem ampla e abrangente visão de tudo em nossa vida, está ligada com outras almas para

inspirar toda ajuda que precisamos numa ação fascinante e sincrônica quando, de forma confiante, conseguimos nos sintonizar com o nível superior de nossa consciência. Somos guiados por nossa alma durante o sono, ou quando meditamos. (p.51,52)

A entrevistada relata suas concepções, alicerçada nos estudos oferecidos pela BK: *“As almas humanas passam por um processo de desgaste, que se chama Lei da Antropia, que à medida que a pessoa renasce, reencarna, vai perdendo a força original. Chega uma hora que há um grande descarregamento energético na consciência, que é o momento de hoje: é perda de valores morais, éticos, espirituais; tudo isso é um retrato de uma sociedade energeticamente enfraquecida, e o resgate dessa sociedade vem através de se reenergizar as consciências dessa sociedade, recompor energeticamente”*.

Para tanto, a entrevistada indica a meditação como um meio de recomposição dessa energia, pois no estado meditativo deve acontecer uma conexão mental com Deus por meio de pensamentos e do próprio silêncio, propiciando um desprendimento dessa dimensão, a qual habitamos na condição de seres humanos. Nesse habitar humano, gastamos energia pelas jornadas com excesso de trabalho, pelos medos e cobranças que recaem sobre nossa responsabilidade, dentre outras razões; e então precisamos do contato com Deus, para reabastecer a energia interna e nos recompormos espiritualmente.

A entrevistada assim expressa o sentimento de sentir-se fortalecida após a experiência de meditação: *“Então, quando você sai de uma experiência de meditação que foi profunda, você sente que é outra, que você estava numa frequência e ficou de um jeito diferente. Você nem sabe exatamente o que aconteceu, porque não é muito racional, mas seu coração fica diferente, sente as coisas de um jeito diferente”*.

Muchos estudiosos preliminares sugieren que la meditación puede tener una serie de ventajas sobre la salud, contribuyendo a que la persona desarrolle un estado de alerta relajada em el que mejore el tiempo de reacción, la creatividad y la comprensión, disminuyan la ansiedad, la depresión, la irritabilidad e el mal humor, y mejoren la capacidad de aprendizaje, la memoria, la autorrealización, las sensaciones de vitalidad y rejuvenecimiento y la estabilidad emocional. (NEWBERG, ANDREW, 2010, p. 293)

Ao prosseguir, explicitando as próprias experiências com a meditação, revela: “Às vezes estamos com algum problema e ao sentar-se, ou colocar-se numa posição confortável para meditar, observamos que um tempo depois, podemos ver o problema de outra forma. Na verdade é porque nós estamos diferentes, nós procuramos serenidade e nos sentimos diferentes por causa disso, porque entramos na dimensão de Deus, e essa percepção tem um impacto.” Relatou ainda a entrevistada que os trabalhos da BK tem a intenção de interagir com a sociedade, levando tanto o conhecimento conforme as temáticas solicitadas, bem como mostrar que “somos seres espirituais”. Essa percepção torna-se possível por meio do trabalho que melhor caracteriza a BK – a Meditação Raja Yoga, que possibilita, mediante a prática internalizada no cotidiano, um melhor conhecimento de si próprio com o desenvolvimento da capacidade de ser “o governante de si mesmo”; bem como a facilidade de conectar-se com o Ser Supremo, designado como fonte de toda energia que necessitamos para viver nesse plano físico.

O’Donnell (2012) assim qualifica um ser que pratica a Meditação Raja Yoga:

Ser um *raja yogue* significa ser um governante de si mesmo, que dirige a construtiva. Significa agir em uma conexão mental com o Ser Supremo ou ter uma consciência meditativa ao fazer qualquer coisa: andar, falar, dirigir um carro ou trabalhar. (p. 121)

A meditação é um dos caminhos que viabiliza essa conexão, essa vivência da espiritualidade, que aos poucos emerge nos espaços onde até pouco tempo o foco era aumentar a produção, ou ampliar o número de clientes; no caso das empresas. Os debates atuais sobre educação, ensino, pesquisa e aprendizagem, mais do que nunca questionam-se e procuram meios para ajudar o aluno a aprender e num movimento entrelaçado, que o aprender tenha significado. Assim, são trazidos para uma das áreas de elevada importância na vida humana - os relacionamentos - e dentre eles, o primeiro e fundamental é o relacionamento consigo mesmo. Acredito que na medida em que nos conhecemos melhor, por meio das nossas experiências entre a solidão e o convívio com os outros, vamos atingindo um grau de maturidade e nela, de uma forma sutil, perpassamos como vivenciamos nossa espiritualidade. O grau de importância que atribuímos a um comentário depende da nossa maturidade

que interfere no equilíbrio, na sensibilidade e até na humanidade, possível de ser desenvolvida com a prática da meditação.

Braden (2010) reporta-se à investigação científica corroborando com os princípios e o ensino da paz, experimentado por um grupo de pessoas por meio da meditação e da oração. Relata que em 1972, vinte e quatro cidades dos Estados Unidos, com população em torno de dez mil pessoas, experimentaram trocas significativas em suas comunidades, quando cerca de 1% da população participou de grupos de oração e meditação. Conta que em determinadas horas, quando pessoas que viviam numa região devastada pela guerra do Oriente Médio, empreendiam a prática da oração. E durante o tempo em que sentiam paz, as atividades terroristas diminuía, como também, o número de pessoas para serem atendidas nos hospitais e o número de acidentes de trânsito. (Pesquisa publicada em 1988 pelo Journal of Conflict Resolution (p. 155)).

A entrevistada repara que o Yoga, representa a capacidade de se conectar ao Supremo. Como se desprender dessa dimensão física e se adentrar numa dimensão mais elevada, eterna. Salaria que a meditação nos proporciona “o Dharma”, que é a assimilação das virtudes, dos poderes divinos em nossa vida, para justamente sair do aspecto teórico e alcançar um nível de compreensão que contemple o nosso viver e nos proporcione experiência que enriquecem nosso conhecimento. “*Então, o dharma é o exercício de se tornar o que você já entendeu que é o melhor para o seu ser.*”

Concluindo as questões atribuídas a essa categoria, retomou a filosofia da BK - que é servir, compartilhar na sociedade, na família, de todas as maneiras formais e informais, através de pensamentos, de palavras, de atos, a educação para a paz, servindo *esse mundo com a energia que já recebeu.*

Trago para reflexão o que observo, ouço e vivencio nesse final de ano, os gestos de solidariedade que se estendem em larga escala pelo nosso país e que se assemelham aos propósitos da BK; desde o auxílio ao grande número de desabrigados por enchentes que ocorrem no estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo, às grandes ceias oferecidas para populações carentes, brinquedos, com os quais crianças são presenteadas, idosos sendo visitados, num gesto que relembra o significado do Natal, do amor e compaixão que Cristo veio ensinar.

Categoria 3 – Expectativas e repercussões

Quanto às expectativas e interesses mais evidenciados pelas pessoas que buscam a BK, a coordenadora reafirmou considerações feitas anteriormente, ao dizer que as pessoas buscam basicamente a meditação por ouvirem falar de seus benefícios e portanto desejam aprender a meditar. Outros programas também são procurados como: Qualidade de Vida, cursos sobre autoestima e vencendo estresse. Porém, esses cursos também esbarram na questão da meditação porque todas as pessoas querem ter mais paz mental, mais felicidade e a meditação é um caminho comprovado para se chegar a essas buscas.

As repercussões e evidências no comportamento dos participantes dos projetos, são observadas por meio do número de pessoas que procuram dar continuidade aos cursos oferecidos pela BK, especialmente o da “Espiritualidade Prática”. Contudo, a BK não efetiva um acompanhamento de todas as pessoas que fazem os cursos, pois a intenção maior é de que levem os conhecimentos e experiências para o cotidiano de suas vidas. Um número considerável de pessoas que participaram do curso introdutório sobre Meditação Raja Yoga, marcam presença nos retiros e nas palestras que são oferecidas aos domingos.

“O retorno que a gente tem das pessoas, especialmente quando terminam o curso introdutório é uma coisa bem impactante na vida delas, pois sentem que algo diferenciado foi despertando, foi acordado dentro delas, que o amor foi ampliado, como se fosse um presente espiritual que a pessoa recebe ao entender uma dimensão diferenciada de si mesmo, como também passar pelo sentimento de unidade, que fazemos parte uns dos outros e do mundo que habitamos. A fé que a gente tem é que aquilo fica com ela, como um presente para a eternidade”.

Quando a natureza sente que a valorizamos, ela amplia este amor que lhe dedicamos, fazendo-o retornar a nós. A consciência de que todos somos um se eleva em toda forma de vida que se sente respeitada; todos os reinos começam a se integrar quando nos comunicamos com eles através do

coração. Em essência, nós sempre fomos parte uns dos outros.
(HAPPÉ, 1997, p.31)

Nesse propósito, a entrevistada relatou uma experiência muito gratificante, relacionada ao “Projeto Vivendo Valores na Educação”, no qual uma professora tinha um aluno que chegava à sala de aula com sinais de violência, praticadas pelo pai que era alcoólatra. Ao ler uma apostila da BK, a referida professora, começou a aplicar os ensinamentos na sala de aula e com esse menino em particular, começou a trabalhar para que ele tivesse uma visão apreciativa do pai. Ensinava que, mesmo quando o pai estava se comportando de uma maneira negativa era para pensar e agir com amor. Quando o pai começava a fazer coisas ruins, brigar, o menino dizia: *“pai, mesmo assim eu te amo! Você está fazendo isso comigo, mas eu te amo.”* E assumiu, começar uma mudança na maneira de lidar com o pai. Essa atitude, comoveu o pai que foi para a escola falar com a professora sobre a situação. A coordenadora relatou ter chegado à seguinte conclusão sobre a mudança de comportamento do pai: *“Esse pai parou de beber, por causa de todo um efeito que esse trabalho gerou no coração dele, que a professora fez no coração dela, que reverberou no coração da criança, que reverberou no coração do pai... E a gente fica pensando: um trabalho desses a gente não sabe aonde chega, não tem como medir”*.

Esse fato ocorreu no interior de São Paulo, num local onde não havia chegado nenhum representante da BK. Foi a professora que comprou o livro, leu e aplicou. Como essa, são muitas situações em que os resultados tornam-se visíveis sendo possível a confirmação: *“o que se aprende fica no coração da pessoa, de alguma maneira fica impresso e vai gerar um benefício na vida familiar, profissional, na vida também espiritual devido à conexão dela com Deus”*. Mesmo sem ter por hábito acompanhar os resultados, a BK acaba por ficar sabendo dos vários benefícios que são experimentados pelas pessoas que a procuram. Relatou ainda a entrevistada, que as mudanças nas pessoas ocorrem de forma gradativa e quase sutil.

Retomou a participação do jornalista William Bonner, dizendo se tratar de uma pessoa de bom coração, mas que está ali dentro de um sistema, mesmo querendo fazer o que é melhor. Há muitas vezes, uma máquina, uma estrutura

muito forte para além da vontade das pessoas. Contudo, sempre há um pequeno esforço que se traduz em diferenças perceptíveis no meio de atuação e convivência, de quem participa de algum projeto, ou curso, ou aprende a meditar. Mas se percebe nas pessoas que trabalham com jornalismo, propaganda que também tem seu conteúdo educativo informal e as pessoas acabam formando opinião sobre as coisas sobre o que a propaganda cria.

Considera de fundamental importância o trabalho da BK na construção de um mundo com mais paz e harmonia, por ter esse sistema de não cobrar os cursos, pois todos os trabalhos são realizados por voluntários. A ONG se mantém, por doações e pela venda de livros e CDs. *“No início, as pessoas viajavam para a Índia, conheciam o trabalho mas moravam na Europa, por exemplo e queriam levar aquele trabalho para a cidade de onde vinham. Foi assim que a BK começou a marcar presença no mundo, hoje em torno de 135 países, tem sedes e aplicam a filosofia da BK em prol da paz mundial.”* Muitas pessoas viajam para a Índia com uma busca espiritual e quando encontram a BK, tem essa vontade levá-la para o seu país, mesmo que não sejam pessoas de origem Indiana.

Relatou que a atual coordenadora da BK da Argentina, foi para a Índia buscar algo que correspondesse à sua busca espiritual e quando lá chegou, conheceu a BK, fez o curso introdutório e levou os ensinamentos para o seu país. *“Entendemos isso, como um processo orgânico, e na própria Índia durante 14 anos Prajapta Brahma sedimentou a fundação espiritual desse trabalho. Um grupo de 300 pessoas ficou reunido num retiro que é chamado de “bate”, que é forno. Entra barro e sai tijolo. Todos os retiros são chamamos de “bate” forno – fornalha.”* Esse retiro foi criado para que as pessoas pudessem sedimentar o trabalho em si, para que ao começarem a se expandir pelo mundo, tivessem essa consistência da experiência interna, casada com a sabedoria e o entendimento. Prajapta Brahma teve como preocupação ao fundar a BK, gerar uma experiência, um trabalho educativo da criação de uma nova consciência.

Categoria 4 – Curso de Raja Yoga, Contribuições para as Lideranças

Ao falar sobre o Curso de Meditação Raja Yoga e sua importância na BK, a coordenadora relatou que toda a fundamentação filosófica da ONG, está posta de uma maneira organizada nesse primeiro curso, considerado a porta de acesso para se conhecer um pouco da filosofia e das atividades da BK. Considera também ser o “carro chefe” que é uma maneira mais light de dar um conteúdo espiritual para as pessoas – é um comprimido de pensamento positivo. *“O Curso de Raja Yoga traz em seus fundamentos a existência de Deus - Ser Supremo (que é Pai e Mãe), das leis que regem o universo, do processo esotérico do ser nesse planeta”*. A continuidade para quem quiser conhecer mais e até vir a ser um professor, é feita no curso seguinte que trata da espiritualidade prática. Posteriormente, outros cursos intermediários, são oferecidos com o objetivo do aprofundamento e da prática da meditação e de um pensar mais ampliado sobre o conhecimento de si próprio e da relação com Deus.

Para a entrevistada, as principais repercussões e contribuições do Curso de Meditação, na formação de líderes acontece pela forte premissa de que o líder é o exemplo, então o primeiro olhar sobre o líder se dá no sentido de que ele possa ser visto como alguém que serve de inspiração para os outros. Ao referenciar o primeiro líder da BK: Prajapta Brahma, a coordenadora relatou que seu testemunho sempre foi o de colocar o outro na frente, dar as oportunidades, pois com essa maneira de atuar passava para os liderados a coragem necessária, tanto para que se empenhassem em suas atividades, como também para que mantivessem equilíbrio no momento que se fizesse necessária uma renúncia. Essa capacidade proporciona a autotransformação. *“O líder não exige mudanças dos liderados para que venham servi-lo, mas é o líder que se coloca no papel de servidor. É estando a serviço do outro, é o espírito de servir que nos capacita crescer como líderes, aprimorando a capacidade de beneficiar o outro, de se preocupar com o cuidado e o bem-estar do outro, que vai passo a passo nos ajudando a exercer o verdadeiro papel de uma liderança.”*

Nesse sentido, o líder é capaz de perceber pela sutileza do trabalho espiritual, a subjetividade, a necessidade do grupo. O líder é aquele que

conquista os corações porque os conhece, e ao conquistá-los, porque conhece, cuida da necessidade de cada coração, e com isso tem a cooperação desse grupo. É um processo natural, não é uma cooperação cobrada. É a cooperação que vem por um trabalho de amorosidade, de cuidado. Se uma determinada atitude, uma forma de ser, magoa o outro, o líder está sempre atento a esse universo, para que o outro venha a se sentir bem, porque essa é a meta, o bem-estar de todos. Para que isso seja possível, o líder precisa estar em harmonia e para nós da BK, estar em harmonia significa também cuidar da espiritualidade. Esse cuidado das pessoas, repercute no ambiente. *“As pessoas comentam que tem uma atmosfera aqui na BK, que as faz sentirem-se bem, sentir que há paz, porque existe um cuidado em preservar o ambiente para servir a todos. É nosso trabalho social, não só para as pessoas que nos visitam, mas também para os alunos que estão aqui frequentando os cursos.”*

Quando o social e o emocional são mais do que apenas *fazer*, eles se tornam parte do espiritual. Os rótulos que usamos não são importantes. O importante é que quando amamos a nós mesmos, arranjamos tempo para o desenvolvimento, preservação e estimulação de todos os aspectos da vida. (GILLEY, 2003, p. 216)

Essa atmosfera que a entrevistada apresenta e define como componente do bem-estar que também senti, ao frequentar o curso na BK, retrata uma forma de amor realmente vivenciado, que transpareceu nas atitudes dos professores e trabalhadores que estavam naquele ambiente, com uma disponibilidade de tempo que repercutia nos sentimentos e na aprendizagem do grupo com o qual convivi. Percebi que o líder, inspirado nos princípios da BK, tem essa faceta de ser um cuidador de corações. É uma liderança com o coração, não é com base no mando, com essa visão hierárquica que apresenta cargos, funções e pessoas superiores e inferiores. Quanto mais formos capazes de servir, de estar à disposição do outro, mais nos capacitamos para exercer o papel da liderança com suas nuances.

Ao mudar seu papel de coordenadora local, para coordenadora regional da área sul, passou por novos aprendizados sobre liderança, precisando estar atenta e respeitar as escolhas individuais. Mesmo parecendo para o líder o que é melhor para o outro, é necessário respeitar a caminhada de cada um. Errar também faz parte do aprender, porque a trajetória do erro é a trajetória do

crescimento. *“É um aprendizado importante que eu tive nesse processo, porque durante um tempo eu cuidava muito da perfeição das coisas e às vezes isso chateava as pessoas, por exemplo, você vai recortar um papel, pra mim tinha que ficar tudo bem certinho. E aí me dei conta que tinha alguma coisa errada, porque eu não quero ficar chateando as pessoas, dando tristeza, mas por outro lado acho tão importante que as coisas estejam bem feitas e aí eu compreendi outra dimensão da perfeição, foi como se Deus me desse um toque: de que a perfeição que eu verdadeiramente busco, não era aquela se estava recortado certo, é a perfeição da minha forma de atuar naquele contexto.”*

A coordenadora revela que, ao invés de querer tudo perfeito no aspecto físico, começou a colocar essa busca de perfeição, nas atitudes, projetando essa vontade inclusive ao lidar com a imperfeição das coisas e das pessoas. Essa mudança de atitude foi muito importante para o seu papel na liderança, porque deixou o perfeccionismo de lado e começou a ver a dimensão da perfeição acontecer pela sua interação com as coisas e as pessoas, por um olhar mais expressivo que revelava o significado das atitudes. A perfeição das coisas é bastante mecânica e também é buscada no sentido de agradar os outros, aqueles que olham ou se interessam. Observou ainda que as atitudes, sendo mais sinceras, tendem a se aproximar de certa perfeição e as coisas físicas entram em sintonia e se alinham com essa perfeição e integridade, e por estarem bem feitas, deixam as pessoas mais felizes.

Chatterjee (2007) afirma que a liderança é a evolução de uma pessoa íntegra.

Seres íntegros têm experiência de uma vida de união consigo mesmos e com o universo. Eles agem a partir da plenitude de sua experiência. Há uma harmonia e uma sincronicidade única entre suas crenças e suas ações. Seus corpos, mentes e sentidos regem-nos no ritmo sutil do universo. “Uma pessoa íntegra começa a ter a experiência de afinidade espiritual com a ordem natural do universo; sua natureza interior se torna uma com a Natureza exterior.” (p.48)

A coordenadora prossegue enfatizando que *“A pessoa estando feliz e recebendo amor, se energiza para fazer o melhor e torna-se perceptível uma sintonia entre seu interior e exterior. Esse é também o papel do líder, encontrar*

essa sincronia. Se ele não está energizado, se ele está num campo de tensão de cobrança, de desconfiança, o nível de produtividade diminui. Sabemos inclusive, que até no aprendizado há interferência do aspecto emocional do professor com o aluno: se o que te move é uma energia de amorosidade, de aceitação, de inclusão, o outro se desarma e tudo fica mais tranquilo". A posição de cobrança é vista como um ataque ao outro e é gerado, quase que automaticamente, um campo de tensão.

No final da entrevista, ao ser solicitada para deixar alguma sugestão, parabenizou a escolha da temática da pesquisa e complementou dizendo que: *"A BK ensina o Raja Yoga, que é o ensinamento para nos tornarmos - um rei de si mesmo - em outras palavras, é o Yoga da autossoberania. O princípio para tornar-se um rei, é primeiro ser autossoberano, e o mesmo movimento torna-se válido para o líder em qualquer posição que ocupe. Para ser um bom líder, tem que saber ser liderado e nesse contexto, não se trata de ser liderado por uma pessoa, mas o líder saber ser liderado pelos princípios espirituais elevados que contemplam a serenidade, a paciência, a compreensão, sempre alinhados com o conhecimento. Se sabemos ser liderados, nos permitimos também, ser liderados pelos princípios espirituais elevados e podemos exercer um papel de liderança com verdade, e consistência".*

Conclui a coordenadora dizendo que ao liderar, é preciso ter uma percepção que existe uma liderança acima de nós, portanto, há o Divino, o espiritual, interagindo conosco e nos tornando um instrumento que ajuda a crescer, a sentir-se melhor como ser humano e a identificar-se com o espaço que ocupa no mundo e a missão que precisa desempenhar dentro dele. O líder deve aliar o papel de liderança, ou seja, o trabalho e as atitudes como um contributo para o progresso e ascensão, tanto material como espiritual dos seus liderados, um aspecto não deveria estar dissociado do outro. É esse aspecto da autossoberania que o Raja Yoga objetiva: cada um possa tornar-se autossoberano, um ser que tem domínio sobre si próprio, que não é dominado pelas emoções, mas está centrado e trabalha com atitudes coerentes, demonstrando equilíbrio, ou seja, o quanto minha parte mais elevada está conseguindo liderar sobre a parte não tão elevada, pois temos essa dualidade. Ao conseguir administrar as negatividades e gerenciá-las de tal forma que

transmute a energia para estar a maior parte do tempo a serviço do bem, a serviço do que é melhor, assim deve ser um líder.

“Não importa se não tem ninguém, eu já liderei o principal, que é o domínio do meu próprio reino interno. Então, essa é a base pra nos trazer uma autoridade, o verdadeiro respeito como liderança. Enquanto você está à mercê dos seus impulsos e desejos, ainda não está pronto para ser um líder. E a liderança, aí é muito bonita, ela tem uma proximidade com Deus. Num resgate da história: quem eram os reis no início? Eram os semideuses, eram aqueles que tinham uma conexão maior com o sagrado, maior coragem, um poder de enfrentar, de dar a vida pelo seu povo.” A Meditação Raja Yoga resgata o princípio original da liderança – o rei lincado com o divino. Conclui a entrevista dizendo que: *“o líder é aquele que trabalha para o bem de todos”*.

Analisando as entrevistas dos professores e da coordenadora e suas respectivas categorias, é possível constatar o quanto se integram com os objetivos propostos para essa tese, desde a estreita relação da espiritualidade e da educação como alicerces para o exercício da liderança, bem como a prática dessas temáticas delineadas nos propósitos da ONG Brahma Kumaris. Pensando na minha experiência de mais de trinta anos como educadora, creio ter sido esse encontro com professores e líderes da BK, um momento de vivência e percepção de muita coerência entre o que se diz e o que se faz. Reporto-me a um dos objetivos, enquanto projeto para a construção da tese que diz: analisar junto à BK como consolida a vivência da espiritualidade em seu cotidiano, tanto pessoal quanto profissional. Os entrevistados foram unânimes ao responderem que se melhoraram como seres humanos, nas atitudes cotidianas que lhes possibilitaram alcançar benefícios próprios, antes de estenderem as práticas do autoconhecimento, do Raja Yoga e da cultura da paz para um público que busca na BK, ou em outras instâncias, tornarem-se seres mais pacíficos.

A coordenadora e os professores expressaram de forma muito consciente e convicta o quanto educação e espiritualidade tornam-se necessárias e constituem-se em ferramentas que fortalecem e consolidam a formação de lideranças. Essa afirmativa é pontuada durante toda a entrevista, pois inicia dizendo que tinha uma busca e estava consciente que essa busca era espiritual, sentindo que deveria silenciar seu mundo interior e encontrou na

meditação o silêncio mental e por meio dele percebeu haver uma elevação espiritual e firmava-se numa certeza: *“para mudar o mundo, é preciso mudar a essência do ser”*. Mas eu me pergunto: será possível mudar a essência do ser? Penso na essência do perfume extraído de uma flor... a essência será sempre a mesma, porém, é possível acrescentar outros componentes que possam formar uma nova versão daquele perfume, bem como dar-lhe outro nome e alterar a forma do frasco. Penso que assim também posso vislumbrar como percebo a essência de um ser humano. A vivência de valores, a educação, a convivência, as leituras e as experiências configuram-se numa ampliação de consciência e, por meio dela, creio que adentramos em aspectos da nossa essência que podem ser melhorados.

Ao realizar o Curso de Meditação Raja Yoga na BK, vivenciei com maior profundidade, o silêncio interior, que se intensificou numa vivência mais harmoniosa com o local onde escolhi para morar, primando pelo contato com a natureza, pelo silêncio e por acreditar que nessa busca alternativa, sempre encontrei algo “Divino” ou como a entrevistada revela sentir “uma elevação espiritual”. Esse sentimento transparece num viver com mais serenidade, tanto para mim, como para as pessoas com as quais convivo. Percebo, nessa busca e nesse propósito, um real caminho para se chegar à educação para a paz e que se alicerça conforme diz a coordenadora, com a qual compactuo com essa ideia: “responsabilidade necessária para a recriação do mundo”. Não podemos criar um novo começo, mas temos a responsabilidade mediante a inteligência, a criatividade e o nosso querer, de comunicar as descobertas humanas e científicas do quanto é possível, recriar um mundo no qual a paz, o respeito e o amor apareçam no topo da pirâmide dos desejos e das buscas de cada ser, muito bem pautado no pensamento de Gandhi que a coordenadora refere: *“Um coração preenchido de amor, neutraliza outros sentimentos”*, que por certo abarcam os contravalores bem presentes na sociedade.

Nesse contexto, concordo com a coordenadora quando diz que: *“a dimensão espiritual é compreendida por um mundo de sutilezas”*, que confere “um brilho diferente” que se deixa revelar nas ações do cotidiano. Percebo nas pessoas capazes de pequenos gestos como a atenção, por meio de um abraço silencioso, ou uma mensagem de conforto, dispensada em momentos desafiadores, que se revelam a grandiosidade de quem o pratica, que revela

sim um viver mais desvelado da espiritualidade e que nessas ações, fundamentam-se também as práticas que aprimoram o exercício da liderança, quando entendida como exemplo inspirador. Portanto, os conceitos de líder e de liderança contextualizam-se nas falas da coordenadora, bem como nos propósitos dessa investigação, que pretende ressignificar conceitos e apontar alternativas para uma liderança mais efetiva e coerente entrelaçada com a responsabilidade da educação e com as premissas da espiritualidade, que fomentam e amparam a busca da humanidade em seus passos, por vezes inseguros, nesse século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O viver se faz por uma constelação de encontros, surpresas, dúvidas, caminhos, intuições, sonhos, desafios e trabalho. Dizendo constelação, poderia citar muitos outros termos que proporcionam luz à nossa vida, quando compreendendo ou não, nos mantemos ligados à força vital, ao entusiasmo – traduzido pelo Deus que habita em nós e pelo sentimento de unidade com tudo e com todos. Com isso declaro as grandes mudanças por mim vividas e certamente por aqueles com os quais convivo, desde o momento que decidi investigar e dar forma aos constantes pensamentos sobre o mundo vivido, sobre as experiências enaltecidas e sobre os infinitos questionamentos que de uma maneira singular estão expressos nessa tese.

Uma das expressões que sempre me intrigava era “ampliação de consciência”. Mesmo tendo minhas respostas e junto a elas mais uma gama de perguntas, são quase incalculáveis as horas de leitura e investigação que me projetaram para um pensamento desvelador, que passava a digitá-lo rapidamente para não perder nenhuma nuance das palavras e ideias que vinham à memória, às vezes parecendo estar a escrever um ditado.

Contudo, o que posso dizer agora é que minha consciência ampliou-se, alargando dimensões, subindo num patamar que me permite ver o que antes não via e desejava compreender. Sou uma pessoa melhor em relação a mim mesma e num maior sentimento de compreensão para com os outros. Essa percepção ampliou-se por acrescentar a prática meditativa no meu cotidiano. É nesse aspecto que desejo sedimentar esse conhecimento, com a intenção de partilhar saberes e dialogar com um pouco de sabedoria, algumas constatações e certezas que no ato de investigar sobre educação, espiritualidade e liderança, tornaram-se mais claras e plausíveis no período da construção dessa tese.

Creio e constato o valor da pesquisa que se faz comprovar pela cientificidade, mas há uma voz que não se cala em mim e está a me dizer: - abre a voz e o coração para que aqueles que vierem depois de ti, continuem na incansável tarefa de investigar, de conhecer, para evoluírem na compreensão dos seres humanos entre si e na prática do bem. Esse bem que pode estar desde o diálogo, nas gentilezas e na compaixão, até os espaços e encargos mais elevados que as pessoas por si próprias, ou pelo cargo que vierem a ocupar, possam ultrapassar as muralhas da competitividade, sendo verdadeiras e imparciais ao trabalharem com serenidade, paixão e conhecimento.

Essa é a tese: que as pessoas se tornam melhores porque buscam mais conhecimento por meio da autoformação que contemple uma educação sustentada na dimensão espiritual, tornando-se referência para os outros. Que a educação acolha em seus currículos as demandas dessa necessidade emergente do século XXI: cuidar do corpo, da mente e do espírito, fazendo-se valer o direito de que todos podem conhecer, amar e inventar hábitos para viver harmoniosamente. E que isso não seja apenas um sonho, ou uma utopia, mas que as relações humanas “virem o jogo” rompendo os paradigmas obsoletos da ganância, da vaidade e do desequilíbrio social entre a fome e o lucro. Nós, educadores irmanados com os mais diversos setores da sociedade que, de uma forma indireta também educam, na qual cada um possa ver o todo e o todo veja cada um, com sentimento de unidade. Que os líderes estejam cada vez mais imbuídos da capacidade de ver, sentir e acolher as necessidades e as virtudes daqueles que representam.

Com isso, a tese ora defendida se constitui e se fundamenta na responsabilidade da educação claramente amparada pelos vértices da espiritualidade como contribuição efetiva na formação do espírito do líder. Essas constatações tornaram-se possíveis com a vivência por mim experienciada no curso de Meditação Raja Yoga, junto aos professores da BK. Todas as ações e atitudes desses professores, da coordenação e das pessoas que me receberam na BK, apresentaram coerência e unicidade, bem como o depoimento das pessoas que estavam no curso e já conheciam os projetos da referida ONG em sua efetiva atuação social. Para mim ficou comprovado que os resultados da prática meditativa desses líderes, e sua repercussão junto à

sociedade, na qual ensinam a meditar e a desenvolver valores, por meio dos projetos já mencionados nessa tese, se configuram numa ação e num contributo para a formação de seres mais pacíficos e que corrobora para a educação que almeja à integralidade do ser. Com isso, sustento essa tese pelos achados do trabalho da BK e pela filosofia da referida ONG, demonstrando que é possível educação e espiritualidade estarem juntas, conjugadas pelos valores internalizados por meio da meditação e que isso se constitui em sólido alicerce na formação de lideranças.

Estamos buscando a interligação de todas as coisas dentro de um mesmo sistema para a formação de um ser integral, para tanto há que se buscar alternativas que vislumbrem a conquista desse propósito, incluindo como podemos e precisamos viver nossa espiritualidade. Espiritualidade que poderá ter como um dos caminhos a religiosidade, mas sem estabelecer comparativos de quem é melhor, apenas respeitando a trajetória de cada ser na busca de harmonização, equilíbrio, reconhecimento de que somos unos com o universo e de que podemos aprender grandes lições com os movimentos da natureza, que nos oferecem aulas gratuitas todos os dias.

A tese está pautada junto à linha de pesquisa: Pessoa e Educação e a minha trajetória no mundo da educação já contempla 35 anos, na qual rebusco memórias, vivências, titulações e histórias que abrangem desde a Educação Infantil à Universidade. Então me pergunto: o que educamos? Penso que educamos os pensamentos e os sentimentos. Pois, ao sentir medo, vamos investigar suas razões e descobrir os caminhos da coragem. Ao sentir raiva, buscamos saber os motivos que a fazem chegar até nós, ou acordá-la dentro de nós, fazendo-se necessário ativar o conduto do perdão. Quando sentimos solidão, podemos procurar boas companhias, desde ler um livro, ligar para um amigo, ou praticar um esporte. Sim, educamos os sentimentos que também se constituem pelo nosso pensar, porque são esses que nos humanizam e nos conduzem a um ponto de equilíbrio, que nos fazem sentir harmonia, como numa orquestra em que os instrumentos afinados e a sintonia do grupo produzem um som perfeito. É preciso, porém, uma atenção apurada ao comando e aos sinais do Grande Maestro, outros quesitos que sem dúvida fazem parte do ato de educar, que são conhecimentos necessários para categorizar uma profissão. Nós, de certa forma, inspiramos nossos alunos para

que estudem, pesquisem e demonstrem ter chegado ao nível exigido por meio de provas, trabalhos, pesquisas e notas, constituindo-se na forma racional de se obter resultados. Defino assim que educar, consolida um intercambio entre a razão e a emoção.

Ao propor que a liderança seja inserida e pensada pelos educadores é para que esses abarquem também em suas funções, o papel de inspirador de ideais e atitudes, constituindo-se como líderes referência para os seus alunos, e que embora hoje chamados de gestores nos programas e projetos escolares, são a meu ver, muito mais no sentido de modernizar os termos, do que propriamente diferenciando uma função.

Penso no que pretendo dizer aos gestores e líderes que estão em construção, portanto desde o líder da turma, aos gerentes de bancos e lojas, aos dirigentes de hospitais e empresas e aos futuros candidatos a cargos políticos para o nosso país, para que incorporem o espírito do líder como uma grande oportunidade de aprender, amparados pelo conhecimento, pela competência e pelo coração. Roca (2012) refere-se aos líderes com uma significativa mensagem ao lembrar que não serão lembrados por sua liderança empresarial, mas sim pela contribuição para com a sociedade, liderando de tal forma que deixem marcas enaltecidas para as futuras gerações, como o protagonista de um filme, primando pela ética e pela responsabilidade.

Nesse sentido, absorvendo algumas ideias e questionando outras, mas sempre respeitando as diferentes formas de expressão, encontrei no livro: *Liderança com o Coração Aberto*, (Gilley, 2003) uma tríade que abarca concepções da grandiosidade de educação, da coerência entre o que um líder prediz e como efetiva sua ação, bem como a estreita ligação que a espiritualidade acena entre a dinâmica de educar e o compromisso dos gestores, vislumbrando uma posição e uma imagem da liderança que se faz necessária mediante um conhecimento que se torna mais popular, mas também das carências que emergem do ser humano, sempre em busca de algo que parece ser novo, mas retorna à força dos valores e virtudes sempre buscados.

Compactuo com os autores que defendem a espiritualidade como meio para encontrar equilíbrio, serenidade; valores que considero pertinentes ao trabalho, à postura e à responsabilidade coerente dos líderes. Precisamos uns

dos outros, assim como a raiz precisa da terra, a terra da água, mas temos em nós uma autossuficiência que precisa de disciplina. Precisamos das qualidades e competências, uns dos outros, é natural que nos agrupemos, e um grupo elege um líder. Porém, muitas vezes o líder é escolhido por características que não lhe conferem o caráter da liderança, visto que uma das grandes qualidades de um líder deve ser a imparcialidade. Ser justo desde pequenos solidifica a adolescência para viver a adultez com maturidade, concebida como um misto de bom senso, com serenidade, conhecimento, muito respeito pelo outro, fazer-se útil, ter sentimentos de compaixão? Bem, estes valores definem bem o que penso sobre a vivência da espiritualidade em sua relação com educação e liderança.

Vivemos em tempos modernos, trazido pelas facilidades da tecnologia que nos propicia de forma rápida, acessar qualquer parte do universo; mas o maior aprendizado ainda precisamos fazê-lo: acessar nosso interior, conhecer nossa psique. Nesse acesso rápido a todas as coisas, conhecemos superficialmente a nós mesmos e ao universo que é nosso verdadeiro lar, com isto as relações humanas também estão mais superficiais... Toleramos pouco, dialogamos menos, lemos tudo rapidamente e nos acostumamos ao barulho, ao mesmo tempo continuamos buscando respeito, paz, valorização da nossa singularidade seja no campo pessoal ou profissional. Assim, a educação projeta-nos para horizontes às vezes tangíveis, às vezes desafiadores; os gestores aprendem e aprimoram o exercício da liderança e a espiritualidade reafirma que somos únicos, mas precisamos muito uns dos outros.

Nessa perspectiva, retomo os objetivos dessa tese, dentre eles: “Fundamentar e subsidiar por meio da pesquisa a importância que a espiritualidade traz como uma das bases para se encontrar sentido para o nosso viver e sua estreita relação com a educação e liderança”. Os aspectos teóricos convergiram para essa fundamentação corroborando com meus argumentos e vivências, fortalecendo os enfoques da tese ao retomar leituras e conceitos sobre educação. As questões pertinentes à espiritualidade sempre me foram próximas mais no sentido questionador do que em algumas poucas certezas, que aguçava um pensar e mantinham um olhar sempre atento às ações humanas diante dos desafios e dos momentos de felicidade. Nessa tese conquistei a grandiosa oportunidade de maior aprofundamento e com ele

indubitavelmente cheguei à crise dos porquês. Marcou presença também, porque estou pesquisando sobre esses assuntos? Como me farei entender pelas pessoas? Como serei colaboradora para mostrar a importância da ampliação de consciência como caminho para se encontrar mais sentido para a vida? Sempre acompanhada de uma certeza que se sobressai a tantas outras incertezas: o mundo precisa dessas respostas, dessas vivências e como diz Hapée, em seu livro: “Consciência é a Resposta” (1997). Percebi que essa consciência se constitui e nos beneficia quando incluída em nossa jornada, como incluímos hábitos alimentares, esportivos, ou religiosos. Trata-se de um exercício individual, que se processa por meio da vontade de cada um. As experiências que concedem um repensar sobre nossas atitudes, as pesquisas que amparam nossas buscas, a coragem e a humildade para perceber que podemos ser melhores do que somos alimentam e ampliam nossa consciência. E assim, nesse processo que se faz como “uma educação continuada”, podemos alcançar mais sentido e significados para o nosso viver.

Assisti inúmeras vezes uma entrevista com Robert Hapée, porque ela alimenta meu espírito e minhas crenças num redimensionar dos pensamentos e ações de toda a humanidade. Nas palavras de Robert encontro muito do que gostaria de dizer nessas considerações finais.

“Bem, quando você me pergunta sobre a razão de vivermos aqui e o que estamos fazendo e porque há tanto caos, eu devo dizer que a vida é uma jornada, uma jornada para descobrir quem você é “. Quando você chega naquela encruzilhada e descobre quem você é, então você encontra a paz. Uma vez que esteja em paz você pode criar de acordo com a sua consciência criativa. Nós tentamos por milhares e milhares de anos criar um mundo que seja próspero, onde reconhecemos uns aos outros como divinos e iguais e compartilhamos e cooperamos, mas nunca fomos capazes de fazer isso. E por quê? Eu tenho me feito essa pergunta. Por que todas essas diversas culturas são tão extremamente diferentes?

E então quando você as estuda e eu estudei bastante, viajei pelo mundo inteiro, vivi em países completamente diferentes, especialmente no extremo oriente e na Europa e também aqui na América do Sul e percebi que as pessoas são iguais. Todas elas querem amar e todas elas querem ser amadas. Mas não é isso que está acontecendo, de alguma forma é difícil para

as pessoas amarem umas às outras e serem honestas umas com as outras. As pessoas organizaram o sistema de tal maneira que todos querem lucro. E muito lucro, o máximo possível. E isso é uma doença. E o que se contrapõe a ela é o amor. O verdadeiro poder é o amor. O seu poder é o seu amor. Amor é espírito e espírito é sabedoria. Nosso espírito nos guia através da nossa intuição para fazermos a coisa certa. Não é importante o que você sabe aqui (na cabeça), mas o que você sabe aqui no coração. O importante é que você tenha um canal aberto com a sua intuição, para que a intuição o leve às coisas certas. Quando você usa a intuição, você tem confiança em si mesmo, mas pouca gente tem! Quando você tem confiança no seu poder, no seu coração e na sua ligação com o espírito, você tem a resposta para tudo e automaticamente conecta e expressa a sua verdade. Essa conexão com o coração, com o espírito, faz com que toda a prosperidade venha ao seu encontro, porque você está sendo criador da sua vida. Se você é o criador você não vive na pobreza.” <http://www.roberthappe.net/> (em 05 setembro/2013)

Esse trecho da entrevista, conecta-se e expressa na minha vivência, nas leituras e pesquisas realizadas que a espiritualidade traz e amplia uma consciência, de que estar neste mundo é uma oportunidade de grandes aprendizados. Em contrapartida, somos responsáveis pelo nosso modo de viver e pelo espaço em que habitamos e corresponsáveis pelas pessoas com as quais convivemos. Se esta ideia de respeito por tudo e por todos fosse concebida e trabalhada nos valores familiares, nos currículos escolares, ela talvez já estivesse implícita nas organizações; conseqüentemente, suas lideranças teriam apenas que fomentar um valor já alicerçado e que proporcionaria a harmonia e bem-estar que tanto as pessoas quanto os grupos almejam.

Numa visão retrospectiva, identifico-me por uma capacidade de percepção e intuição, que tem me levado a observar como pessoa e como educadora, o que afeta a maneira de viver de nós seres humanos. Na Universidade, como coordenadora do Curso de Pedagogia, ouvia muito os alunos, e era muito evidente quando chegavam à sala e parecia que o problema de cada um era o maior do mundo. Depois de algumas perguntas, às

vezes um chá, o problema que vinha à tona, na maioria das vezes não era com a universidade, mas sim, por questões pessoais, da família, do trabalho. Eu me sentia no sábio dever de ajudar a pensar. Para mim, quem pensa, consulta o espírito, ou vai lá ao coração onde a verdade mais íntima está à disposição. Ajudar a pensar me fazia ver naqueles alunos um esvaziar-se de um sofrimento muitas vezes desnecessário. Muitas vezes o excesso de trabalho e algumas imposições culturais sufocam esse momento precioso de pensar sobre nós mesmos, nossos propósitos de vida, o que queremos? Contrapondo-se com um papel que nos faz agir como atores perante os outros.

A virtude é um hábito que se torna possível por meio da ação. Penso que é bem provável nos dias de hoje em pleno século XXI que possamos almejar esse mesmo propósito de desenvolver essa virtude que nos ampara mediante todas as adversidades. Estaria implícito nesse conceito quando dizemos que educar é preparar para a vida?

Educação e Espiritualidade trazendo um enfoque para os líderes do nosso tempo vem preencher uma lacuna ou incrementar o nicho das buscas e das necessidades do ser humano neste século XXI. A busca por um viver de maneira equilibrada que envolve a compreensão, o afeto, permeada pelo eterno aprender, proporcionaria uma vida mais próxima desta busca: a felicidade.

Em nossa cultura parece que devemos ensinar valores, espiritualidade, honestidade e justiça de maneira explícita, porque vivemos numa cultura que nega estas dimensões do viver cotidiano, e as crianças não tem oportunidade de aprendê-las ao vivê-las. (MATURANA, 2008, p. 19)

Outro aspecto que teve relevância na construção da tese, foi dentre os espaços procurados, o encontro e a receptividade da BK, que desde o primeiro momento, no contato telefônico ao me apresentar e informar o propósito da pesquisa, houve muita sintonia, afinidade com as pessoas e com a proposta da referida ONG.

Quando estamos no caminho que converge para atingir nossos objetivos e de algum modo responder nossos questionamentos, tudo converge. Quinze dias após o primeiro encontro com os professores para conhecer um

pouco mais da história e das propostas de trabalho, lá estava eu participando do Curso de Meditação Raja Yoga. Fui para casa mais serena e mais convicta de que estava no lugar certo para melhor fundamentar a investigação proposta na tese e responder ao grande problema: “Como educação e espiritualidade por meio das teorias e ensinamentos podem influenciar o exercício da liderança, no sentido de inspirar mais sentido e significado para o nosso viver?”

As respostas se constituíram de inúmeras leituras investigativas, diálogos com os professores nas disciplinas do programa de doutorado, nas entrevistas com os professores e a coordenadora regional da BK e num estágio de dois meses junto à Universidade Lusófona em Lisboa. O resultado das leituras e diálogos estão explícitos nos aspectos práticos e teóricos que fundamentam e dão suporte a essa tese. O resultado e análise das entrevistas com os professores e a coordenadora da BK foram muito expressivos e para mim se configuram como parte significativa da essência dessa tese. Por isso, optei por deixar os resultados em subcapítulos, contemplados junto à metodologia. Fiz a tentativa de entrelaçá-los com os aspectos teóricos, pois na minha percepção eles se diluíam com as ideias, mesmo contendo real significado, dos autores que alicerçam essa pesquisa. Há tanta riqueza de detalhes nas falas dos professores que ao encerrar a entrevista, estávamos todos inebriados de conhecimento, paz e alegria e me fez expressar a eles, estar vivendo um dos melhores momentos desde que iniciei o doutoramento.

Com a mesma intenção de deixar transparecer a essência de cada palavra, expressão e sentimento, também deixei em subcapítulos as revelações obtidas com a entrevista concedida pela coordenadora da BK, da região sul do Brasil. Trata-se da mesma ONG, da mesma filosofia, as questões da entrevista foram semelhantes, mas foi possível identificar uma tônica, diferenciada e quem sabe até acentuada da postura de quem assume e releva o cargo que lhe foi atribuído, de liderar um grupo maior, de estar atenta às necessidades e solicitações de uma região. Os professores apresentaram muita harmonia e unicidade nos exemplos, nas respostas, na coerência entre as falas e as atitudes. Estavam imbuídos das práticas propostas nos vários projetos da BK, da certeza que a paz é possível para o mundo, que podemos nos educar para isso e que nas escolas e empresas onde são chamados, há uma resposta consistente dos resultados de pessoas melhores, de seres mais

pacíficos, solidários e amorosos por meio de uma busca que se torna possível pelo exercício da Meditação Raja Yoga.

Ficou evidenciado ser a meditação uma eficiente abordagem que viabiliza o aumento da sensibilidade, a capacidade de sentir e perceber; podendo nos auxiliar num contato mais apurado com nossos próprios sentimentos, viabilizando a prática do viver “por inteireza” e integralidade.

A coordenadora enfatizou mais a potência dessa meditação, os significados e benefícios que podemos obter ao nos tornarmos “*um rei de si mesmo*”. E com essa consciência refere-se ao líder como “*aquele que está a serviço*”. Zohar (2004) tem esse mesmo olhar para com o líder, creio, porém que ainda falta muito dessa compreensão e assimilação para os líderes atuarem com essa determinação, ao menos para aqueles que lideram grandes grupos, que ocupam cargos e que decidem sobre o viver de muitas pessoas. Por outro lado, vivenciei no período de minha estada em Lisboa, significativos aprendizados, especialmente junto à coorientadora Prof^a Dr^a Ana Paula Silva, tanto no quesito de líder que deve ser inspirador e de modo enfático uma líder que está a serviço, demonstrados pelas suas atitudes coerentes de uma disponibilidade rigorosa e ética, sem deixar de ser muito amável. Eu não estava procurando um exemplo de líder, mas ela estava lá para me incentivar numa busca interessante, compromissada e legítima, do meu próprio caminho.

Sem estabelecer graus comparativos, no Brasil, minha orientadora Prof^a Dr^a Leda Lisia, como escrevi nos agradecimentos, entre outras coisas, “*me ensinou a ser forte*”, com isso quero dizer que ao me instigar na busca pelos resultados para responder aos objetivos e ao problema da tese, eu me fortalecia, quando me deparava com o emergir da sua competência e segurança que se manifestavam em solidez nos encaminhamentos e orientações para a construção da referida tese. Ambas me ajudaram a escrever melhor, a organizar meus pensamentos que há vários anos aguardavam a oportunidade de serem transcritos, para servirem de contributo para as necessidades que considero emergentes à sociedade. Sem mais discutir conceitos, nesse momento das reflexões finais dessa tese, acredito que ensinamos, pois ensinar não é segurar na mão e fazer com que o aluno tenha a caligrafia igual à da professora, mas, sim, oportunizar pesquisas, desafios e conhecimento, ajudando a pensar nas possibilidades da reconstrução de

valores que contemplem o ser humano na responsabilidade de cuidar do corpo, da mente e do espírito e que, por consequência, tenhamos a respeitosa dignidade de também cuidar uns dos outros.

Nesse contexto a educação contempla o ensinar e se permeia com a espiritualidade quando respeita a individualidade de cada ser, tendo para com ele um olhar que transcende os números, as notas, os certificados. E nesse exercício, os professores/educadores são líderes com o poder de deixar significativas marcas na permanente construção do ser humano. Essa é uma postura que requer respeito e Gilley (2003) diz que “*os líderes respeitam as pessoas e respeitar significa olhar muitas vezes para trás*”. (p.62) É nesse olhar que educando partilhamos conhecimento, aprendemos solidariedade, sorrimos, sem perder a seriedade. Com isso, os resultados analisados junto à ONG BK, discutidos nos respectivos capítulos dessa tese, me encaminham a crer que a vivência da espiritualidade se consolida em ações tanto pessoais como profissionais do nosso cotidiano, trazendo luz e inspiração para os nossos pensamentos e atitudes que possibilitam o exercício da liderança enriquecida no constante rebuscar dos nossos propósitos enquanto educadores, sempre alicerçados na trama que envolve teorias e práticas na educação.

Assim se faz um verdadeiro mestre que reconhece num só olhar, nas entrelinhas do saber, transdisciplinarem razão e sensibilidade que inspiram a prática do bem, valores indispensáveis para se viver em sociedade. Essas sementes do conhecimento em mim germinadas se transformam em “*menção honrosa*” para nossas vidas, ao percebermos que nossa prática inspiradora, no viver de nossos alunos, está contida. Nossa palavra será o verbo e a humildade estará na conjugação, porque somos eternos aprendizes, quando a sabedoria se enlaça em nossas mãos e prossegue na dialética entre o semear e colher, elaborando como síntese o encargo elevado da nossa profissão.

REFERÊNCIAS

- BARRETT Richard. *Libertando a Alma da Empresa*. Ed Cultrix, São Paulo, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação Popular na Escola Cidadã*. Ed Vozes, Petropolis, RJ. 2002.
- BRADEN, in GOLEMAN, DOSSEY, ACHTERBERG, RUSSEL, NEWBERG. *La Espiritualidad a Debate*. El estudio científico de lo trascendente. Editora Kairós, Barcelona, 2010.
- BRAVO, Frederico. "Arte de enseñar, arte de contar. Em torno al exemplum medieval". In: IGLESIA DUARTE, José-Ignácio de la (coord.). *La Enseñanza em la Edad Media. X Semana de Estudios Medievales*. Nájera, 1999. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2000, p. 303-327.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Ed Unesp. São Paulo, 1999.
- CAPRA, Frijof, David Steindl - Rast. *Pertencendo ao Universo*. Ed. Cultrix/Amana, São Paulo, 1991.
- CATANANTE, Bene. *Gestão do Ser Integral*. Ed Infinito, São Paulo, 2000.
- CHOPRA, Deepak. *O Caminho da Cura*. Despertando a sabedoria interior. Ed Rocco, Rio de Janeiro, 1999
- _____. *As Sete Leis Espirituais da Ioga*. Ed Rocco, Rio de Janeiro, 2004.
- CREMA, Roberto, in LELOUP, Yves. *Cuidar do Ser*. 2ª Ed. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1997.
- CURY, Augusto. *O Futuro da Humanidade*. Ed Arqueiro. Rio de Janeiro, 2012
- DEBASHIS, Chatterjee. *Liderança Consciente*. Editora Cultrix. São Paulo, 2007.
- DEMO, Pedro. *Educação e Qualidade*. Ed. Papirus. 5ª edição, Campinas, São Paulo, 2000.

- EMONS, Robert, in GOLEMAN. . El estudio científico de ló transcendente. Editora Kairós, Barcelona, 2010.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. Ed. Papirus, 5ª edição, Campinas, São Paulo, 2000.
- FLICK Uwe. *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Ed Bookman. 2ª edição, Porto Alegre, 2004.
- FRANKL Viktor. *Em busca de Sentido*. Ed. Vozes, 27ª edição. Petrópolis RJ, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática de Liberdade*. Ed. Paz e Terra, 22ª edição, São Paulo, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 37ª edição. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2008.
- GILLEY, Kay. *Liderança com o Coração Aberto*. Ed Cultrix. Amana-Key. 9ª edição, São Paulo, 2003.
- GOLEMAN, DOSSEY, ACHTERBERG, RUSSEL, NEWBERG. *La Espiritualidad a Debate*. El estudio científico de ló transcendente. Editora Kairós, Barcelona, 2010.
- GUSDORF, Georges. *Professores para quê?* Editora Martins Fontes. 2ª edição. São Paulo, 1995.
- HAPPÉ, Robert. *Consciência é a Resposta*. 11ª Ed. Editora Talento, 1997.
- HEMONS, in GOLEMAN, DOSSEY, ACHTERBERG, RUSSEL, NEWBERG. *La Espiritualidad a Debate*. El estudio científico de ló transcendente. Editora Kairós, Barcelona, 2010.
- HUMPHREY, Nicholas. *Poeira da Alma*. A magia da consciência. Ed. Gradiva. Lisboa, Portugal, 2012.
- INCONTRI, Dora. *Pestalozzi – Educação e Ética*. Editora Scipione. São Paulo, 1996.
- JAESER Werner. *Paideia. A formação do Homem Grego*. Coleção Universidade Nova. Editorial Aster. Lisboa, 1979.
- JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2ª Ed. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1993.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Ed Cortez, São Paulo, 2004.

LAMA, Dalai. *O caminho da Tranquilidade*. Ed. Sextante. Rio de Janeiro, GMT Editores, 2000.

_____. *Uma ética para o Novo Milênio*. 5ª edição, Ed. sextante. Rio de Janeiro, 2000.

LEVIN, Jeff. *Deus, fé e Saúde*. Explorando a conexão espiritualidade-cura. Ed. Cultrix. São Paulo, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 12ª Ed. Editora Cortez, São Paulo, 2012

LINHARES, Célia e outros. *Ensinar.a Aprender: sujeitos, saberes e Pesquisa*. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2000.

LÜCK, Heloisa. *Liderança em Gestão Escolar*. Ed Vozes, Pretopolis, RJ, 2010

MARRIOTT, Sara. *Jornada Interdimensional*. Ed Pensamento, São Paulo, 1998.

MATURANA. Humberto. *Formação Humana e Capacitação*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2008.

MORAES, Roque. *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*. Ciência & Educação, UNESP: v.9, n.2,p.191-211, 2003.

MORAES, GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces*. Ciência e Educação. Bauru v.12 n. 1, 2006 p.117-128.

MORILLA, Benigno. *Pitágoras o Filho do Silêncio*. Ed Ésquilo, Lisboa, 2005.

MORIN, Edgar. *Os Sete saberes necessários à Educação do Futuro*. Cortez, 2ª edição. São Paulo, 2000.

_____. *A Cabeça Bem Feita*. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2008.

MOROSINI, Marilia Costa. (editora –Chefe) *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. GlossárioVol. 2, INEP/RIES, Brasília, 2006.

O'DONNELL, Ken. *O Espírito do Líder*. Editora Integrare. São Paulo, 2009.

_____. *Caminhos para uma consciência mais elevada*. Ed Braham Kumaris, 11ª edição, São Paulo, 2012.

PERRENOUD, Philippe. *10 Competências para Ensinar*. Ed Artmed. Porto Alegre, 2000.

- PERTH, in GOLEMAN, DOSSEY, ACHTERBERG, RUSSEL, NEWBERG. *La Espiritualidad a Debate*. El estudio científico de lo trascendente. Editora Kairós, Barcelona, 2010.
- PETERS, F. E. *Termos Filosóficos Gregos*. 2ª edição. Ed Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1974.
- PONTY-MERLEAU Maurice. *Elogio da Filosofia*. Guimarães Editores. 3ª Edição Lisboa, 1986.
- REBOUL, Olivier. *Filosofia da Educação*. 5ª edição. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1984.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O Direito à Ternura*. Ed. Vozes. 2ª edição, Petrópolis, 2000.
- ROCA, Juanma. *El Líder que llevas dentro*. Editora Alienta, Barcelona Espanha, 2012.
- ROBINSON, Ken e Lou Aronica. *O Elemento*. Porto Editora, 2ª Ed. Porto, Portugal, 2011.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3ª edição. Editora Difel. Rio de Janeiro, 1979.
- SAMPAIO, Dulce Moreira. *Educação e a Reconexão do Ser*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2010.
- SCHÖN, Donald. *Educando o Profissional Reflexivo*. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2000.
- SELIGMAN, Martin. *Felicidade Autêntica*. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2004.
- SÊNECA (65 d.C.) *Da Felicidade*. Ed L&PM Pocket. Porto Alegre, 2012.
- SOLOMON, Robert. *Espiritualidade para Céticos*. Ed. Civilização Brasileira, RJ, 2003.
- TORRALBA, Francesc. *Inteligencia Espiritual*. Ed Plataforma Actual, Barcelona 2010.
- VALADARES, Jorge António e Marco António Moreira. *A Teoria da Aprendizagem Significativa*. Ed Almedina. Coimbra, 2009.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente*. 6ª edição. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998.
- WEISS, Brian. *A Divina sabedoria dos Mestres*. Ed Sextante. Rio de Janeiro, 1999.

WILBER, Ken. *Espiritualidade Integral*. Ed. Aleph. São Paulo, 2006.

WOLMAN, Richard. *Inteligência Espiritual*. 2ª Ed. Ediouro. Rio de Janeiro, 2002.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso*. Planejamento e Métodos. 3ª Edição. Ed Bookman, São Paulo, 2007.

YUS, Rafael. *Educação Integral uma Educação Holística para o Século XXI*. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2002.

ZOHAR, Danah e Ian Marshall. *Capital Espiritual*. Editora Best Seller. Rio de Janeiro, 2004.

ZOHAR, Danah e Ian Marshall. *Inteligência Espiritual*. 1ª edição, Ed. Sinais de Fogo, Lisboa, 2004.

Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares – Ministério da Educação, Brasília – DF, novembro de 2004.

<http://www.roberthappe.net/> (em 05 setembro/2013)

ANEXOS

Anexo A – Carta de Apresentação da Pesquisa aos Informantes

Prezado Professor (a)

Você está sendo convidado/a a participar de um projeto de pesquisa de Doutorado, de Martha Luci Maria Sozo, aluna do Curso de Pós- Graduação em Educação da PUCRS, denominado “ Educação e Espiritualidade no Exercício da Liderança: um estudo de Caso na Brahma Kumaris,” respondendo a uma Entrevista Focal com os demais professores docentes do Curso de Raya Yoga, nessa Organização realizado.

Sua participação é voluntária, não oferecendo risco ou dano a sua identidade. Sua fala só será aproveitada na pesquisa com sua autorização. Contando com sua participação, subscrevo-me, atenciosamente.

Martha Luci Maria Sozo
Doutoranda

Consentimento:

Concordo em participar dessa pesquisa, estando ciente de seus objetivos e de meu envolvimento, estando conforme que minhas informações sejam divulgadas nos meios científicos, respeitando meu anonimato.

Consinto em participar desse estudo.

Nome do Participante

Assinatura do participante

Porto Alegre, _____ de 2013

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado/a Professor/a,

A aluna do Programa de Pós Graduação em Educação da PUCRS – Martha Luci Maria Sozo, realizará sua pesquisa de tese: Educação e Espiritualidade no exercício da Liderança – um estudo de caso na Brahma Kumaris

A referida entrevista (de cunho focal) será feita com os professores ministrantes do curso de Raja Yoga, por ela realizado conforme solicitação da própria ONG, para conhecer as formas de trabalho da mesma. Posteriormente a entrevista será individual com a coordenadora regional da Brahma Kumaris, com o mesmo propósito.

Seu aceite e colaboração serão fundamentais para que essa pesquisa se desenvolva.

Certa de sua acolhida, meus agradecimentos..

Profª Drª Leda Lísia Franciosi Portal
Professora do PPGE/PUCRS/
orientadora

Concordo _____ Assinatura _____

Data _____

QUESTÕES PARA A ENTREVISTA FOCAL
com os professores ministrantes do Curso Raja Yoga

- 1- Razões que os levaram a buscar a BK para o exercício de suas atividades profissionais
- 2- Quanto tempo fazem parte dessa ONG e como se sentem como dela participantes: a)benefícios mais significativos e b)limitações, resistências mais evidentes tanto no aspecto pessoal como profissional
- 3- Como vocês concebem a filosofia e os propósitos orientadores da BK?
- 4- Como percebem a filosofia e os propósitos da BK se traduzirem nos Projetos e Cursos por ela oferecidos?
- 5- Como percebem a filosofia e os propósitos da BK especialmente no Curso de Meditação Raja Yoga? Exemplos.
- 6- Que compreensões vocês têm em relação aos valores humanos, valores morais e valores espirituais universais que sustentam a BK?
- 7- Como acreditam experienciar em suas vidas essa filosofia, esses propósitos, em relação aos: a) valores humanos b) valores morais c) valores espirituais universais? Trazer exemplos que evidenciam essas experiências.
- 8- Quais as contribuições mais significativas que o Curso de Meditação Raja Yoga vem propiciando em relação:
 - a) Filosofia e propósitos da BK. Ex...
 - b) A si próprios como ministrantes do Curso. Ex...
 - c) Aos participantes do Curso de Raja Yoga. Ex...
- 9 – Que expectativas alimentam, como professor(a) em relação a essas contribuições do Curso para o exercício da liderança? (entendida como inspiração pelo teu ser e fazer nas atividades desenvolvidas). Por quê?
- 10 – Vocês tem alguma outra consideração que julgam relevante em relação ao trabalho que desenvolvem?
- 11- Gostariam de deixar alguma sugestão para o meu trabalho de pesquisa para complementar ou trazer maior significado para a construção da minha tese de doutorado?

Questões para a Entrevista Individual com a Coord. Regional da BK

- a) Conta um pouco da tua história junto à ONG BK? Como a conheceste?
- b) Como percebes a filosofia e os propósitos que embasam a BK?
- c) Como relacionas essa filosofia e esses propósitos com a realidade de mundo vivido por nós? Possibilidades e resistências.
- d) Que concepções e entendimentos tens dos valores propostos pela BK: valores humanos, morais e espirituais universais? (perguntar separadamente)
- e) Como acreditas que a BK, por meio de suas ações, promove os valores humanos no âmbito pessoal e profissional; os valores morais no âmbito pessoal e profissional e os valores espirituais universais também no âmbito pessoal e profissional.
- f) Quais desses valores consideras serem os mais enfatizados nos Projetos e Cursos oferecidos pela BK? Por quê?
- g) Que conceitos de espiritualidade a BK trabalha em seus cursos e como eles se projetam nos valores humanos e morais?
- h) Quais são as expectativas e interesses mais evidenciados pelas pessoas que buscam a BK?
- i) Que repercussões, evidências são mais notórias no comportamento dos participantes dos Projetos e Cursos? Enquanto em curso e após o curso, se há este acompanhamento.
- j) Fala um pouco mais especificamente sobre o Curso de Raja Yoga e sua importância na BK.
- k) Principais repercussões e contribuições desse curso para o exercício da liderança.
- l) Tens alguma outra consideração que julgas relevante no trabalho que a BK desenvolve e que não tenhas mencionado? Gostarias de deixar alguma sugestão para o meu trabalho de pesquisa, para complementar ou trazer maior significado na construção da minha tese de doutorado?

GLOSSÁRIO

Arete - Conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais tais como a bravura, a coragem, a força, a destreza, a eloquência, a capacidade de persuasão, numa palavra, a heroicidade.

Behavioristas – Investigam o método da psicologia experimental que consiste em fazer um estudo científico do homem e do animal, mas limitando-se à investigação de seus comportamentos (conjunto das reações sensoriais, nervosas, musculares e glandulares determinadas por um estímulo) como resposta a um estímulo externo, sem nenhuma referência à consciência. (Japiassu, 1993, p.34)

Bioética – É uma ética aplicada no âmbito das Ciências da Vida e da Saúde. Bios representa o conhecimento biológico, a ciência do sistema da vida e ética é o conhecimento dos sistemas de valores humanos.

Brahmanismo - é a fase mais remota da religião hindu, que se estende de meados do segundo milênio a.C. até inícios da era cristã, quando essa religião foi substituída pelo hinduísmo. O nome brahmanismo relaciona-se a Brahma, forma masculina que designa o deus criador, parte da trindade completada por Vishnu e Shiva; à palavra neutra brahman, o princípio do universo, o absoluto, não material e eterno. <http://emdiv.com.br/pt/mundo/povosetradicoes/2515-brahmanismo> (02 setembro 2013)

Coaching – É um processo definido com um acordo entre o coach (profissional) e o coachee (cliente) para atingir a um objetivo desejado pelo cliente. O coach apoia o cliente na busca de realizar o objetivo, ajudando a traçar as diversas metas que somadas levam o coachee de encontro ao objetivo estabelecido dentro do processo de coaching. Isso é feito por meio de reflexões e posterior análise das opções e da identificação e uso das próprias competências, como o aprimoramento e também o adquirir novas competências, além de perceber, reconhecer e superar as crenças limitantes,

os pontos de maior fragilidade. Coaching é, portanto, um processo objetivo, guiado por um conjunto de informações crescentes oriundas de sessões, estabelecendo metas, com a finalidade de atingir transformações positivas na vida do coachee. (pt.wikipedia.com – 29 setembro/2013)

Consciência – Conjunto de imagens que estão ligadas diretamente ao “eu”. Conteúdos psíquicos dotados de certa intensidade que possibilitam distingui-me dos outros. (Jung, 1981, p. 59)

Dialética – É um método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias e que tem sido um tema central na filosofia ocidental e oriental desde os tempos antigos. A tradução literal de dialética significa "caminho entre as ideias.(pt.wikipedia.com – 20 setembro/2013)
Para Platão a dialética é um instrumento de busca da verdade, uma pedagogia científica do diálogo. (Japiassu, 1993, p. 72)

Divino - Designa tudo o que é superior ao homem. Qualidade que caracteriza a essência metafísica de Deus,(Japiassu, 1993, p. 74) aquilo que pode ser considerado perfeito.

Educação – Um desenvolvimento tão completo quanto possível das aptidões de cada pessoa, quer enquanto indivíduo quer como membro de uma sociedade regida pela solidariedade. A educação é inseparável da evolução social, constituindo uma das forças que a determinam. (CABANAS, 2002, P,57)

Emoção - Reação intensa acompanhada de manifestações fisiológicas e psicológicas. O senso comum e a maior parte das teorias psicológicas que explicam as emoções, afirmam que as emoções corporais (por ex. contrações faciais) se seguem às emoções (medo, alegria). A emoção é experimentada pela tomada de consciência da nossa própria resposta à situação vivenciada.

Episteme – Do grego, significa ciência, por oposição a doxa (opinião) e a techné (arte, habilidade). O sujeito epistêmico, segundo Descartes, é um

sujeito, que pensa, que duvida, que existe. E Epistemologia é a disciplina que toma as ciências como objeto de investigação. (Japiassu, 1993, p. 82)

Espírito – do latim *spiritus*: sopro. Na filosofia de Descartes, o espírito é o princípio do pensamento e da reflexão do homem: “Meu espírito, isto é, eu mesmo enquanto sou apenas uma coisa que pensa” (Descartes). Opõe-se ao corpo, à matéria, na medida em que é indivisível e totalizante. (Japiassu, 1993, p. 86)

Espiritualidade – dentre as definições que já aparecem nessa tese, escolhi a definição apresentada por Solomon (2003) A espiritualidade pode ser simples, restrita e unívoca tanto quanto multivocal, irrestrita e complexa. É difícil conceber espiritualidade sem acompanhamento musical, mesmo que seja apenas o silêncio dos céus ou o assobio do vento através das folhas num dia de outono. E mais uma vez, foi Pitágoras quem insistiu em que o silêncio aparente dos céus era na verdade “a música das esferas”, que só os deuses eram capazes de ouvir. A espiritualidade da música está em toda parte desde que tenhamos ouvidos para ouvi-la. (p.66)

Ética – Diz respeito aos costumes, preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme a sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinadas a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa. (Japiassu, 1993, p. 90)

Hermenêutica (p.121) A arte de interpretar. Todo esforço de interpretação científica de um texto que exige uma explicação. (Japiassu, 1993, p.118)

Lato sensu - Lato sensu é uma expressão em Latim que significa "em sentido amplo", para referir que determinada interpretação deve ser compreendida no seu sentido lato, mais abrangente.

Maieutica – Arte do parto. Por analogia, o filósofo dá à luz ideias. O filósofo segundo Sócrates deveria provocar nos indivíduos o desenvolvimento de seu pensamento de modo que estes viesse a superar a própria ignorância, mas através da descoberta por si próprios, com o auxílio do “parteiro”, da verdade que trazem em si. (Japiassu, 1993, p.158)

Mentoring - É um termo inglês, traduzido como desenvolvimento profissional e consiste em uma pessoa experiente ajudar "tutoria", "mentoria", "mentorado" ou "apadrinhamento". O *mentoring* é uma ferramenta de **outra** menos experiente. O mentor é um guia, um mestre, conselheiro, alguém que tem vasta experiência profissional no campo de trabalho da pessoa que está sendo ajudada. O *mentoring* inclui conversas e debates acerca de assuntos que não estão necessariamente ligados ao trabalho. (www.apos.com.br – 10 outubro/2013)

Paidéia – Formação do homem através do contato com a cultura. Platão define *Paideia* da seguinte forma "(...) a essência de toda a verdadeira educação ou *Paideia* é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento" (Jaeger, 1979, p. 147).

Plutarco - Lucius Mestrius Plutarchus) filósofo e biógrafo grego, nascido em 46 e falecido na mesma cidade de Queroneia, (atual Kaprena, região da Beócia) Grécia, em 119. É importante ressaltar a grande variedade de assuntos abordados por Plutarco em sua obra, abordando desde ensaios sobre a obra de Platão, retórica e religião, passando por comparações entre a inteligência dos animais e dos homens. (www.infoescola.com – 10 de setembro de 2013)

Razão – Faculdade de julgar que caracteriza o ser humano. É a capacidade de, partindo de certos princípios a priori, isto é, estabelecidos independentemente da experiência, estabelecer determinadas relações constantes entre as coisas, permitindo assim chegar à verdade, ou demonstrar, justificar, uma hipótese ou uma afirmação qualquer. (Japiassu, 1993, p.209)

Sistema Feudal – Pessoas e bens estavam sob o domínio de um senhor soberano, para o qual trabalhavam como servos.

Sofistas – Na Grécia Clássica, foram os mestres da retórica e oratória, professores itinerantes que ensinavam sua arte aos cidadãos interessados em dominar melhor a técnica do discurso, instrumento político fundamental para os debates e discussões públicas. (Japiassu, 1993, p.227)

Stricto sensu - em sentido estrito. Os cursos de pós-graduação mais longos que englobam mestrado e doutorado são designados por "stricto sensu" No final do curso o aluno recebe o título de mestre ou doutor.

Transcendente – Que está além do conhecimento, além da possibilidade da experiência, que é exterior ao mundo da experiência. Designando algo que pertence a outra natureza, que ultrapassa e é de uma ordem superior. (Japiassu,1993, p.237)

Catálogo na Publicação

S731e Sozo, Martha Luci Maria

**Educação e espiritualidade : um estudo de caso
ressignificando lideranças / Martha Luci Maria Sozo.
– Porto Alegre, 2014.**

176 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Lisia Franciosi Portal

1. Educação. 2. Espiritualidade. 3. Liderança.

I. Portal, Leda Lisia Franciosi. II. Título.

CDD 370

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363